II. A ESCAVAÇÃO ARQUEOLÓGICA DO SÍTIO PORTUÁRIO DE CHAUL NA COSTA OESTE DE MAHĀRĀṢṬRA, ÍNDIA — ETAPA 2005

Este capítulo apresenta os resultados da pesquisa arqueológica realizada no ano de 2005 pela equipe do *Deccan College Post-Graduate and Research Institute* no sítio portuário de Chaul, mencionado nas fontes textuais da Antiguidade como um dos maiores centros comerciais da costa oeste da Índia.

1. CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DA REGIÃO DE CHAUL

> O emporium indiano de Simylla foi localizado por Marinus
> a oeste do Cabo Comorim e também do rio Indo, no entanto,
> aqueles que ali navegaram e conhecem-no há tempos
> dizem estar ao sul do rio e que este lugar é chamado localmente Timoula.
> De tais pessoas nós viemos a saber outras cousas sobre a Índia,
> especialmente sobre suas províncias e as terras altas.
> (PTOLOMEU [*Geografia* I.17])

1. 1. AS FONTES TEXTUAIS

1.1.1 A CHAUL ANTIGA

As fontes literárias mencionam desde a Antiguidade o sítio portuário de Chaul sob nomes distintos como Chemula, Semylla, Simylla, Symulla, Timulla, Timoula, Chimolo, Sibor, Saimur, Jaimur e Ceul.

Alguns autores acreditam que no poema épico *Mahābhārata* a cidade era chamada Campāvati ou Revatikṣetra e, nesse caso, sua existência remontaria à época em que o lendário Kṛṣṇa teria reinado no Gujarat[1].

As fontes sobre o período Maurya e Sātavāhana na região do Konkan são escassas e não parece haver qualquer documentação histórica que mencione a cidade de Chaul. No entanto, a existência do antigo porto está atestada em inscrições, nas grutas budistas de Kanheri, próximas a Mumbai, e datadas de c. 130 d.C., nas quais Chemula é mencionada

[1] Estudos atribuem esse período a c. 1200 a.C., no entanto, tais datas são controversas. De acordo com o *Mahābhārata* a cidade teria possuído 1.600.000 edifícios, 360 templos e 360 lagos e era dividida em 16 distritos ou *pakhadya*; 3 deles teriam formado a Chaul portuguesa — Dod, Dakhavada e Murad. A cidade de Revatikṣetra teria sido visitada pelo terceiro Pandava — Arjuna durante seu exílio. O nome dessa cidade teria derivado do nome da esposa de Balaram, Revati, irmão de Kṛṣṇa. A montanha Raivatak seria o mesmo monte em que está atualmente situado o templo de Dattātraya. O nome Campāvati pode ter derivado da árvore Campa, a rede de pescar campa ou ainda de um rei de nome Campa (ver Da Cunha, *Chaul* IV:106-9).

como local de residência de dois irmãos que fizeram doações ao monastério[2]. A cidade aparece novamente como Chemula numa inscrição do século V d.C.[3] As demais evidências existentes sobre o período mais remoto de ocupação do porto de Chaul são as fontes arqueológicas, que serão tratadas mais à frente.

A cidade de Chaul foi possivelmente um dos mais importantes centros comerciais da antiguidade durante o período Romano e aparece citada nas fontes históricas ocidentais. Durante o período imperial romano, o crescimento do porto de Chaul esteve associado ao florescimento do comércio de algodão, registrado durante o governo de Vespasiano, no ano de 69 d.C.[4].

No século II d.C., Ptolomeu [*Geografia* I.17] mencionou a antiga Chaul como Simylla ou Timoula, entre o rio Binda e a enseada Bassein ou Balipatna, isto é, Palepattan ou Mahad. Na passagem, o geógrafo diz ter recebido informações sobre a costa oeste da Índia de pessoas em Alexandria, vindas de Simylla e que conhecia o país há muitos anos[5]

O porto de Chaul é citado no *Périplo do Mar Eritreu* como Semulla e é descrito como o primeiro mercado ao sul de Kalliena[6].

---

[2] Nagaraju (1981, p. 198;333-334) cita as duas inscrições (n.º 9 e 11): a primeira encontrada acima da cisterna dupla na gruta 6 que foi doada por um mercador de Sopāra e por *Sulasadata de Chemula* [*Chemulakasa heranikasa Rohiṇimitasa putasa Sulasadatasa poḍhi deyadhaṁma*]; a segunda no caminho acima da escavação n.7 [*Chemulikasa heraṇikasa* (*Seṭhini*)*mitasa putasa Dhamaṇakasa patho deyadhama*]. O *Bombay Gazetteer* (XVI, p. 172) menciona que *Sulasadatta era um ourives de Chemula*.

[3] A execução da gruta foi financiada por um mercador descrito como *famoso entre os ricos da grande cidade de Chemula, aquele cuja fama se difundiu pelos três mares*. Ver *Bombay Gazetteer* (XVI, p. 173, 189).

[4] Ver Warmington (1928, p. 108-112, 289-290). Para referências sobre a Índia durante Vespasiano, ver Plínio [*História Natural*]; para as demais obras da antiguidade, ver MacCrindle (1901; 1060); Warmington (1934); Filliozat (1949); Raschke (1979); Casson (1980); Karttunen (1989); e Cimino (1994).

[5] Ver Ptolomeu (1883 [I. XVII]); Renou (1925); Sastri (1927, p. 42-43); e o estudo mais recente em Lennart Berggren e Jones (2001:79,128). Warmington (1928, p. 108-113) observou , a partir da descrição fornecida por Ptolomeu, que Simylla não era mais um mero mercado local (τοπικόυ) mas um *emporium,* qual a cidade de Barygaza, que se tornou uma referência importante no comércio marítimo, no final do século I, e era freqüentado por comerciantes romanos. O Konkan foi descrito por Ptolomeu como o distrito dos *piratas*; a região teria permanecido sob ataques até o século XIX, época em que os ingleses eliminaram os corsários.

[6] Ver MacCrindle (1905, p. 129); Schoff (1912; 1917); Palmer (1947); Pirenne (1961); Macdowall (1964); Huntingford (1980); e Casson (1989). O documento anônimo, que possui datação controversa, menciona uma série de portos na região do Konkan, costa oeste da Índia: Barygaza, Souppara, Kalliena, Semulla, Mandagora, Palaepatmai, Meliziegara e Byzantion. Nele estão descritas as rotas, períodos favoráveis para viagens, os bens comercializados nos portos e os monopólios dos governos locais. Warmington (1928, p. 289) considera o documento anterior a Ptolomeu. A pesquisa de Casson (1989) concluiu que o documento seria do século I, mas outros autores, como Huntingford (1980), estabelecem datas mais tardias como o ano de 247 d.C. Para uma discussão das diversas datas propostas, ver Alterkar (1951); Majumdar e Pusalkar (1953); e Dehejia (1972, p. 22-25). Até pouco tempo, atrás a Symulla dos gregos e a Chemula de Kanheri eram identificadas como Chaul. No entanto, a descoberta de Chembur ou Chemud na ilha de Trombay na baía de Bombaim trouxe dúvidas se não seria esse o antigo centro comercial. Os estudos parecem favorecer Chaul como esse antigo porto, pois Chembur está na mesma baía que Kalyan (Kalliena) e, de acordo com o *Périplo*, Semulla estava abaixo (*weta*) ou seja, a sul de Kalliena. Para mais detalhes, ver *Maharashtra State Gazetteers*, *Kolaba District* (1964).

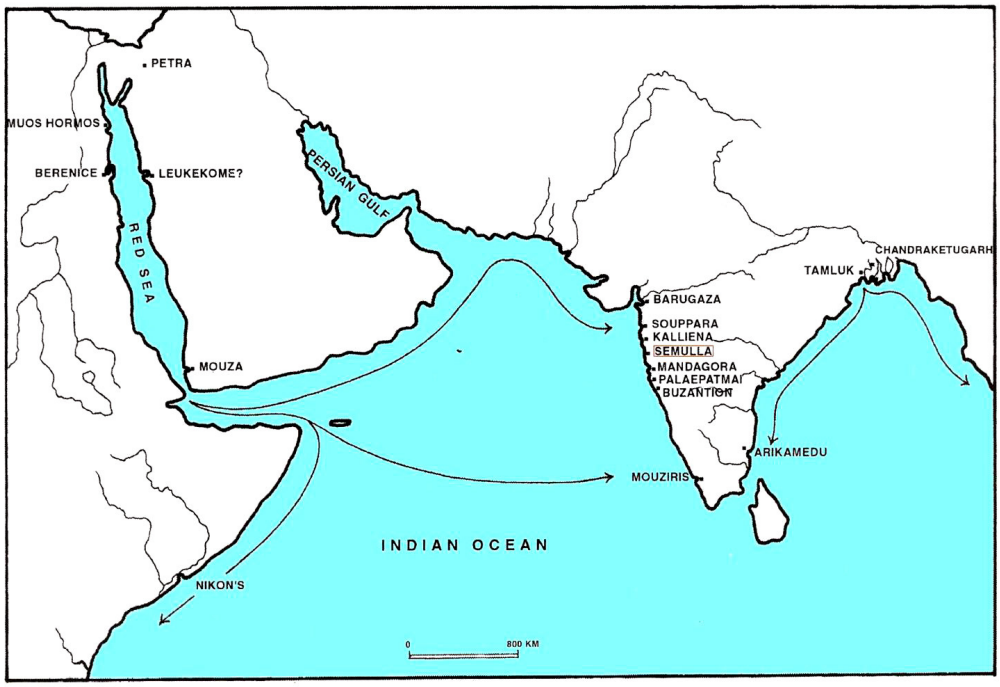


Figura 1. Mapa com alguns dos portos comerciais citados no *Périplo do Mar Eritreu* (Gogte 2004)

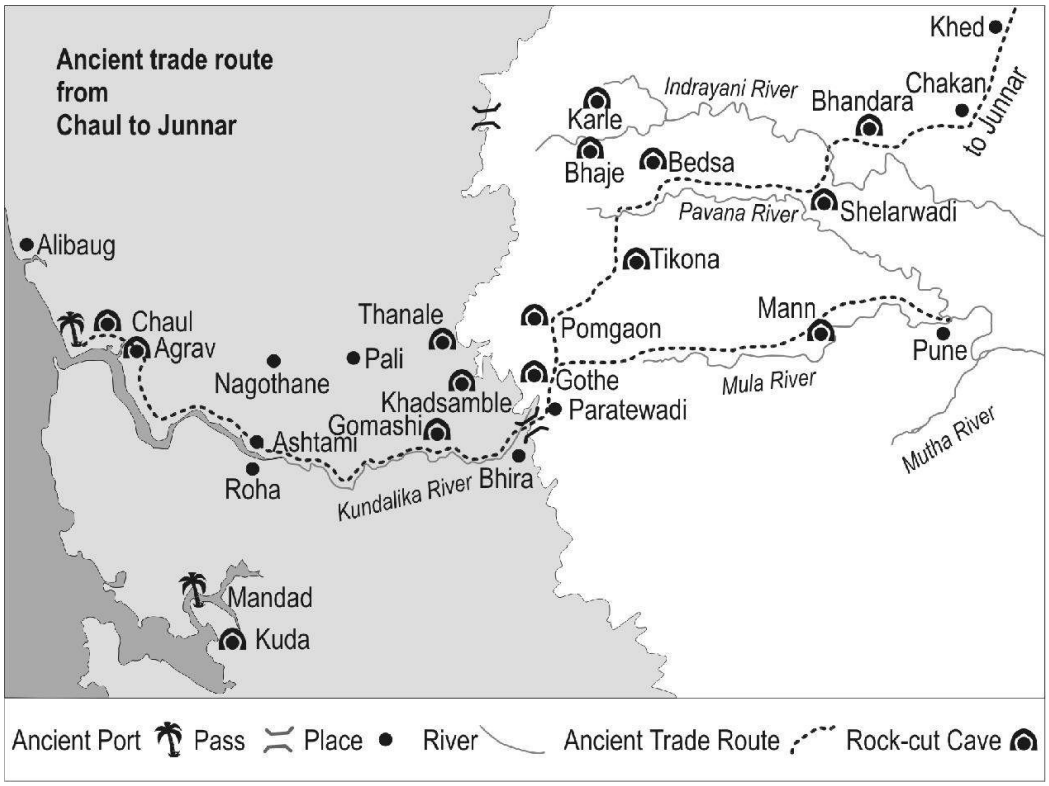


Figura 2. Mapa da antiga rota comercial que ligava o porto de Chaul ao planalto do Deccan com os principais sítios budistas (Gogte 2004)

O mercador grego do século VI, Kosmas Indikopleustes, mencionou a região de Sibor em seu *Topographia Christiana*[7], em 525 d.C., como um grande centro comercial entre os portos de Kalyāṇ (Kalliena) e Malabār (Kerala).

Um século mais tarde, por volta de 642 d.C., Chaul pode ter sido visitada pelo peregrino budista chinês Hiuen Tsang, que a teria descrito como Cimolo.[8]

1.1.2 A CHAUL INTERMEDIÁRIA

Durante os séculos X a XIV d.C., a cidade portuária de Chaul esteve sob o poder dos Śilahārā — como foi também chamada a dinastia indiana dos Rāṣṭrakūṭa, que governou o Konkan, entre 820 e 1260 d.C. Nos relatos dos viajantes árabes dos séculos X ao XII, o porto de Chaul é mencionado sob o nome de Saimur e Jaimur. Durante a visita de Masudi, em 915, Saimur era governada por um príncipe Śilahārā, chamado Djandja, ou Jhanjha. Nessa época a cidade possuía uma população muçulmana próspera, de aproximadamente dez mil habitantes, entre os quais, alguns mercadores muito respeitados que, com a permissão real, construíram várias mesquitas na região. A língua da população foi descrita como o *lari*, ou seja, o gujarate.[9]

---

[7] *Topographia Christiana*. Bibliotheca Cleri Universe (I, 525, p. 50).

[8] *Foe Koue Ki* [391], ver Julien (1858: I.193). No Foe Koue Ki, 391, o peregrino narra a passagem por Tchimolo ou Molokiutho que ficava no sul da Índia e possuía extensão de 5000 lis e grande riqueza que provinha do mar. As pessoas são descritas como *escuras* e *selvagens*. A leste (sul, em Julien 1858: I.193) da cidade estão os montes funerários construídos por Aśoka e seu irmão mais novo. O reino era margeado, ao sul, pelo mar. A montanha Moloye ficava a leste e, mais adiante, a montanha Pon-tha-lo-kia. Dali nascia um rio que corria ao redor da montanha e desaguava no mar, ao sul. A nordeste desse monte, na beira do mar, havia uma cidade da qual eles navegavam para o sul e o Ceilão. O Ceilão estava a 500 milhas (3000 lis) a leste.
Essa narrativa, embora vaga, possui alguns pontos interessantes, como a semelhança entre Chimolo e Chemula ou Chaul. O outro nome, Molokiutho, ou talvez Malakuda – a montanha de Kuda, pode se referir às famosas grutas budistas a vinte milhas ao sul de Chaul. No entanto, a identificação permanece duvidosa (ver *Maharashtra State Gazetteers*, 1964, p. 718). Em seu *Ancient Geography* (1871, p. 549-552), Cunningham identificou Molokiucha ou Malakuta com Madura(i), a sudeste do subcontinente; e Chimola ou Jhi-mu-ra com a Limurike ou Damurike, de Ptolomeu, o estado Tamil. Sain-Martin (1844) acreditava que o peregrino chinês apenas ouvira falar desses lugares e identificou Malakuta com a costa do Malabar e Chimolo com Kumari (atual Kanniyakumari) no Cabo Comorim.

[9] Masudi (*Prairies d'Or,* II, p. 85-87). O viajante Masudi possui uma passagem a respeito da auto-imolação, que descreveu ser um tanto comum entre a população do Konkan. Aquele que desejasse atirar-se às chamas deveria primeiro obter permissão do rei. Uma vez obtida, o homem deveria percorrer as ruas da cidade enquanto a pira era construída. Ele era acompanhado pelos amigos e de tambores e címbalos, era trajado com seda, tonsurado e coroado com *tulsi* (manjericão doce, *ocimum sanctum*); mascava a noz e as folhas da bétele. Após circundar a cidade ele se atirava ao fogo. Durante a morte de um rei, tal prática era comumente realizada entre os companheiros mais próximos. Talvez isso em parte explique a grande quantidade de Pedras de Herói — *vīragal*, encontradas na região, as quais serão descritas mais à frente.
O gujarate pode ter sido a língua comercial de Chaul, como ainda o é em Mumbai (ver *Maharashtra State Gazetteers* 1974, p. 719). Para a estatística populacional, *Bombay Gazetter* (XIII, p. 422).

Outros viajantes árabes como Muhalhil (941 d.C.), Ibn Haukal (976 d.C.), Al Biruni (1030 d.C.) e Al Idrisi (1130 d.C.) também forneceram importantes informações sobre Chaul. No ano de 942 d.C., além dos hindus, ali viviam muçulmanos, cristãos, judeus e parsis. A cidade possuía templos hindus, assim como mesquitas, igrejas, sinagogas e templos de fogo, dos zoroastristas. A cidade de Saimur é descrita em 970 d.C. como muito rica e repleta de coqueirais, mangueiras, plantações de cebolas e arroz.

Numa placa de cobre do século XI d.C., atribuída ao décimo quarto rei Śilahārā, Anantdev (1094 d.C.), Chaul aparece como Cemuli e é mencionada como um porto equivalente a Shurparaka (Sopārā) e Shristhanaka (Ṭhāṇā).[10]

No século XIII, Chaul foi governada por um membro da família Devgirī, da dinastia Yādava, que teria atacado o governante de Māhim (Mumbai). No século XIV, esse centro de poder Yādava, no Konkan, foi subjugado pelo general muçulmano Malik Kafur, designado por Ala-ud-din Khilji (1297-1351).

A descoberta de uma inscrição kanada, junto ao templo Rameswar em Chaul, indica que o poderio muçulmano foi derrotado, em seguida, pelo Vice-rei de Goa, e passou à autoridade do rei hindu Vijayanagar ou Anegundi (1336-1587). No entanto, tal domínio também não perdurou, posto que, no final do século XIV, a região se encontrava sob o controle dos hindus Bahamani.

1.1.3 A CHAUL TARDIA

A região do Konkan foi governada, no período tardio, pelos hindus Bahamani (1397-1422), e em seguida pela dinastia brâmane Ahmadnagar (1490-1595 d.C.). Nos séculos que se seguiram Chaul foi visitada e comentada por muitos viajantes europeus, como o russo Nikitin (1470), que a chamou Chivil, o português Barbosa (1514), menciona-a como Cheul, e o inglês Fitch (1584), que utiliza seu nome atual.[11]

As fontes escritas narram a chegada dos primeiros portugueses, ao porto de Chaul, por volta do ano 1505. As naus, chefiadas pelo comandante Dom Lourenço de Almeida, filho do então Vice-rei, atacaram e venceram os rivais muçulmanos e ofereceram proteção ao rei

[10] Ver *Maharashtra State Gazetteers* (1964, p. 717-719); e *Indian Antiquary* (IX, p. 38).
[11] Para uma listagem de viajantes e dos nomes atribuídos a Chaul, ver *Maharashtra State Gazetteer* (1964, p. 716).

hindu da dinastia dos Ahmadnagar, em troca de ouro. Acordos foram firmados entre o rei brâmane e os portugueses e o comércio portuário cresceu.

Por volta de 1514, a cidade de Chaul era o único grande centro comercial entre Surat e Goa, especialmente nos meses de inverno (dezembro a março), nos quais um grande mercado era organizado nas adjacências dessa área, descrito por Barbosa. O comércio marítimo desenvolveu-se tanto entre Chaul, o Golfo Pérsico e Arábia, quanto com a região costeira indiana, especialmente com Goa e o Malabar, ao sul, e o Gujarate, ao norte[12].

Após um ataque das tropas de Bijāpūr, Chaul foi queimada e saqueada em 1521, e o rei hindu pediu aos portugueses que construíssem um forte na Chaul baixa. Apesar das investidas inimigas subseqüentes, a fortaleza[13] foi concluída em 1524. Poucos anos depois, uma armada do Gujarate atacou Chaul e venceu a esquadra portuguesa. O rei brâmane dos Ahmadnagar, Burhān Nizām, foi subjugado pelo soberano do Gujarate, Bahādur Shah, forçado a reconhecer sua supremacia e tornar-se um aliado. Após a morte do rei do Gujarate, em 1535, as relações amistosas entre os Ahmadnagar e portugueses foi restabelecida, e Chaul voltou a ser o próspero empório da região.

Nas décadas seguintes, períodos de paz foram entremeados por ofensivas dos próprios reis Ahmadnagar, que não desejavam ver o poderio português dominar a região. Nessa época, o monastério Franciscano e a igreja Dominicana, dentro da fortaleza, foram bombardeadas. Durante 1577 sabe-se que os portugueses ampliaram suas defesas e fortificações. Nesse período, Chaul era visitada por navios de Cambay, Sind, Bengala, Ormuz, Maskar e do Mar Vermelho. [14]

---

[12] Ver Da Cunha (1876, p. 23-30, 35-37). Navios mercantes levavam para a Europa, através de Diu e Meca, grãos como trigo, arroz e gergelim, vegetais, musselina e produtos de algodão; e traziam de Portugal cobre, mercúrio e cinábrio.

[13] Ver Da Cunha (1876, p. 39-42).

[14] Ver *Maharashtra State Gazetteer* (1964, p. 722-725, 730).
Em 1583, Chaul foi visitada pelo holandês Jean Hugues de Linschot, que a descreveu como uma cidade fortificada, com uma enseada aprazível e famosa pelo comércio. Haviam fábricas de algodão e o comércio de arroz, índigo e pedras preciosas era intenso. A seda era trazida da China e tecida numa cidade vizinha. Móveis de madeira laqueada também era fabricados em Chaul. Poucos anos depois, em 1586, o veneziano Caesar Frederick, observou as duas cidades de Ceul, uma portuguesa e fortificada, na saída da enseada, e outra moura, a cerca de 1,5 milhas rio acima; ambas eram portos comerciais com tráfico intenso de mercadorias. A Chaul Alta era o centro de manufatura dos artesãos, tecelões de algodão e seda. De Portugal, Meca e da China vinham o sândalo, seda, veludo, tecidos vermelhos e porcelana; de Chaul saiam navios carregados de ferro, bórax, assa-fétida, milho, índigo, ópio, seda e algodão, que seguiam para outras partes da Índia, Malacca, Macao na China, Ormuz, oeste da África e Portugal. A produção local incluía a manufatura de contas de vidro, exportadas em grande quantidade para a África.
A Chaul portuguesa foi visitada por personalidades ilustres, desde o século XVI, entre os quais Affonso D'Albuquerque, Vasco da Gama, São Francisco Xavier, Diogo do Couto e o próprio Camões.

As descrições de Chaul, durante todo o século XVI, revelam uma região extremamente próspera. Em 1592, Burhān Nizām II, ordenou a construção do forte de Korlai[15], na margem esquerda do rio Kuṇḍalīkā, e iniciou ofensivas contra o forte português do outro lado do rio Kuṇḍalīkā. No entanto os portugueses conseguiram manter o controle da região.[16]

Em 1600, a cidade alta de Chaul passou para o controle do imperador mugal Akbar e foi chamada Mamale Mortezabad. Nesse período as relações entre muçulmanos e portugueses são relatadas como amistosas.

Durante o século XVII, as conseqüências da transferência do poder naval português para os holandeses também afetaram o porto de Chaul. No entanto, as alianças firmadas entre os muçulmanos e portugueses, em 1617, conseguiram manter holandeses e ingleses afastados da região, bem como os piratas do Malabar[17]. Em 1648, o rei marāṭhā Śivāji subjugou o Konkan e, por volta de 1672, seu exército havia reduzido a Chaul muçulmana a ruínas.

O declínio do porto de Chaul deu-se por volta da metade do século XVII, decorrente, por um lado, da perda do monopólio marítimo português, suplantado pelo holandês, e, por outro, da implantação do comércio britânico em Bombaim (Mumbai), em 1666. A prosperidade e comércio da Chaul portuguesa perderam força pois, nessa época, muitas fábricas de seda foram transferidas para a capital de Mahārāṣṭra.

Em 1681, a Chaul *marāṭhā* foi pilhada pelo Sidi e o rei Sambhāji, furioso com os portugueses que não procuraram impedir o ataque, decidiu promover uma retaliação contra a Chaul portuguesa. Incapaz de vencer, ele ordenou a construção do forte de Rājkoṭ, e as ofensivas continuaram.

---

[15] Na margem esquerda do rio Kuṇḍalīkā pode ser observado o forte de Korlai, sobre um maciço rochoso estreito que se eleva verticalmente 80 m acima do mar. O forte, construído no topo da parte norte do maciço Korle, possui, além da fortificação central, três fileiras de muralhas que o circundam. A construção imponente pode ser observada em frente à foz do rio, que ali faz uma curva à direita para encontrar o oceano Índico. Abaixo do forte encontra-se uma estreita faixa de terra cultivada, com arrozais e coqueirais, na qual está situado o vilarejo de Korle. Ao lado desse vilarejo se erguem as montanhas Jañjīrā a cerca de 240 m de altura. Em 1959, foi construído um farol na base dessa rocha para auxiliar os navegantes. A pequena vila de Korle sobreviveu em relativo isolamento, desde 1740, e preservou traços culturais euro-asiáticos. Até os dias de atuais existe, nesse lugarejo, uma comunidade indo-portuguesa cristã, com aproximadamente mil famílias, que falam o crioulo português, tema de alguns estudos lingüísticos e etnológicos. Ver Jackson (1987; 1996).

[16] Ver Da Cunha (1876, p. 42).

[17] Ver Pietro Della Valle (*Viaggi* III, 1625, p. 409).

Em 1739, a cidade-fortaleza de Bassein caiu sob o domínio *marāṭhā* e os portugueses também não foram capazes de manter o poderio em Chaul[18].

Os portugueses ofereceram Chaul e Korlai aos ingleses, que os haviam auxiliado durante a tomada de Bassein. Durante as negociações de paz, em 1740, Chaul foi cedida aos *marāṭhā* que, em troca, deixaram a região de Goa para os portugueses. A partir de então, Chaul nunca mais recuperou sua importância comercial. Em 1778, uma comitiva francesa ancorou em Chaul e seguiu até Poona (atual Pune, antiga Ter ou Tagara). A partir das negociações firmadas, os *marāṭhā* transferiram o controle do porto para os franceses, aliança que parece ter causado grande constrangimento em Mumbai.

2. A PESQUISA ARQUEOLÓGICA NO SÍTIO PORTUÁRIO DE CHAUL

Antes de apresentar os resultados da escavação arqueológica do sítio portuário de Chaul — etapa 2005, serão descritos, a seguir, os principais vestígios arqueológicos, edificações e monumentos, documentados durante o levantamento realizado na região.

2.1 AS ÁREAS DE OCUPAÇÃO ASSOCIADAS AO SÍTIO PORTUÁRIO DE CHAUL

Durante a exploração da região de Chaul, realizada durante as três etapas de campo, foram documentados vestígios arquitetônicos, pertencentes às principais fases de ocupação, descritas anteriormente, que permaneceram preservados na superfície do sítio arqueológico. Tal levantamento exploratório foi acompanhado de registro fotográfico e mostrou-se fundamental à compreensão do contexto em que esteve inserido o antigo sítio arqueológico de Chaul, antes de seu declínio.

A fase de ocupação mais antiga do sítio é representada pelos três conjuntos de grutas budistas talhadas na rocha, associados ao período Sātavāhana e localizados próximo à Chaul Alta, junto da antiga rota comercial que ligava a cidade portuária ao planalto do Deccan, mencionada no capítulo anterior. Pouca informação pôde ser coletada sobre a fase intermediária de ocupação de Chaul, período em que hindus e muçulmanos se sucederam no domínio da região e do qual poucos vestígios arquitetônicos restaram, devido às recorrentes disputas de poder. A maior parte dos vestígios preservados pertence à fase mais tardia, durante

[18] Para detalhes sobre as cidades-fortaleza portuguesas na Índia, como Bassein e Damão, ver Teixeira (1996, p. 15-26). O viajante francês François Pyrard, por volta de 1601 e 1608, descreveu tais cidades e naquela época observou a diferença existente entre a extremamente rica Chaul, Bassien e Damão (*Maharashtra State Gazetteer* 1964, p. 758).

a qual Chaul esteve dividida entre a cidade alta — hindu ou islâmica, e a cidade baixa - portuguesa. Tal período de ocupação é representado, na Chaul Alta, por monumentos que incluem templos hindus, mesquitas, tumbas e o forte de Rājkoṭ. Na Chaul Baixa encontram-se as ruínas do forte português, o Āgar Koṭ.

Cabe ressaltar, que as causas da má preservação dos monumentos arquitetônicos pode ser atribuída a uma soma de fatores que conjugam, por exemplo, a construção de uma grande parte dos edifícios em materiais perecíveis, como a madeira, que não se conservaram. Ao mesmo tempo, as guerras sucessivas que permearam a história do sítio, ocasionaram a destruição recorrente de templos hindus, pelos muçulmanos e portugueses, decorrentes, também, da intolerância religiosa — um exemplo dos conflitos existentes no campo político-religioso foi, por exemplo, a construção do grande *Masjid* muçulmano sobre as ruínas de um templo hindu dedicado ao deus Śiva. Junto a tais fatores, cabe ressaltar a atual ausência de uma política de preservação sistemática dos monumentos, que prejudica irreversivelmente a conservação do sítio histórico — exemplo mais evidente da influência de fatores econômicos na região, pôde ser constatada na área do forte português Āgar Koṭ, que foi inteiramente loteada e vendida a proprietários particulares, sem qualquer preocupação relacionada à integridade ou salvaguarda das ruínas, cabendo exclusivamente ao comprador a decisão sobre a preservação ou destruição dos monumentos que pertencem ao terreno adquirido.

A seguir encontra-se a descrição detalhada desses vestígios arqueológicos e ruínas arquitetônicas.

2.1.1 A CHAUL ALTA

A estrada de Alibāg, que chega a Chaul pelo lado norte, possui uma bifurcação, a leste, que leva ao vilarejo atual de Chaul, antiga Chaul Alta, e passa pelo lago Bhavāle e ao longo do lado sul da cadeia montanhosa, nos limites do vilarejo. Na bifurcação da estrada, se for tomada a direção oeste, tem-se acesso à Chaul baixa, atual vilarejo de Revdaṇḍā.

AS GRUTAS BUDISTAS DE CHAUL

Os três conjuntos de grutas budistas talhados na rocha são os vestígios arquitetônicos mais antigos associados ao sítio portuário de Chaul, durante o período Sātavāhana, e se encontram a cerca de dois quilômetros de distância do mesmo, nas encostas das montanhas a leste da cidade alta.

A montanha na extremidade leste, conhecida como monte Hiṅglaj, é o ponto mais elevado da cadeia (165 m), na qual estão dois conjuntos de grutas budistas e, no seu topo, um templo hindu dedicado ao deus Dattātraya, que será descrito mais adiante.

A leste da montanha Hiṅglaj encontram-se o estreito de Pīr, que separada esta de outra cadeia de montanhas chamada Sāgargaḍ. Essa estrada foi, possivelmente, a principal rota comercial da antiga Chaul para o interior de Mahārāṣṭra. Durante a exploração da região, para levantamento das grutas budistas, foi encontrado um terceiro conjunto inédito, na face sudoeste da montanha mais próxima ao estreito de Pīr.

Os conjuntos monásticos estiveram associados às duas conhecidas rotas comerciais que ligavam o porto de Chaul ao planalto do Deccan[19]. Uma primeira, a nordeste, partia do porto de Chaul e passava pelo estreito Borghat, estava associada às grutas de Chaul, Ramdharan, Nadsur, Karsamble, Gomashi, esse mesmo estreito ligava o porto de Kalliena (atual Mumbai) às grutas de Kārlī, Bhājā, Bedsā e Shelarvadi, até a cidade de Ter (Tagara, atual Pune). A segunda via seguia a sudeste até a cidade de Mahad, passava pelo estreito Varandha por meio do qual também chegava a Ter, essa rota estava associada aos conjuntos monásticos de Kuda, Mahad, Kol e Shirval. Esses conjuntos serão descritos a seguir.

O Conjunto Monástico CHAUL I

[19] A associação entre as rotas comerciais e as grutas budistas é conhecida a mais de um século, o reverendo Abbott (1891:121) descobriu as grutas de Nadsur justamente porque estava convencido da existência de grutas budistas ao longo da rota que ligava Chaul ao interior. Ver também Codrington (1930, 10-13); Kosambi (1955, p. 51-52); Dehejia (1972, p. 30-31). Para mais detalhes, ver a nota 42 do capítulo anterior.

Rotas mais recentes foram propostas por Marathe (2000) e Gogte (2004). Os pesquisadores observaram que a maioria das rotas que partiam de Chaul passavam por Gomashi, à margem direita do rio Kuṇḍalīkā, e, antes, pelas grutas de Agrav, Chinchoti (um *leṇa* simples descoberto por Marathe) e Ashtami. Assim temos:

1. Gomasi – estreito de Paratewadi (Pimpri) – Gothe – Mann até Nevasa e, então, Paithan. O estreito Paratewadi, fica próximo ao Pimpri e a gruta em Gothe, junto à estrada Mulaṣi-Lonavla, no Maval Taluk.
2. Gomasi – estreito de Paratewadi (Pimpri) – Gothe – Pomgaon – Tikona – Bedsā – Shelarwadi – Bhandara – Chakan a Junnar e, então até Nasik ou Nevasa e Paithan.
3. Gomasi – Khadsambale (Nenavali) – Thanale (Nadsur) – o estreito Vaghjai – Bhājā – Kārlī – Bhandara a Junnar e, então, até Nasik ou Nevasa.
4. Gomasi – Khadsamble (Nenavali) – estreito Kivni – Pomgaon – Tikona – Bedsā – Shelarwadi – Bhandara – Chakan a Junnar e, então, até Nasik ou Nevasa e Paithana.
5. Gomasi – Gandharpale – Mahad – Kol – estreito Varandha – Shirwal – Khandala – estreito Khambataki – Satara – Karad a Kolhapur (Brahmapuri).
6. Gomasi – Gandharpale – Mahad – Khed – Chiplun – estreito Kumbarli – Khopi – Shirgaon – Helwak – Alore – Karad a Kolhapur.
7. Chaul – Agrav – Chinchoti – Nagothana – Pali (Sarasgad) – Thanale – estreito Vaghjai – Thergaon – Mann a Pune e, então, até nevasa e Paithan.
8. Chaul – Agrav – Chinchoti – Ashtami – estreito Tamhini – Tikona – Bedsā – Shelarwadi – Bhandara – Chankan a Junnar e, então, até Nasik ou Nevasa e Paithan.
9. Chaul – Agrav – estreito Kārlī – Khandale – Ramdharan – Sankṣi – Vakrul – estreito Bor – Kārlī – Bhājā – Shelarwadi a Junnar.

O primeiro conjunto de grutas budistas — Chaul I (N 18º34'05.8", EO 72º56'49.2"), está situado na face oeste da montanha Hiṅglaj, sobre uma plataforma larga e extensa. Entre as 6 escavações existentes, pelo menos 4 são do período mais remoto da ocupação budista, a demais provavelmente são acréscimos posteriores, de época hinduísta. O acesso ao local se dá a partir de uma antiga rota comercial, atualmente asfaltada, que leva até o sopé do morro, a cerca de 2 quilômetros de distância do sítio arqueológico da Chaul Alta. Para alcançar as grutas e os templos é preciso subir uma escadaria moderna com 158 degraus. No alto da montanha é possível avistar o mar atrás dos coqueirais de Revdaṇḍā.

O local foi ocupado, num período mais tardio, pelo templo da deusa Hiṅglāj, divindade que dá o nome ao monte e que é objeto de adoração até os dias atuais. Outras construções modernas foram somadas ao conjunto monástico original, descaracterizando-o. Durante a exploração do conjunto, a área encontrava-se em reforma, por razão de festividades religiosas que seriam realizadas em breve, as grutas tinham recebido uma camada de pintura branca. O conjunto original encontra-se, nesse sentido, extremamente descaracterizado.

As grutas foram numeradas a partir da extremidade sul.

Ao chegar ao topo da escada observa-se, à direita, a Gruta 1, talhada na rocha e ocupada, no presente, por um templo hindu. A sala possui cerca de 5,20 m de largura por 4,60 m de profundidade e sua altura varia entre 1,80 m e 2 m; a parte da lateral noroeste contém um nicho, atualmente com uma imagem hindu de Āśāpurī Devi. Na parede sul da gruta, encontram-se duas celas: a cela leste possui um 1,30 m por 1 m de profundidade; a cela oeste possui 1,20 m de largura por 1,20 m de profundidade; na frente da parede oeste da gruta há uma janela possivelmente original, a fachada da porta com arco ogival e o teto piramidal são acréscimos tardios.

As características arquitetônicas internas da gruta levam a crer que se tratou de uma escavação do período budista — um *leṇa* simples, com duas celas, que foi, mais tarde, adaptado para o templo hindu.

Na parte externa da Gruta 1, à direita, há uma escadaria com 30 degraus, que leva às duas grandes cisternas — *poḍhi,* talhadas na rocha, ambas do período budista primitivo. A cisterna mais alta possui 5,5 m por 4,30 m e a segunda mede 4,80 m por 5,50 m

Ao norte, abaixo das cisternas, há um portal que leva à Gruta 2 — o templo atualmente dedicado à deusa Hiṅglaj — ou Hiṅguḷja Bhavāni, que, de acordo com informações locais, é a protetora dos mercadores. Na frente do templo há um pátio amplo com um pequeno altar com *tulasi* (*ocimum sanctum*) e pilares altos com lamparinas. Uma

passagem estreita, entre as paredes externas e a rocha da montanha, permite a circum-ambulação do templo. Devido a uma perda no reboco é possível observar que as paredes do templo foram originalmente talhadas na rocha. O santuário do templo mede 2,5 m de largura por 2,30 m de profundidade, e 2 m de altura; a ante-sala mede 5,10 m de comprimento por 3,5 m de largura e 2 m de altura; um teto piramidal recobre essa área; a varanda possui dois pilares e seis pilastras laterais; um teto frontal, com telhas, foi adaptado sobre dois pilares octogonais.

A construção, embora escavada na rocha bruta, não preservou qualquer característica que a associe ao período mais antigo do conjunto monástico, porém existe uma menção à existência de uma antiga cisterna[20], talhada na rocha, abaixo do nicho que abriga a imagem da deusa, que pode ser um indício de sua antiguidade.

Cerca de 8 m ao norte deste templo encontram-se as demais grutas.

A gruta 3 possui uma ante-sala e um pequeno santuário. A sala mede 4,10 m de largura por 2,30 m de profundidade, e tem 1,60 m de altura; uma abertura na parede traseira, com 0,50 m de largura e 1,15 m de altura, leva ao santuário ou à pequena cela no fundo, com 2,35 m de largura, 1,87 m de profundidade e 1,60 m de altura. A cela possui bancos laterais talhados na rocha — *asanapeḍhikā*; na parede do fundo há um nicho com 0,50 m de largura e 0,90 m de altura no qual se encontra consagrada uma imagem da deusa Aṣṭbhujā Deva, ou Caturśiṅghi. A construção apresenta características de um *leṇa* simples, adaptado às necessidades mais tardias.

As escavações 4 e 5 são *koḍhi* — um recesso ou nicho talhado na rocha, ambos são elementos arquitetônicos do período de ocupação budista. O primeiro mede 1 m de largura e de altura, e aproximadamente 2 m de profundidade; o segundo, 1 m de largura, 3,5 m de profundidade e 1, 20 m de altura.[21]

Na lateral esquerda encontra-se a Gruta 6, um *leṇa* bastante descaracterizado. Originalmente a gruta parece ter sido dividida em quatro recintos (celas) menores, cujas paredes frontais desmoronaram. A cela à direita, na parede sul, é quadrada e possui 2 m de largura e 1,20 m de altura. O recinto central, possivelmente uma ante-sala, mede 6,20 m de

[20] A cisterna não foi encontrada durante a exploração e possivelmente foi recoberta durante adaptação tardia. Da Cunha (1876, p. 120) a descreve com forma quadrada, com 1,50 m de largura e 0,45 m de profundidade; o autor menciona uma inscrição sobre a cisterna que, já na época de sua visita, estava desgastada. Infelizmente, as alterações sucessivas, ocorridas nessa gruta, não preservaram suas características originais.

[21] Da Cunha (1876, p. 121) mencionou a existência de duas imagens bramânicas antigas no fundo deste segundo nicho, no entanto, encontramos apenas uma.

largura por 2,60 m de profundidade, e tem 1,60 m de altura.; na parede posterior há um banco de pedra com 1,90 m de largura e 0,70 m de profundidade, ao qual foi adaptado um armário de madeira. Na lateral oeste há uma cela com dois 2 m de largura por 1,80 m de profundidade, e 1,90 m de altura. A cela junto à parede noroeste mede 1,80 m de profundidade e 1,70 m de largura; possui uma área de rocha bruta que atualmente é objeto de devoção do culto hinduísta e recebeu pintura laranja. As celas laterais possuem três fornos modernos de tijolos.

Figura 3. Lateral oeste da Gruta 6 com estupa em baixo-relevo.

Na parede noroeste, ao lado da cela menor está o único elemento iconográfico budista do conjunto Chaul I: um estupa — *dāghobā caitya*, talhado em baixo-relevo na rocha. O estupa possui cilindro e faixa com motivo de *vedikā* ao seu redor; domo hemisférico e um *harmikā* com cinco plataformas invertidas; acima, um *yaṣṭī* e o único *chattra*, que alcança o teto acima representado; o domo mede 0,60 m de largura por 1 m de altura; o *harmikā,* o *yaṣṭī* e o *chattra* medem 0,45 m de altura. O estupa possui características cuja datação é geralmente atribuída aos séculos I-II d.C. [22]

[22] Ver o relevo de estupa presente na gruta 27 do conjunto monástico de Mahad, bem melhor preservado e os estupa memoriais da gruta 20 de Bhājā.

Na frente dessa gruta existiu uma varanda, com 2,20 m largura, que se estendia até a Gruta 3, como pode ser observado pelos encaixes para pilares de madeira que se preservaram na frente do conjunto. É possível, cabe notar, que algumas das grutas tenham sido escavadas num período anterior à Era Cristã.

Acima da parede noroeste há uma outra escadaria à direita que leva às cisternas, mencionadas anteriormente, e à esquerda, outro lance de degraus leva ao topo da montanha, no qual se encontra o templo dedicado ao deus Dattātraya.

O conjunto monástico Chaul I é o maior encontrado nessa área próxima ao sítio arqueológico de Chaul, mas suas dimensões modestas indicam que ele teria abrigado apenas um número reduzido de monges.

As Grutas do Conjunto CHAUL II -

Na face sudeste da montanha Hiṅglaj encontra-se o segundo conjunto de grutas budistas — Chaul II (N 18º34'06.2"; EO 72º56'53.1"), composto de apenas duas grutas voltadas para sudeste. Do alto das grutas é possível avistar, ao sul o coqueiral de Chaul, o rio Kuṇḍalīkā, o forte Korlai e os montes Jañjīrā; a sudeste observa-se o rio que passa ao longo dos montes Rohā.

Figura 4. Plano geral das fachadas das grutas do conjunto Chaul II

O acesso a essas grutas é bem mais difícil e exige uma caminhada de cerca de trinta minutos pela encosta desmoronada da montanha. A aproximadamente 30 m da base da montanha há um *leṇa* simples e pequeno, cuja única cela mede 2,30 m de largura por 1,30 de profundidade e 2,40 m de altura; a parede frontal desabou; mas há vestígios de uma varanda estreita e marcas de cinzel nas paredes. Junto à lateral direita da cela há um *asanapeḍhikā* - banco talhado na rocha, com cerca de 1,50 m de largura.

Acima do banco e cerca de 1 m à direita (leste) da primeira gruta encontra-se o segundo *leṇa*, de difícil acesso, atualmente, devido ao desmoronamento da rocha na área lateral direita que permitia alcançar a gruta: a cela simples mede 3,5 m de largura por 1,80 m de profundidade e 2 m de altura; a porta de entrada da cela possui 0,95 m de largura por 1,65 m de altura; na frente da cela uma varanda com aproximadamente 3,5 m por 1,5 m de largura apresenta perfurações no solo, provavelmente para encaixar as vigas de um telhado ou anteparo de madeira, hoje encobertas pela vegetação.

Os *leṇa* não possuem qualquer ornamentação ou inscrição, ambos estão mal conservados e tomados pela vegetação rasteira que se espalha pela montanha. Sua simplicidade remete ao período mais antigo do Budismo primitivo, em que as grutas eram escavadas para abrigar monges durante os retiros anuais na época das monções[23].

A Gruta do Conjunto CHAUL III

A leste da montanha Hiṅglaj encontram-se o estreito de Pīr, que separada esta de outra cadeia de montanhas, chamada Sāgargaḍ. Essa estrada é uma continuação do caminho que leva ao templo hindu dedicado a Someśvar e, possivelmente, foi a principal estrada comercial da antiga Chaul em direção ao planalto do Deccan.

Na face sudoeste da montanha mais próxima ao estreito de Pīr se encontra uma gruta budista com estupa — Chaul III (N 18º33’53.8”; EO 72º57’10.3”), encontrada durante exploração da área e da qual não há registro anterior. O acesso à gruta se dá pela encosta da montanha, numa caminhada de cerca de duas horas. Da entrada da gruta são avistados o rio Kuṇḍalīkā e os montes Jañjīrā na margem oposta.

A entrada do *caityagṛha*, voltada para o sul, possui uma porta com cerca de 0,90 m de largura, cujo teto desabou. Na fachada ainda se observam duas janelas laterais: uma à

[23] Ver a nota 55, no capítulo anterior.

direita da porta, quadrada e com 1,60 m de largura; e outra, à esquerda, com 2 ,80 m de largura e cerca de 1 m de altura, com as laterais desmoronadas.

Figura 5. Entrada da gruta Chaul III

Figura 6. Sala posterior com o estupa tridimensional da gruta Chaul III

A ante-sala ampla possuiu bancadas — *asanapeḍhikā,* que acompanhavam todo perímetro das paredes internas laterais e posterior. A ante-sala mede cerca de 8, 30 m de largura por 7,20 m de profundidade e 2,20 m de altura. A parede posterior possui uma abertura para o santuário no qual se encontra um estupa tridimensional. Na parede posterior, a abertura que leva à sala quadrada que abriga o estupa possui 4,20 m de largura e profundidade; sua altura é de 1,90 m O estupa tridimensional foi talhado na rocha no centro da sala e a 0, 60 m de distância da parede posterior; embora bastante danificado, o estupa possui cilindro e domo semicircular com aproximadamente 1,30 m de diâmetro; não há vestígios da provável decoração no cilindro; um *harmikā* quadrado e longo se eleva até a plataforma invertida de sete degraus junto ao teto; o estupa possui a mesma altura da sala. As características apresentadas pelo estupa, embora bastante danificado, podem ser observadas num dos estupas memoriais da gruta 20 de Bhājā, cujos exemplares mais tardios — com *chattra*, foram datados do século II d.C. A gruta pertenceu, provavelmente, aos séculos II ou I a.C. e pode ser a mais antiga de Chaul.

Ao lado do estupa encontram-se dois relevos apoiados na parede esquerda com divindades hindus — provavelmente trazidos de algum antigo templo nas redondezas e que são objeto de culto dos habitantes locais. As marcas brancas e vermelhas nas paredes internas, as cruzes suásticas nas paredes externas e internas, os tijolos espalhados pelo chão e utilizados como fogareiro, os troncos e gravetos queimados confirmam um uso recente, possivelmente, dos ascetas hindus que costumam vagar pela região.

OS TEMPLOS HINDUS E AS RUÍNAS ISLÂMICAS

No topo do monte Hiṅglaj, o ponto mais elevado da cadeia montanhosa junto ao sítio de Chaul, encontra-se o templo dedicado ao deus Dattātraya. A escadaria que leva ao templo, a partir do conjunto de grutas budistas, possui cerca de setecentos degraus, construídos a partir das doações dos devotos da região[24]. O templo fica entre pequenas casas que, no século XIX, eram ocupadas por uma família de brâmanes e alguns ascetas. A imagem do deus foi esculpida em pedra e possui as três cabeças e seis braços dos deuses Brahma,

[24] Em uma placa, junto ao parapeito direito, há uma inscrição em *marāṭhī* na qual se menciona o ano de 1848 e o nome de Sāvitrībāī Kṣatrī. Aproximadamente cem degraus abaixo, em outra inscrição, a data registrada é 1854 e o doador Mahādobā Lakṣaman. Para mais inscrições e detalhes, ver *Maharashtra State Gazetteer* (1964, p. 750).

Viṣṇu e Śiva, que ele representa. No alto da escadaria, junto a uma cabana de asceta, costumava haver uma figueira *umbar* (*Ficus Glomerata*), símbolo do deus Dattātraya.

A aproximadamente 1 quilômetro a leste da colina encontram-se vários *vīragal* — as *pedras de herói*, ou *pedras memoriais,* como também são conhecidas[25]. Elas possuem formato retangular e, geralmente, apresentam uma ou duas figuras humanas entalhadas, por vezes associadas a animais e elementos em formato de sol e lua. Nesse local está uma pedra erigida a um casal de noivos que teriam sido, segundo a lenda, *tragados pela terra*. Pouco mais ao sul, encontra-se um pequeno santuário para o espírito de uma mulher Māṅg (tribal). Algumas antigas pedras talhadas indicam que o local pode ter sido um antigo templo hindu.

Na estrada que leva ao Templo Someśvar encontram-se outros *vīragal* e pedras *satī* — de nobres marāṭhā. O antigo templo, dedicado ao deus Śiva, foi reconstruído após o período islâmico e possui arquitetura típica da região, com dois domos e arcos ogivais. As paredes da primeira sala são octogonais e ele possui cerca de 8 m² de tamanho, por 4 m de altura, no centro se encontra uma escultura de *nandi* — o touro que serve de veículo ao deus; a ante-sala possui quatro paredes e cerca de 6m². A parte posterior do templo abriga o *sancto sactorum*, que fica 1,5 m abaixo do nível da ante-sala e mede cerca de 3,5 m² e, no qual, está o *liṅga* — forma como o deus costuma ser adorado. A porção inferior dessa escultura possui laterais facetadas, indício de sua antiguidade[26]. Essa é a parte mais antiga e conservada da edificação, construída na direção leste-oeste. Uma outra imagem do touro *nandi*, mais antiga e danificada, pode ser observada na parte externa frontal do templo, possivelmente, fez parte da edificação mais antiga, sobre a qual a atual foi construída — como pode ser observado na lateral esquerda em que se avista a antiga estrutura do edifício. Alinhados ao redor da árvore, na lateral direita do templo, podem ser observados vários relevos e esculturas que pertenceram ao templo mais antigo.

---

[25] As pedras memoriais — de heróis ou *sati*, foram tratadas no capítulo sobre o Morrer e a Morte da Índia Antiga. Seu caráter funerário está associado à memória de indivíduos que morreram em atos heróicos ou às esposas virtuosas que se imolaram durante a cremação dos maridos, prática que se tornou difundida a partir do século VI d.C. especialmente na região do Deccan, Konkan e sul da Índia. Ver a nota 9, neste.
S. Huntington (1985;34) sugeriu uma origem associada aos monumentos megalíticos do período neolítico, que aparecem fixados verticalmente no solo e eram utilizados para marcar sepultamentos, cuja origem, segundo a autora, era provavelmente autóctone.

[26] Na época em que Da Cunha (1876) visitou a região, o *liṅga* estava fraturado e deposto junto à entrada do templo, somente o lugar para encaixá-lo podia ser observado dentro do santuário.

Figuras 7 e 8. Pedras de herói — *vīragal,* junto ao templo Someśvar

Figuras 9 e 10. Pedras de herói — *vīragal,* junto aos templos de Akṣi e de Kāla

Numa colina, junto à margem oeste do lago Bhavāle, existe um edifício do período islâmico conhecido na região como uma mesquita (*masjid*). Por vezes, ele aparece descrito como uma tumba muçulmana, devido a suas dimensões reduzidas (cerca de 11 m²) e

localização. O edifício encontra-se junto a uma área que abrigou um grande cemitério do período islâmico e uma grande quantidade de lápides pode ser observada nas redondezas. No entanto, não há nenhum vestígio de tumba no seu interior simples, com pequenos nichos sobre cornijas e frisos com decoração floral. A porta de entrada do edifício fica na face sul e possui arco ogival com pilares duplos e ornamentação em forma de ampulheta. Há indícios de que foi construído sobre um templo hindu.

Cerca de um 1,5 quilômetros a sudoeste do lago Bhavale, entre o sítio arqueológico e as grutas budistas, encontra-se o templo de Bhagavatī Devī, também chamada Ekvira. A construção moderna circunda o antigo templo talhado numa rocha com cerca de 3 m de altura, atualmente recoberto com acabamento moderno. Um antigo *kuṇḍa* — tanque de água para as abluções diárias, pode ser observado na lateral direita do templo. Sobre uma viga junto à porta do santuário há uma inscrição[27], em sânscrito, na qual se registrou a reforma do ano de 1751. Essa divindade é geralmente adorada pelos pescadores e marinheiros da região.[28]

A aproximadamente 1,5 quilômetro ao sul do templo de Bhagavatī Devī encontra-se um monte, junto ao que costumava ser um lago, chamado Pokharn. O morro possui inúmeras tumbas muçulmanas, algumas com inscrições. As lápides elaboradas foram talhadas em placas e blocos de basalto negro. A leste dessa área se encontra um *dargah* — um tumba murada, que abriga os restos mortais de Pir Sayyad Ahmad (N 18º33'20.2", EO 72º56'20.0").

Aproximadamente a 50 m, sudeste desse monumento, estão as ruínas do Hamām Khānā — os Banhos Reais, de origem muçulmana (N 18º33'18.7", EO 72º56'23.2"). Na parede, ao norte do edifício, encontram-se 6 celas cujos tetos possuem arcos ogivais e medem 2,80 m de largura, 2,30 m de profundidade e 3,60 m de altura; essa parede possui cerca de 21 m de comprimento. Na cela junto à lateral leste há uma passagem, com 2,70 m de largura, que leva a um salão central quadrado com 6,50 m de largura e profundidade; ele possui nichos em três paredes: na face norte, o vão é de 3 m de profundidade; na face leste, ele possui 3,60 m; e, na face sul, cerca de 2 m. Esse salão possui um teto abobadado com cerca de 9 m de altura. Na parte noroeste do salão, uma passagem estreita leva a duas salas de banho: a sala norte possui aproximadamente 4 m de largura, por 4 m de profundidade; a sala sul possui 8 m de largura por 4 m de profundidade.[29]

---

[27] *Shri Ganeshaya nam*(*h*); s*hake 1673, Prajapati nama*; *samvatsare falgunanam sapta; myam devylayasya jirnodharasya; prarambh kritah samaptistu angira*(?). Ver *Maharashtra State Gazetteers* (1964, p. 750).

[28] Ver a nota 119, no capítulo anterior.

[29] Tal estrutura vem sendo analisada pelo professor Mate, do *Deccan College*, que pesquisou outros dois *Hamām Khānā* na região do Deccan.

Num monte elevado, junto à antiga margem do rio Kuṇḍalīkā, 400 m a sudoeste do Hamām Khānā, encontram-se as ruínas do Masjid — uma antiga mesquita (N 18º33'09.5", EO 72º56'19.0"). O edifício amplo, maior da região, foi construído com blocos de pedra e argamassa. Ele mede aproximadamente 30 m de profundidade por 20 m de largura O teto possui um domo central e um minarete, na lateral nordeste. A porção oeste e quase toda a parte sul da edifícação desapareceram ou foram destruídas pelos tiros dos canhões portugueses e, mais tarde, pelas grandes árvores e trepadeiras que ali cresceram, após ter sido abandonada. Ainda se encontram três conjuntos, dos quatro pilares com arcos ogivais originais, que se elevam a 3,20 m de altura; os pilares a leste são quadrados; as duas outras fileiras de pilares são octogonais. A partir do topo dos arcos ogivais se elevam os domos com aproximadamente 1,50 m de altura; dos 16 domos originais, apenas o central se preservou.

Uma edificação menor, na lateral noroeste do Masjid com cerca de 12 m², arcos ogivais e teto abobadado, abriga duas tumbas muçulmanas, cultuadas até os dias atuais. Na parede leste, existem duas inscrições[30].

O local em que o Masjid foi construído apresenta vestígios de tijolos e, nas cercanias, se encontram partes de esculturas pertencentes a um antigo templo de Śiva, que foi destruído para construção da mesquita. Também existe um antigo canhão de ferro, na lateral oeste da edificação, indício dos ataques a que essa edificação esteve sujeita. Toda a área ainda é circundada pelos antigos muros de proteção, junto à antiga margem do rio, atualmente assoreada e cujo leito atual foi desviado mais de 1 quilômetro ao sul dessa muralha. Ao longo desse muro podem ser observados alguns vestígios de ancoradouros antigos que foram encobertos pela planície de inundação.

[30] As inscrições se encontram muito desgastadas e uma delas está fraturada. A primeira data do ano 1507 (H. 915) e a outra do ano 1623 (H. 1034). O *Maharashtra State Gazetteer* (1964;751) apresenta uma tradução das inscrições, feitas pelo professor Rahatsek: 1. "O nosso senhor ordena a construção / pronta da mesquita Sunni / com um sacerdote e lago.../ que poderemos amar de acordo com o comando do Profeta Muhammad e em / Khaul nós ordenamos que seja proibida a intoxicação (e) / companhias infiéis / Nosso profeta / Muhammad empenhou-se / e /... / mesquita com o propriedade /..../ data / ano 915(?); 2. Como edifício da casa de Deus / data da mesquita / handallanu / ano 1304(?)".

Figura 11. Lateral oeste do Masjid (mesquita)

Figuras 11 e 12. Área interna do Masjid e tumbas muçulmanas; o Dargah – tumba de Pir Sayyad Ahmad

Figura 13. Celas laterais com arcos ogivais na parede norte do Hamām Khānā

Figuras 14 e 15. Salão interno com teto em domo e sala de banho no lado norte do Hamām Khānā

Cerca de 500 m a leste do Masjid encontram-se as ruínas de Rājkoṭ, a cidadela da Chaul Alta. Na crônica portuguesa[31] é mencionado que Chaul Alta não possuía fortificações durante o ano de 1634, é provável que a fortaleza tenha sido erigida após essa data. A fortaleza de Rājkoṭ é mencionada nas fontes que registraram as Guerras Marāṭhā, que ocorreram entre os anos de 1691 e 1731.[32]

O forte possui bastiões com cerca de 4,20 m de altura e 12 m de diâmetro no topo. As torres noroeste (bastilhão 1: N 18º33'14.5", EO 72º56'33.5") e sudoeste (bastilhão 2: N 18º33'11.9", EO 72º56'33.4") estão ligadas por uma muralha com 70 m de comprimento, 6 m de largura e 2 m de altura. A muralha sul possuiu uma extensão aproximada de 110 m e unia os bastiões sudoeste e sudeste (bastilhão 3: N 18º33'11.2", EO 72º56'38.4"). A partir do muro interno, uma passagem levava a um pátio murado, com cerca de 50 m², no entanto, atualmente só podem ser observados os vestígios dessa área e de uma pequena construção próxima à muralha oeste. Também ao sul, junto da muralha e da antiga margem do rio, encontram-se as ruínas de um edifício grande de dois pavimentos (N 18º33'11.1", EO 72º56'35.9"), com arcos ogivais e pilares octogonais, toda a está área tomada pela vegetação; ele possuiu cerca de 36 m de largura por 20 m de profundidade; e era dividido por uma parede central. Na parede sul, no lado externo da muralha, pode ser avistada parte um antigo ancoradouro, encoberto pelo material de assoreamento do rio; na frente desse edifício encontram-se os vestígios de uma fonte. Na lateral leste, encontram-se casas modernas e um poço antigo, junto às ruínas de uma antiga parede com duas aberturas junto ao solo, únicos vestígios de uma antiga edificação. Somente parte da muralha na face leste pode ser observada. Toda a área é ocupada pela plantação de cocos e nozes-de-areca. A estrada asfaltada que passa na parte posterior do forte leva ao vilarejo de Agrā.[33]

A estrada cruza o riacho Patil, 1 quilômetro a oeste dali, por meio de uma ponte - *dādar*, junto à qual estão os vestígios de um antigo dique (N 18º33'23.1", EO 72º56'13.0"). A estrada à esquerda leva ao atual estuário de Revdaṇḍā, e ao antigo Forte português.

[31] Bocarro (1634: IV.35).

[32] Uma fonte textual registrou que o forte teria sido construído por Sambhāji, em 1683 (Avlaskar, *Angrekalin Ashtgav*; *apud*. *Maharashtra State Gazetteer* 1964, p. 751-752).

[33] A leste do forte também é relatada a existência de uma imagem hindu de um deus com um touro a seus pés (Śiva e Nandi), fraturada e datada dos séculos XI-XII d.C. (*Maharashtra State Gazetteer* 1964, p. 752).

Figura 16. Edifício de dois pavimentos na área interna da fortaleza Rājkoṭ junto à planície de inundação.

Figura 17. Bastião sudoeste de Rājkoṭ na margem da planície de inundação.

2.1.2 A CHAUL BAIXA

O FORTE PORTUGUÊS DE CHAUL

A única área de ocupação preservada do período tardio de ocupação da Chaul Baixa, atual Revdaṇḍā, é o imponente forte português de Āgar Koṭ, sobre o qual existe uma rica documentação histórica. A presença portuguesa, em Chaul, ficou impressa nos numerosos vestígios arqueológicos — ruínas das muralhas e bastiões, edifícios, monumentos e inscrições —, que numa narrativa singular, um misto de fortificação militar e conjunto eclesiástico, revelam o discurso da administração colonial portuguesa desse período.[34]

Na margem direita do rio Kuṇḍalīkā ainda podem ser observadas as muralhas de pedra que formam a porção sul e oeste da antiga cidade-fortaleza de Chaul, também chamado Āgar Koṭ, ou Forte dos Coqueirais, devido à grande plantação de coqueiros que abriga em seu interior.

A Chaul antiga pertenceu às chamadas *províncias do norte*, uma faixa costeira que se estendia 200 quilômetros ao norte de Damão e 30 quilômetros em direção ao interior. As paredes do forte português recobertas, atualmente, por figueiras e trepadeiras em vários trechos, são testemunho de uma das mais importantes ocupações da Índia portuguesa, que resistiu, entre os séculos XVI e XVIII, às mais diversas frentes inimigas.

Antes de descrever o sítio e a arquitetura do Āgar Koṭ, cabe citar um trecho dos registros de Da Cunha, o estudioso luso-indiano que visitou e descreveu, minuciosa e poeticamente, as ruínas desse sítio, no século XIX:

> Um pouco de imaginação não deixará de trazer vida a esta cena arruinada do antigo poderio e da glória dos portugueses, na qual ainda se encontram as relíquias de seu heroísmo passado e as memórias de seu domínio — agora, então, irrevogavelmente desaparecidos! —e de suas realizações piedosas e o louvável zelo pela divulgação do Cristianismo, que eles concretizaram com entusiasmo medieval. Seria fácil traçar os passos (...) relembrar, por um momento, o antigo aspecto da cidade; recobrir, mais uma vez, os altares e paredes das igrejas com o drapeado colorido, como eram antes das devastações provocadas tanto pelos sacrílegos maratas, quanto pela mão pesada do tempo; ocupar, mais uma vez, as naus desoladas e os corredores com o som do grande canto gregoriano; e atribuir-lhe, uma vez mais, aquele interesse histórico que, mais do que a própria arquitetura, impressiona a mente do observador a provocar admiração e assombro.[35]

---

[34] Como observou Jackson (1990), após 500 anos, a presença portuguesa na Ásia é mais visível, paradoxalmente, a partir do que chamou *ausência sensível,* evidenciada nas ruínas das cidades e fortalezas que "transformaram a história em arqueologia e a cultura em semiótica".

[35] Da Cunha (1876, p. 81).

No centro da muralha do Āgar Koṭ encontra-se o Portão do Mar e podem ser observadas as ruínas da cidadela ou castelo da Chaul Baixa. Mais a leste, fora dos muros, avista-se o que restou do telhado da Casa d'Alfândega. Nesse mesmo lado sul, existe um ancoradouro moderno para embarcações de baixo porte.

Os muros do forte português ou Āgar Koṭ possuem uma extensão aproximada de 2,5 quilômetros e uma altura de 6,60 m; o parapeito com 3,60 m; e uma parede de proteção com cerca de 1,80 m de altura. As muralhas, com quinze lados, circundam um espaço com extensão aproximada de 200 m, na direção norte-sul, e 300 m, na leste-oeste. Existiam dois portais duplos, o Portão da Terra, na face norte, e o Portão do Mar, na face sul da fortaleza. Um terceiro portão foi construído, mais tarde, para abrir uma passagem para a estrada que liga Revdaṇḍā a Alibāg, também situado no lado norte da fortaleza.

Além das muralhas perfuradas por tiros dos mosquetes inimigos existem ainda ruínas de nove torres semicirculares. Na face terrestre da muralha havia, ainda, duas grandes torres com 9 m de altura, que ladeavam o portão norte. Os lados sul e oeste da muralha, exceto junto ao portão sul, eram menos reforçadas que as demais faces da fortaleza. A porção leste da muralha fazia limite com o manguezal e, portanto, exigiu fortificações mais resistentes. Os portugueses deram maior atenção ao lado norte, a partir do qual o inimigo podia invadir o local, pois um grande fosso, com cerca de 2 m de profundidade e 13 m de largura, foi construído desde a extremidade junto ao mar até o canto noroeste da fortaleza, junto ao riacho de Chaul. Além disso, dois grandes bastiões foram erigidos nas extremidades leste e oeste da muralha, a norte. Dois grandes muros, paralelos à parede norte, flanqueavam o Portão da Terra. Tal muralha desabou em vários trechos de sua extensão, mas parece ter sido a mais alta da fortaleza e alcançava, em certos pontos entre 8 e 9,5 m de altura, enquanto os lados que protegiam o mar e o rio tinham no máximo 7 m. O parapeito da face norte chegava a 2 m de largura e a espessura dos muros podia alcançar 3 m na base e 1,80 m no topo .

Embora as datas de construção dos edifícios nas diversas partes da fortificação de Chaul não sejam todas conhecidas, as inscrições e demais registros existentes mostram que essas construções se estenderam por um período de aproximadamente duzentos anos, por volta de 1520 a 1721.

A área mais antiga compreende a fortificação da cidadela ou castelo, cuja construção ocorreu entre 1521 e 1524. Em seguida, a construção dos edifícios religiosos fortificados dos Franciscanos, em 1534, e dos Dominicanos, em 1549. Foram, então, erigidas as fortificações ao sul da costa, em 1577. O lado sudeste da muralha foi concluído em torno de

1625, época em que a Catedral, datada de 1534, ainda se encontrava fora dos muros[36]. Em 1634 a Catedral já pertencia à área interna da fortaleza e as muralhas são descritas com 9 bastiões: São Pedro, Santa Cruz, São Paulo, São Tiago, um bastião, sem nome, em frente ao de São Paulo, São Dinis, São Francisco, São Domingos e um baluarte acima do Portão dos Homens Casados; todos com formatos diferentes.[37] O bastião de São Pedro, sobre o rio, possuía um grande canhão e outra arma chamada de *pedreiro* que atirava bolas de pedra, que pesavam 9 kg. Somente os bastiões de Santa Cruz, São Paulo e São Domingos não possuíam armas.

Após 1634, a fortaleza foi aprimorada e reforçada. O portão norte foi construído pelos jesuítas entre 1635 e 1636; o portão sul foi restaurado em 1638. O grande bastião, a noroeste, foi construído em 1688.[38]

Toda a fortificação foi terminada nos anos anteriores a 1728. Em dezembro desse ano, Andre Ribeiro Coutinho, enviado pelo governo português para examinar as fortalezas além-mar, descreveu a construção completa das muralhas. A obra possuía quinze lados, os cantos protegidos por onze bastiões, fortemente armados, e quatro redutos — *reves*, no seu interior. Embora estivesse em bom estado, o mar havia danificado a muralha oeste, entre os bastiões de São Jacinto e São Luiz, construídos no lado noroeste, que havia sido acrescentado em 1634. O fosso também tinha sido preenchido pela areia e, de acordo com os registros, também necessitava de reparos.

As guerras recorrentes, em Chaul, arrasaram a maior parte das estruturas e edifícios portugueses. Desde a época em que caíram sob o domínio dos ingleses, na primeira metade do século XIX, as edificações não receberam mais atenção e continuaram a ruir até os dias atuais.[39]

Atualmente, um reduto interno em ruínas, junto ao portão sul, apresenta, no lado sudeste, uma placa, que mede 1,30 por 70 m, esculpida com a figura de um guerreiro em

---

[36] Ver Della Valle (1625).

[37] Em 1634 a1937, o cronista do Rei, Antonio Bocarro, que viajou pela região, escreveu *O Chronista de Tissuary* e descreveu as muralhas. O autor registrou, em 1635, a população intramuros da fortaleza de Chaul como: "duzentos cazados portugueses e sincoenta pretos cristãos da terra; enquanto os que residiam na área externa da fortificação eram: quinhentos cazados pretos entre cristãos e gentios". Ver também *Maharashtra State Gazetteer* (1964, p. 736).

[38] Muitas outras alterações foram realizadas especialmente no lado norte, provável obra dos jesuítas, na época em que a Chaul Alta passara das mãos amistosas dos Ahmadnagar à dos hostis Bijāpūr. Outras modificações, como parte do bastião noroeste, talvez datem do período posterior a 1688, quando os *marāṭhā* alcançaram a supremacia do território e se tornaram rivais poderosos dos portugueses no mar. Alguns acréscimos, no canto noroeste da fortaleza, chegaram a ser feitos até 1721.

[39] As ruínas da Chaul portuguesa foram descritas detalhadamente nos anos de 1870 por Gerson Da Cunha (1876).

uniforme militar, o rosto danificado, ele traja a insígnia da Ordem de Cristo, uma cinta sobre a armadura de malha e capacete com penacho. Abaixo do personagem as palavras *EL REI DO JOAO COARTO*, cujo reinado datou de 1656.[40]

À direita, acima das muralhas, ergue-se a torre desmoronada do castelo de Chaul. Poucos metros à frente, se encontra o arco circular do portão sul. Sobre o topo do arco uma placa com uma coroa e as armas da Coroa de Portugal. Dentro do portão externo, a entrada volta-se para a esquerda em um espaço oblongo cercado por muros altos. Na parede direita há uma placa quadrada, com cerca de 0,70 m de largura, na qual existe um brasão com três estrelas, uma clava e os dizeres: *Ave Maria Grasia Pea* (Ave Maria Cheia de Graça); embaixo do escudo há uma inscrição[41]. O arco do portão interno é arredondado, como todos os demais, sobre o topo do arco está esculpida uma cruz de Malta da Ordem de Cristo; abaixo dela, as Armas da Coroa de Portugal; à esquerda do observador, um globo terrestre de Dom Manuel, com cerca de 0,60 m de diâmetro, que simbolizava a extensão do poder português; e, à direita, três setas amarradas, símbolos da paz.[42]

Na muralha norte, sobre a parte interna do segundo portão e à esquerda do observador, há uma placa quadrada, medindo cerca de 0,50 m, com uma inscrição incompleta que registra estar esse portão sob a proteção de Nossa Senhora das Dores.[43]

Na lateral direita da muralha um caminho íngreme e pavimentado leva à plataforma superior da fortificação, na qual se encontram três armas antigas. O topo do muro possui 4,5 m de largura e uma parede de proteção com 1,5 m de altura, perfurado por tiros de mosquete, em intervalos de 2 m. A altura desse muro, do lado externo da praia, é de aproximadamente 7 m. Do alto da muralha pode-se avistar a estrada que leva a Alibāg e as pequenas casas assobradadas de Āgar Koṭ de ambos os lados. À exceção do castelo, perto da lateral direita, todos os vestígios dos edifícios portugueses estão encobertos pela plantação de coco, noz-de-areca e demais frutas, assim como, pelas árvores *banyan* e *pipal*.

Além da sinuosa estrada de Alibāg, o forte é também intersectado por inúmeras ruas e vielas, das quais se avistam ruínas dos antigos muros de pedra e dos edifícios. Cada uma dessas ruínas tem um poço de roda d'água associado, de origem persa (*persian wheel*).

---

[40] Um esboço da placa, em melhor estado de conservação, pode ser visto no *Bombai Government Selections* (New Series VII, p. 110).

[41] *NA ERA DE 1577 § S?DO CAPITÃO . ALIXADRE DE SOVZA FREIRE § DESTA FORTALEZA § SE FES TODA ESTA FORTIFICASÃO ADDAAD DA PRAIA H DO MAR.* Dessa forma, sabe-se que em 1577, época em que Alexandre de Souza Freire foi capitão do forte, foi construída toda a muralha ao longo da praia.

[42] Para detalhes ver Da Cunha (1876, p. 80).

Cerca de 27 m ao norte do Portão do Mar, uma viela à direita leva até um outro grande portão, sobre o qual se encontra, em relevo, uma Cruz de Malta e, abaixo dessa, as Armas da Coroa de Portugal, em cujas laterais estão as figuras de São Pedro e São Paulo, atualmente danificados. O portão servia de entrada para a antiga Feitoria de Chaul, um lugar circundado por muros com 7,5 m de altura e cuja extensão das paredes leste e oeste tem aproximadamente 32 m, enquanto aquelas ao norte e ao sul possuem 45 m. Uma torre de grandes proporções ocupa o canto sudoeste da área e possui cerca de 15 m de altura.[44]

Ao atravessar novamente o Portão do Mar, uma viela ao longo da muralha norte do castelo leva, na direção leste, ao canto sudeste da fortaleza. Na parte externa do lado leste da feitoria, se encontram as ruínas de uma antiga Catedral, tomadas pelas raízes de grandes árvores, que se estende cerca de 135 m, na direção leste-oeste. A nave da igreja, com aproximadamente 30 m de profundidade e 10 m de largura, possuiu paredes com 9 m de altura. Não restam vestígios do antigo telhado, junto à parede leste estão partes do antigo altar, com cerca de 12 m². A Matriz de Chaul foi um dos mais antigos edifícios religiosos construídos na cidade-fortaleza[45]. A Catedral, obra do frei franciscano Antonio do Porto, foi erigida em 1534 e chamada Igreja de Nossa Senhora do Mar.[46]

---

[43] *ESTA PORTA COARDANS DOROVE HFSVA*. Num trecho do muro que foi destruído havia uma inscrição que mencionava a restauração desse portão em 1638: *NA ERA DE 1638 SE REDEFICOV ESTA PORTA*.

[44] Como toda a área do forte, trata-se hoje em dia de uma propriedade particular, cujo portão encontrava-se fechado durante a exploração da fortaleza, o que impediu nosso acesso à antiga feitoria.
Essa área murada foi construída em 1516 e fortificada por volta de 1521 e 1524, trata-se do edifício português mais antigo preservado fora de Goa. Ele é conhecido como *Chauvkoni Buruj* — ou torre dos quatro cantos, e foi a residência do capitão do forte, misto de castelo e armazém. O edifício também incluía uma prisão, ainda hoje chamada *Turuṅg* — o *tronco* português, que se tornou uma das tantas palavras portuguesas indianizadas. Ver Da Cunha (1987, p. 81).

[45] Della Valle (III, 1667, p. 133-136) mencionou tratar-se do primeiro edifício na área externa das muralhas a ser avistado do mar, durante sua chegada a Chaul, em 1623. Ele assistiu a uma missa na catedral celebrada por um bispo e um vigário que, pouco antes, havia sido trazido de Ormuz. A porção sudeste da fortificação foi completada em 1634, pois, nesse ano, a catedral foi descrita dentro das muralhas, nas crônicas de Bocarro (1634:IV, 17-21). Para outros detalhes ver o *Maharashtra State Gazetteer* (1964, 740).

[46] Ver Da Cunha (1876, p. 85). A catedral que anteriormente foi uma pequena capela junto à igreja e convento de Santa Bárbara, da Ordem dos Franciscanos, mais tarde, foi separada e reconstruída nas proporções acima mencionadas. Para detalhes sobre o apóstolo de Salsette, ver o *Thana Statistical Account*, no *Bombay Gazetteer* (XIII, p. 201, 460-461).

Figura 18. Bastiões e muralhas a sudoeste da fortaleza portuguesa de Āgar Koṭ.

Figura 19. Catedral da Chaul portuguesa – Igreja Nossa Senhora do Mar no interior do Āgar Koṭ.

Perto da parede leste da Catedral, a lateral sudeste do forte possui um bastião redondo com um canhão antigo. Aproximadamente de 120 m a nordeste, encontra-se a torre leste, com dois canhões e vista para o atual estuário de Revdaṇḍā, junto do manguezal. Ao lado do muro leste e a norte da Catedral há uma fortificação em ruínas, aparentemente restos dos muros construídos entre 1521 a 1524 e que talvez tenha sido utilizado durante a reconstrução de 1577, ou 1638.

A norte desse muro há um edifício com um portão arredondado, com uma Cruz de Malta no topo. O edifício é simples com grandes janelas e telhado abobadado. A grande quantidade de pedras e entulho em seu interior parece indicar que possuiu um pavimento superior. As pessoas o chamam *Koṭhī,* ou celeiro, no entanto, as amplas janelas e a cruz parecem indicar que se tratava de um edifício religioso, possivelmente a Santa Casa de Misericórdia, construída em 1550.[47]

Em torno de 120 m a nordeste da Santa Casa de Misericórdia está uma grande torre de proteção e um reduto voltado para um pequeno ancoradouro, chamado *Pāgāreka Bandar* ou Revdaṇḍā Alta. Ao norte, o antigo fosso segue em direção ao mar. A aproximadamente 90 m a noroeste desse bastião, encontram-se edifícios antigos junto às muralhas reforçadas, provavelmente quartéis ou armazéns.

Dentro das muralhas, 50 m na direção sul da estrada de Alibāg, também estão as ruínas da Igreja dos Jesuítas[48]. O edifício foi erigido em 1580 e dedicado a São Pedro e São Paulo[49]. O edifício em ruínas, do outro lado da estrada, poucos metros ao sul, talvez tenha sido o monastério dos jesuítas.

---

[47] Chaul teria possuído uma das mais antigas santas casas e uma capela anexa. O estado contribuía com somas de dinheiro e arroz e pagava um médico, um cirurgião-barbeiro. Em 1546, a instituição teria recebido uma quantia maior de fundos devido ao número de feridos e enfermos trazidos de Diu, outra colônia portuguesa, após a segunda derrota sofrida por aquele forte. Esse hospital esteve primeiro sob os cuidados dos franciscanos e, mais tarde, em 1580 passou a ser dirigido pelos jesuítas. Para detalhes, ver Da Cunha (1876, p. 93-94), que mencionou hospitais ou casas de misericórdia introduzidos em Goa por Albuquerque, em 1514, e sustentados por Nuno da Cunha, a partir de 1532.

[48] Da Cunha (1876, p. 96) observou que o edifício possuía entrada igual à Igreja do Santo Nome, em Bassein, e da Igreja de Bom Jesus, em Goa, ambas de jesuítas; todas semelhantes à Santa-Sé, em Roma.

[49] Em 1552, a população de Chaul pediu a São Francisco Xavier, que visitava o local, para fundar um colégio jesuíta, no entanto, os dois únicos padres que tinham chegado em 1580 foram encarregados da Santa Casa. Os registros mencionam que as missas desses dois jesuítas tornaram-se muito populares e causaram inveja nas demais ordens eclesiásticas que os proibiram de oficiar missas na Catedral. Mesmo algum tempo depois, com nova permissão, continuaram a sofrer forte oposição, até que o pároco dos dominicanos, Padre Cristóvão, coletou fundos para construção de um monastério para os jesuítas, ao qual logo se somaram uma igreja e um colégio, que tinha cerca de trezentos estudantes. O número de padres cresceu para sete e o colégio foi dividido em dois: um era voltado para o estudo do latim, lógica e teologia, e tinha quarenta estudantes; o outro educava trezentos alunos portugueses que aprendiam gramática, música e a doutrina cristã. Os jesuítas de Chaul eram subordinados ao Colégio Jesuíta de Bassien. Em abril de 1623, Della Valle (*Viaggi* III, 1667, p. 13-6) visitou o colégio e a igreja dos Jesuítas. O viajante observou que, assim como as igrejas jesuíticas do Damão e de

A oeste do portão, pelo qual passa a estrada de Alibāg, ainda existe parte das muralhas em boas condições de preservação. Nessa porção da fortaleza encontra-se o principal Portão da Terra, uma passagem dupla em arco. Sobre o arco externo estão esculpidas uma coroa e outros emblemas, bem como um nicho vazio[50].

A 150 m do lado oeste do principal portão terrestre, a estrada faz uma curva para o sul e podem ser avistadas, a 25 m, as ruínas de um grande número de edifícios de dois pavimentos, com mais de 12 m de altura. A partir da face oeste e frontal, os edifícios se alinham ao longo de 40 m para o leste. O lado sudeste termina próximo a um templo hindu dedicado a Mahādeva ou Sāmb (Śiva). Esse grande edifício foi a igreja e monastério dos Agostinianos, construídos em 1587, cuja igreja fora consagra a Nossa Senhora da Graça.[51]

A oeste da igreja dos Augustinianos, cerca de 30 m ao sul, as ruínas dos dois lados da estrada teriam sido a antiga Ouvidoria.[52]

Junto ao lado noroeste da muralha, a norte, existem mais redutos e outra passagem pelos muros.[53] Mais adiante, uma trilha leva à torre noroeste, cuja parte inferior foi destruída pelo mar e a superior tombou em pedaços, esse bastião possuiu uma pequena porta para a praia.[54]

Bassein, ela era chamada São Paulo. As igrejas jesuíticas da Índia era consagradas a São Paulo porque foi no dia desse santo que a pedra fundamental da primeira igreja jesuítica foi firmada em Goa. Da Cunha (1876, p. 98), menciona que, muito provavelmente, os jesuítas escolheram o dia de São Paulo por ter sido diante do altar da Basílica de São Paulo, em Roma que São Ignácio de Loyola tomou os votos para fundar, então, a Companhia de Jesus.

[50] Nesse nicho acredita-se ter estado uma placa (80 X 60 cm) atualmente exposta no museu da *Bombay Asiatic Society*. Na inscrição lê-se: *ESTA OBRA SE FES NO REMATE DO ANNO 635 E PRINCIPO DE 636 SENDO CAPITAO DESTA FORTALEZA D CHAVL IOAO DE THOBARDE VELASCO E SETOMOVROR PADROEIRO DESTA CIDE O GLORIZO PE SFRANCISCO XAVIER. DA COMPA DE IESVUS.* Assim sabe-se que essa muralha foi construída no final de 1635 e início de 1636, pelo então capitão da fortaleza João Thobarde Velasco e que o glorioso Padre São Francisco Xavier, da Companhia de Jesus, se tornou padroeiro da cidade.

[51] O monastério tinha espaço para dezesseis monges, ver Bocarro (1634, p. IV. 21). Em 1741, época em que Chaul foi tomada pelos *marāṭhā*, a igreja era uma dos edifícios mais bem preservados da fortaleza.

[52] Cabe notar que em agradecimento à tomada do forte de Korlai, em 1592, o rei permitiu que a população da Chaul portuguesa tivesse seu próprio juiz ou *Ouvidor*. Tais edifícios foram identificados por Da Cunha (1876).

[53] Nesse local, junto ao piso da varanda de uma casa há uma placa de pedra (com 2 m X 0,90 m), em que foram gravadas as palavras: *SEPOLTURA DE LVIS ALVARES CAMILLO E DE SEUS ERDEIRO(S).*

[54] Da Cunha (1876, p. 99), menciona uma placa com as armas da coroa e inscrição nesse local. Ele a cita: *SENDO VR. DA INDIA FRCO. DE TAVOUR, CONDE DE AIVOR MDO. IOM DE LEMO DE BRITO FZEO ESTA ATALAIA A SVA CVSTA SENDO CAPAM. MOR DESTA CANPO NA ERA D 1688.* Assim sabe-se que na época em que Francisco da Tavora foi Vicerei da Índia, o Conde d'Alvor, João de Melo de Brito, ordenou que esta torre fosse construída, no ano de 1688, às suas próprias custas, enquanto foi capitão-mor deste território.

Figuras 20 e 21. Portão Sul de Āgar Koṭ e Torre de Santa Bárbara.

Figuras 22 e 23. Capela de São Francisco Xavier no Āgar Koṭ e placa de mármore com brasão e inscrição.

Próxima ao bastião nordeste encontra-se a grande torre de sete andares, *Sātkhaṇī Buruj*, ponto central dos edifícios da ordem dos Franciscanos, que serviu de farol para as naus que chegavam a Chaul. A torre tem uma área interna de 6 m² e seis pavimentos com janelas; media cerca de 30 m de altura. As construções a oeste e sul possuíram telhados pontiagudos. A oeste algumas edificações eram utilizadas como destilarias e, mais adiante, ruínas de um edifício possuiu janelas redondas. A norte há um edifício de dois pavimentos e cerca de 12 m de largura. A leste vestígios de uma edificação grande, a 30 m de distância da torre. A sul os edifícios se estendem até o canto sudoeste do forte[55].

A 50 m do canto sudoeste da fortaleza estão as ruínas da igreja e monastério dos Dominicanos. Eles foram construídos no ano de 1549 e consagrados a Nossa Senhora de Guadalupe. Considerado o maior e mais rico estabelecimento religioso de Chaul.[56]

A aproximadamente 40 m a leste do monastério Dominicano estão as ruínas de pequenas edificações. A 100 m dali encontra-se a Capela de São Francisco Xavier, com cerca de 14 m metros da profundidade (leste-oeste) e 5 m de largura. Possui vestígios de um teto

---

[55] Esse conjunto arquitetônico composto pela igreja e monastério dos Franciscanos teve papel importante durante 1577, época em que Chaul foi sitiada. A construção da igreja foi iniciada em 1534 e dedicada a Santa Bárbara. Há relatos que durante a metade do século XIX, no ano de 1847, a igreja estava em perfeito estado e os relevos no teto apresentavam as imagens da Anunciação, Crucificação e Ascensão. Poucos anos depois, em 1854, foi reduzida a ruínas. Na porta principal da igreja havia um nicho cuja placa possuía inscrições. A placa (150 cm X 60 cm) se encontra atualmente no Museu da *Bombay Asiatic Society*: *CONSACRA DA ETERNIDA DE IOAM IV. REI DE PORTUGAL, EXAM CORTS Q CELEBROV NO ANNO DE 1646 FES TRIBVTARIO ASI E A SEVS REINOS O OANNVA PENCAM A IMMACVLA DA CONCEIOAM DA VIRGEM SENHORA E COM PVBLICO IVRAMENTO PROMOTEO DEFENDER QA MESMA SENHORA ELEITA PADROEIRA DE SEV IMPEHO FOI PRESERVADA DE TODA MACULA DE PECADO ORIGINAL E PERA QA PIEDADE PORTVGEZA VIVESSE MANDOV ABRIR NESTA PEDRA ESTA PERPETVA LEMBRANCA NO 15 ANNO DE SEU IMPERIO E NO DE CHRISTO 1655. FRSE ESTA OBRA N A E B DE 1656.* Na qual é dito que: a igreja foi consagrada à eternidade; Dom João VI, Rei de Portugal nas Cortes que congregou, em 1646, fez a si mesmo e a seus reinos tributários da Imaculada Conceição da Virgem Senhora e, sob juramento público, prometeu defender essa mesma Santa, eleita padroeira de seu império, que foi preservada livre de toda mácula de pecado original e, para preservar a piedade portuguesa, mandou talhar nessa pedra esta lembrança perpétua no décimo quinto ano de seu império e no ano de Cristo 1655. Isso foi feito no ano de 1656. Ver Da Cunha (1876, p. 102).

[56] Para detalhes, ver Bocarro (1634, p. IV.17-21) e *Maharashtra Satate Gazetteer* (1964, p. 744).
A igreja principal ainda possuía parte do telhado abobadado na época em que Da Cunha (1876) a visitou; suas paredes mediam 12 m de altura; o telhado, com mais 3 m, era dividido em painéis quadrados. A leste os edifícios estavam completamente destruídos, com exceção de algumas capelas laterais, com tetos semelhantes ao da igreja principal. Os claustros ficavam a cerca de 60 m, a leste. Na lateral leste do grande edifício havia uma grande placa (1,80 m X 0,80m) com as armas da coroa, no centro do brasão havia uma águia e acima dela as letras I.H.S. — *Jesus Hominvm Salvator* (Jesus o Salvador dos Homens); ao redor do pássaro *Dominvm (est) spes mea* (O Senhor é minha esperança); abaixo uma inscrição: *ESTA SEPVLTVRA HE DE MANOEL SALDANHA E DE SEVS ERDEIROS QUE MORREO A 20 DE DEZEMBRO DE (I) 636 ANOS*. Assim, ficou registrado que Manoel Saldanha foi um dos filhos do Vicerei Lourenço da Távora, que governou Chaul entre 1609-1612. Próximo desta, há uma outra placa funerária, danificada e dedicada a Diogo Goes.

abobadado. No solo, junto ao arco da entrada leste, encontra-se uma placa de mármore claro (1,20 m por 0,80 m) com inscrições[57].

Parecem não haver ruínas entre a área da capela de São Francisco Xavier e o vilarejo de Āgar Koṭ[58], no qual a exploração começou.

Dos edifícios principais, no exterior das muralhas, o da Alfândega[59] na face sul da fortaleza foi o maior. Ao lado dele havia, ainda, a Igreja de São Sebastião[60], construída no início do século XVII e a Madre de Deus, dos Capuchinhos. Cerca de 400 m ao norte do forte, uma pequena capela — com 10 m por 6 m, chamada *Sānjav* — ou São João, ainda estava em uso quando Da Cunha visitou o local.[61]

No final século XIX, época em que Da Cunha visitou as ruínas de Chaul, a cidade-fortaleza já se encontrava em plena decadência, que ele assim descreveu:

> Agora entramos num estágio da história de Chaul que, por falta de um desígnio melhor, pode ser denominado decrepitude. Após passar, por assim dizer, a flor de sua juventude a se firmar nas margens de Revadanda, circundada por uma hoste de inimigos traiçoeiros; e o vigor da meia idade, a resistir às reiteradas incursões e sítios de seus vizinhos, a nobre cidade de Chaul cai, então, gradualmente num estado de senilidade que prediz sua dissolução próxima.[62]

Essas são as principais ruínas das edificações da Chaul portuguesa — a fortaleza de Āgar Koṭ, no atual vilarejo de Revdaṇḍā, que ainda nos permitem entrever aquilo que não conseguiu sobreviver às guerras e ao tempo.

---

[57] Na inscrição há os seguintes dizeres: *POR HAVER MORADO NESTE LVGAR SFRcc XAVIER Oco PASSOV AO NORTE LHE FES ESTA ERMIDA DO GILIANES DE Nra SENDO CAPITÃO DESTA FORTALEZA Pa MEMORIA E LOVVOR DO SANCTO O ANO DE 1640*. Assim, sabemos que São Francisco Xavier, por ter morado naquele lugar, quando estava a caminho do norte, recebeu esta capela, dedicada por Dom Gilianes Noronha, capitão da fortaleza, para memória e louvor do Santo, no ano de 1640. Da Cunha (1876, p. 102) mencionou a placa ainda no topo do portal da capela.

[58] O local em que a pequena vila se encontra teria sido, como informa Bocarro (1634), ocupado com armazéns – *almazens*, um estatal e um da cidade.

[59] Esse edifício foi mencionado em 1623 por Della Valle (III, 1667, p. 133).

[60] Em abril de 1674, o embaixador inglês, que fora ver Śivājī ser coroado em Rāyagaḍ, ali passou a noite, pois ao chegar não pode adentrar a cidade que já estava com os portões fechados e a guarda montada (Fryer 1672, p. 77).

[61] Ali havia existido, em 1634, uma área fortificada chamado Campo de São João (Bocarro, 1634, p. I.35), cuja muralha não tinha fosso, mas abrigava dezenove canhões.

[62] Da Cunha (1876, p. 62).

2.2 AS ETAPAS DE CAMPO NO SÍTIO PORTUÁRIO DE CHAUL

A presente pesquisa tem se desenvolvido como parte do *Programa de Exploração e Escavação dos Antigos Portos e Assentamentos da Costa Oeste da Índia,* pela equipe do *Deccan College Post-Graduate and Research Institute*[63]*,* sob direção do professor V. D. Gogte.

O levantamento inicial, para localização de sítios arqueológicos, teve início em 1998 e foi dificultado pela densa vegetação presente na região costeira e pelas fortes chuvas anuais durante o período das monções que prejudicam a investigação e exploração de depósitos habitacionais mais antigos. Além disso, a região esteve sujeita a mudanças geomorfológicas recentes que, durante as investigações, revelaram, entre outras coisas, uma elevação do nível do mar entre 4 e 5 m nos últimos 2300 anos. Apesar disso, o levantamento sistemático da região da costa oeste conseguiu evidenciar vários sítios arqueológicos, como em Chaul (Simylla), Palshet (Palaepatmai), Bagmandala e Mandad (ambas citadas como a Mandagora do *Périplo*), bem como Tena e Sanjan[64].

O antigo porto comercial de Chaul (N 18º33', E 72º56') pertence à faixa litorânea da costa oeste indiana, conhecida como região do Konkan. O sítio arqueológico também é conhecido atualmente como Ceul ou Revdaṇḍā e está situado no estado de Mahārāṣṭra, distrito de Kolaba, a cerca de 56 quilômetros ao sul de Mumbai e 20 quilômetros a sudeste de Alibāg. A região está localizada na margem direita (norte) da foz do rio Kuṇḍalīkā, na enseada Rohā. A área se encontra junto ao oceano Índico (oeste) e ao rio Kuṇḍalīkā (sul e sudeste) e possui uma extensão de aproximadamente 5 quilômetros (nordeste), após a qual encontra uma cadeia de montanhas rochosas.

Embora as referências escritas que mencionam a antiga cidade de Chaul como um importante centro comercial da costa oeste da Índia sejam abundantes, ainda não tinham sido identificadas evidências arqueológicas que comprovassem tal ocupação desde o início do período Histórico.

---

[63] O estágio de pesquisa desenvolvido no *Deccan College Post-Graduate and Research Institute* sob orientação do Prof. Vishwas D. Gogte, Diretor Adjunto desta instituição e arqueólogo-químico, incluiu a participação na etapa de campo de 2005. A Instituição foi fundada por ingleses em meados do século XIX e possui pós-graduações nas áreas de Arqueologia e Lingüística. O Departamento de Arqueologia, o mais antigo instituto arqueológico da Índia, é referência internacional no desenvolvimento de pesquisas arqueológicas em toda a Ásia.

[64] Gogte (2003; 2004); sobre Sanjan ver Gupta et al (2004). Ver nota 74, no capítulo anterior.

Figura 24. Vista Geral do sítio de Chaul a partir do rio Kuṇḍalīkā: a área verde clara é a planície de inundação; área verde escura sítio arqueológico (coqueiros) e ao fundo a cadeia montanhosa com as antigas grutas budistas e templos hindus

O levantamento sistemático do sítio portuário de Chaul teve por objetivo localizar e investigar a antiga ocupação na cidade alta e, assim, permitiu demonstrar a dinâmica das trocas comerciais entre a costa oeste e o interior da Índia, bem como entre o oriente e ocidente na Antiguidade. As etapas de campo, realizadas entre 2003 e 2005, incluíram a exploração e a escavação sistemática dessa área que, como veremos, apresentou mostras abundantes de depósitos habitacionais continuados por mais de dois mil anos.

Os sítios costeiros do oeste da Índia e do leste da África pertenciam a uma ampla rede de comércio marítimo existente, desde a Antiguidade, no Oceano Índico. O antigo porto de Chaul possuía duas rotas comerciais terrestres principais que o ligavam ao planalto do Deccan, mencionadas anteriormente.[65]

Atualmente Chaul e Revdaṇḍā, embora considerados dois vilarejos distintos, estão localizados a menos de 3 quilômetros de distância, área densamente habitada. As antigas ocupações hindus, islâmicas e portuguesas, ali distribuídas e anteriormente descritas,

encontram-se atualmente em ruínas e tomadas por uma densa plantação de coqueiros e bételes (noz-de-areca) — base econômica da região —, que mantêm as vielas sombreadas e o solo úmido mesmo durante o inverno. Além dos lagos, junto às montanhas, que fornecem irrigação abundante, a região sempre possuiu um grande número de poços d'água que remontam ao período Sātavāhana. Um pequeno riacho, a cerca de 800 m da costa de Revdaṇḍā, corre para o norte, a partir do rio Kuṇḍalīkā, e forma a planície de inundação recente, densamente recoberta por arbustos e com extensão aproximada de um 1 quilômetro.

O local exato do antigo porto não havia sido encontrado devido ao assoreamento do antigo leito do rio Kuṇḍalīkā e às flutuações recorrentes do seu estuário. Tais processos soterraram parte das edificações e tornaram-nas inoperantes devido à mudança na posição do leito rio. Uma pesquisa recente foi desenvolvida abordando os aspectos geomorfológicos da região[66]. O estudo foi fundamental à compreensão das modificações ocorridas nessa área costeira.

O levantamento, acompanhado da utilização de mapas e fotos de satélite[67], possibilitou a localização das áreas de habitação dos períodos mais remotos — séculos III — I a.C. A antiga margem do rio Kuṇḍalīkā, com aproximadamente 2 quilômetros de extensão ao longo do depósito de assoreamento mais antigo, era a área mais propícia à atividade portuária, uma vez que se encontrava protegida da força das marés e do vento costeiro. Foi nesta região que as explorações sistemáticas foram iniciadas em 2003.

A antiga Chaul Alta, área de ocupação das dinastias hindu e muçulmana, encontra-se a cerca de 1 quilômetro de distância do atual leito do rio Kuṇḍalīkā. Dois depósitos decorrentes do assoreamento do rio puderam ser observados: um antigo e estabilizado, sobre o qual foi construído o antigo porto, atualmente observado como uma densa área de plantação de coqueiros; e um mais recente, a 1,5 m abaixo do nível do depósito mais antigo e que forma a planície de inundação moderna. As pesquisas revelaram que o depósito antigo ocupa uma faixa com cerca de 10 quilômetros ao longo da margem do rio e está logo acima do estrato pertencente ao Holoceno.

Os vestígios arqueológicos encontram-se distribuídos por uma área de aproximadamente 1,2 quilômetro de extensão, que forma uma faixa irregular, na direção lesto-oeste, junto à porção final do lado sul da antiga margem do rio — depósito de assoreamento

---

[65] Ver nota 19, nesta.
[66] Realizada por Ghate (1990).
[67] Trabalho realizado com a colaboração do prof. Bruno Marcolongo, Diretor de Pesquisa do CNR-IRPI e *Remote Sensing*, Universidade de Padova, Itália.

antigo. A antiga ocupação penetra, na direção norte, por cerca de 400 m, a partir dos quais a freqüência do material arqueológico de superfície decresce consideravelmente.

Figura 25. Imagem de satélite da região de Chaul (Gogte 2003)

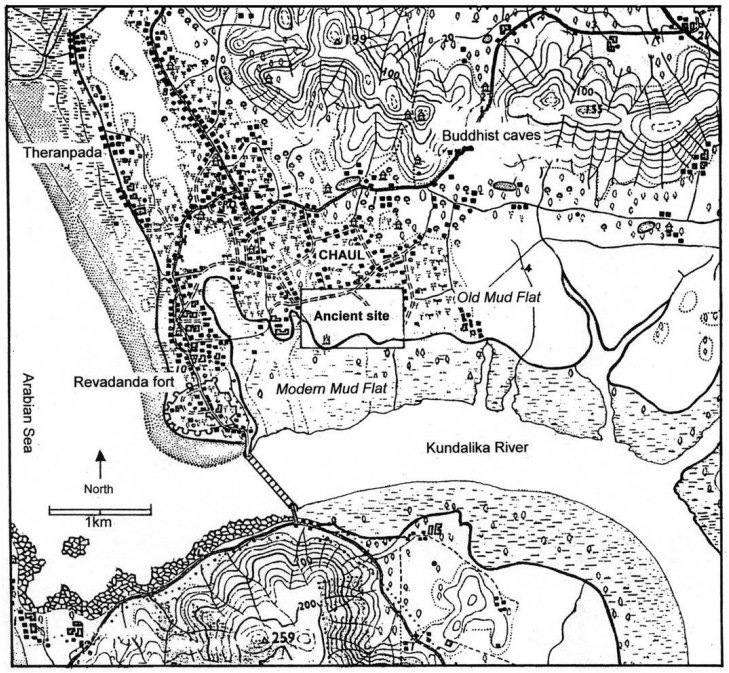


Figura 26. Mapa topográfico da região de Chaul (Gogte2003)

Um levantamento preliminar dessa área junto ao antigo muro de proteção do porto da Chaul Alta revelou a presença de grande quantidade de material cerâmico. O material

aflora profusamente na superfície do terreno, que é densamente cultivado por plantações de coqueiros e bétele (areca). Aqueles que chamam a atenção, inicialmente, são os cacos de porcelana chinesa — Ming e celadon, e a cerâmica monocroma vitrificada islâmica. Existem também muitos elementos arquitetônicos, a maioria em ruínas, espalhados pela área. Em sua maior parte pertenceram ao período de ocupação islâmica.

As ruínas do muro de proteção ou ancoradouro junto à área de ocupação podem ser observadas ao longo do que foi a antiga margem do leito do rio Kuṇḍalīkā. Tal construção possui cerca de 1 m de largura e uma extensão aproximada de 800 m que é, por vezes, interrompida junto aos locais em que o muro foi soterrado pela planície de inundação. As paredes foram construídas com pedras chatas de tamanho irregular, aparentemente sem argamassa. A face que costumava estar voltada para o lado do rio está bastante desgastada. A distância entre tais muros de proteção e o atual leito do rio, área da planície de inundação moderna, chega a ter 1 quilômetro de extensão. Num dos pontos desse muro (N 18º33'11.3" EO 72º56'27.1") é possível observar uma estrutura perpendicular, construída com blocos de basalto e medindo cerca de 3 m de largura, que segue em direção ao antigo rio e, atualmente, desaparece a aproximadamente 20 m na planície de inundação. A estrutura, semelhante à encontrada junto ao grande edifício em ruínas no Forte Rājkoṭ (N 18º33'11.1", EO 72º56'35.9"), foi, provavelmente, um ancoradouro ou cais para embarcações de menor porte. Durante a etapa 2005 foi realizada a plotagem do perímetro do antigo muro de proteção e das ruínas das edificações associadas.

Figura 27. Detalhes do muro de proteção junto ao antigo leito do rio atual planície de inundação

Figura 28. Vista do Forte Rājkoṭ tomado pelos coqueirais a partir da planície de inundação

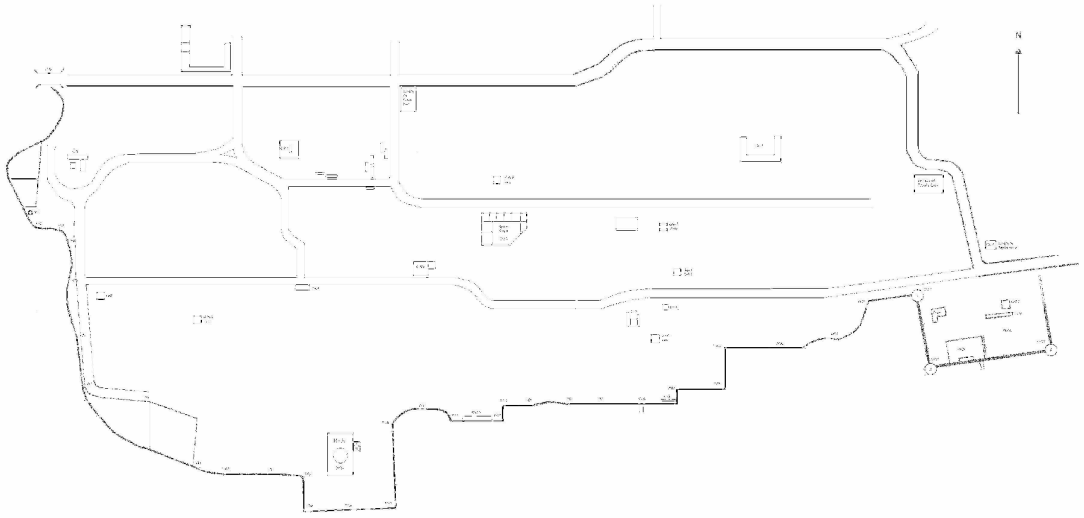


Figura 29. Esboço da área murada da Chaul alta com base na plotagem com GPS

2.3 RESULTADOS DA PESQUISA ARQUEOLÓGICA

As primeiras evidências em contexto arqueológico dos períodos mais remotos de ocupação da área em que se supunha ter sido a antiga Chaul Alta foram obtidas inicialmente nas covas que estavam sendo abertas entre os coqueirais para construção de poços[68]. Esse

[68] O poços na região do Konkan são geralmente escavados no verão, as covas são abertas com 4 m de largura, até que se chegue ao nível do lençol freático, encontrado junto ao depósito arenoso endurecido, conhecido na região como *kara* ou *karal*.

levantamento preliminar, realizado em 2003, forneceu provas concretas do período Sātavāhana (c. 230 a.C. - 230 d.C.) atestadas pela cerâmica, poços de anéis cerâmicos, moedas, contas e braceletes de vidro encontrados durante a abertura de um dos poços. Os períodos mais tardios são representados por vestígios materiais dos Śilahārā (c.1000-1200 d.C.) e Bahamani (c.1400-1600 d.C.).[69]

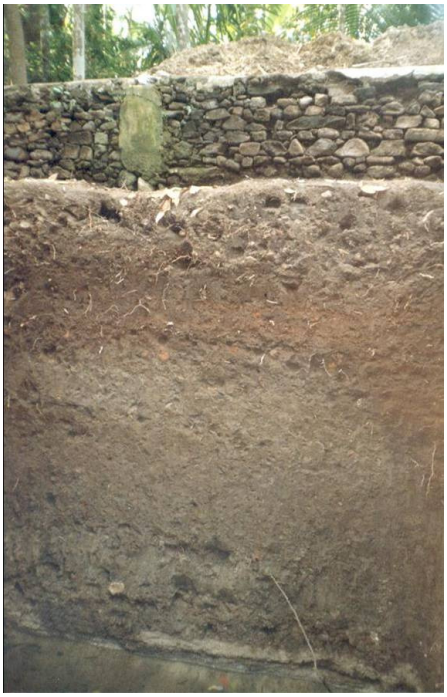
Duas etapas de campo subseqüentes, em 2004 e 2005, foram realizadas com o objetivo de escavar as áreas em que a freqüência do material arqueológico de superfície mostrou-se mais elevada. A etapa de campo 2004 ocorreu durante o mês de maio; a etapa 2005 ocorreu entre os meses de janeiro e fevereiro. Nessas etapas foram escavadas quatro áreas distintas do sítio, duas mais próximas do antigo muro de proteção, junto à borda da planície de inundação (CHL-P e CHL-D), e outras duas na área mais elevada do sítio (CHL-V e CHL-A).

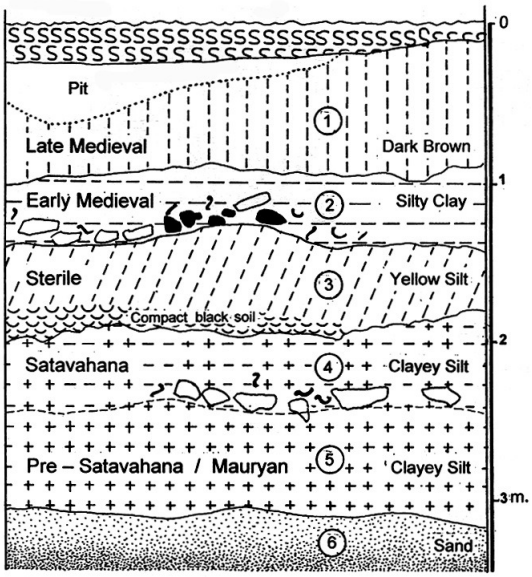
O detalhamento dos trabalhos realizados na etapa 2005 encontra-se no relatório de campo apresentado mais à frente.

Uma quantidade expressiva de material arqueológico foi recuperada durante as etapas de campo realizadas na antiga Chaul Alta, que apresentaram evidências abundantes de depósitos habitacionais continuados entre 300 a.C. a 1700 d.C. Como veremos a seguir, além da cerâmica histórica tradicional, foram escavadas várias outras tipologias materiais que vieram confirmar a ocupação da região desde a Antiguidade.

[69] Como observou Gogte (2003, p. 69) o material arqueológico associado aos Sātavāhana e às dinastias dos períodos subseqüentes recorreu nas seis áreas em que poços estavam sendo escavados, locais distantes o suficiente para indicar que a ocupação Sātavāhana não se limitou a uma pequena área, mas acompanhou a extensão de terra utilizada pelos assentamentos posteriores. A estratigrafia dos depósitos habitacionais em Chaul é semelhante àquelas encontradas em Kolhapur (SANKALIA; DIKSHIT, 1952), em que os níveis pós-Sātavāhana foram classificados como Sātavāhana-tardio (c. 500-1400 d.C.) e Bahamani (c.1400-1600 d.C.). O período Bahamani em Kolhapur se encontra associado ao período Muçulmano-Marāṭhā dos sítios de Nasik e Nevasa (SANKALIA; DEO, 1955; SANKALIA et al.; 1960). Assim a nomenclatura utilizada em Chaul segue a seguinte uniformização: 1. Período Medieval Inicial (500-1300 d.C.), geralmente chamado Sātavāhana-tardio, Pós-Sātavāhana e Śilahārā; 2. Período Medieval Tardio (1300-1700 d.C.), que inclui os períodos Bahamani e Muçulmano-Marāṭhā de diferentes sítios. Na verdade a nomenclatura usual do Período Histórico Inicial (250 a.C. – 500 d.C.), geralmente utilizada na Índia, poderia ter sido utilizada para designar o período Sātavāhana em Chaul, mas como muitos aspectos da cultura material são características específicas do período Sātavāhana no oeste da Índia, o mesmo foi utilizado para descrever esta parte inicial do Período Histórico.

Figura 30. Sítio arqueológico de Chaul - área com intenso cultivo de coqueiros e bételes.





Figuras 31 e 32. Níveis estratigráficos da Chaul alta observados durante abertura de um poço (Gogte 2003)

O RELATÓRIO DE CAMPO — Etapa 2005:

A metodologia utilizada pelo *Deccan College Post-Graduate and Research Institute* nas escavações de sítios históricos na Índia geralmente é empreendida através da abertura de quadras de 5m.X 5m.; subdivididas em quatro quadrantes de 2,5 m X 2,5 m. No entanto, o intenso cultivo de coco e noz-de-areca existente nas propriedades particulares que compreendem a área do sítio arqueológico da antiga Chaul Alta, não permitiu a aplicação dessa metodologia. Por essa razão, durante a exploração, foram selecionadas as áreas com maior densidade cerâmica, nas quais pudessem ser abertas quadras de pelo menos 2,5 m X 2,5 m.

O registro dos vestígios arqueológicos, — *antiquities*[70], coletados nas quadras, foi feito todos os dias pela manhã pelos membros das equipes em conjunto. O material cerâmico e ósseo foi coletado separadamente. A exploração de outras áreas próximas às quadras já demarcadas também foi feita pela manhã, antes da chegada dos auxiliares, contratados na região.

05.01.2005
Viagem de Pune a Chaul.
Após exploração da área, foram determinados os locais para demarcação de duas quadras — B e C, para início dessa etapa de escavação.[71] As equipes foram também divididas respectivamente: 1. Rukshana, Abhijit e Cibele[72]; 2. prof. Gogte, Shrikant, Shivendra e Sachin.

06.01.2005
A quadra B — ou CHL-V (N18º33'19.5", EO72º56'23.2"), escavada pela equipe 1, foi aberta na propriedade do Sr. Vartak e designada CHL-V. Uma plantação densa de coqueiros e bétele tornou difícil a seleção de um espaço adequado para escavação. A área escolhida foi a porção mais elevada do pequeno morro do lado oposto da estrada que leva ao *Hamām Khānā* — os Banhos Reais do período de ocupação islâmica, que apresentou uma grande quantidade de cerâmica distribuída pela superfície. Um campo para a cerâmica a ser coletada foi preparado próximo à quadra.
Um pequeno espaço foi aberto e dois quadrantes da quadra B (Sudoeste e Sudeste) foram demarcados; medindo 2,5 m X 2,5 m cada. Uma atividade de queima recente deixou uma mancha grande de combustão e cinzas no quadrante Sudeste, que foi varrido e limpo.
O ponto NW é mais alto que o SW em 8,5 cm. Uma vez que todas as medidas e profundidades serão tomadas a partir do SW (ponto 0), essa diferença de profundidade foi acrescentada a todas as medidas de profundidade tomadas nesta quadra.

---

[70] A equipe chama *antiquities* os vestígios arqueológicos que incluem, todos os artefatos de material vítreo, metálico, lítico, etc. coletados nas quadras, como contas de vidro e pedras semipreciosas (como o cristal; e a cornalina, que é a calcedônia levada ao fogo, de translúcida toma uma coloração marrom-alaranjada), fragmentos de vasilhas de vidro, fragmentos de braceletes de vidro; instrumentos ou objetos de metal, como facas, verrumas, etc; objetos de pedra, como pilões; e demais objetos ou materiais como fragmentos de mica (silicatos monoclínicos foliados translúcidos ou coloridos). O material cerâmico e ósseo foi coletado e registrado separadamente, bem como o material para verificação, como matéria-prima, e o material conchífero. Uma tabela das antiguidades recuperadas na quadra B encontra-se, mais à frente, em anexo.

[71] A quadra-A (N18º33'18.5", EO72º56'25.2") foi escavada, durante a etapa de 2004, junto à propriedade do Sr. Patil.

[72] Ficou estabelecido que além de trabalhar na quadra B, eu faria o registro fotográfico de todas as quadras abertas nessa etapa de campo; bem como a plotagem com o GPS das quadras, edificações e estruturas antigas associadas a essa área do sítio arqueológico.

Quadra B ; CHL – V
Quadrantes SW e SE
Escavado SW
Nº Lote inicial 2101

A primeira camada escavada, com cerca de 0,14 m, recebeu a numeração de lote 2101. Esse lote corresponde ao húmus e foi removido e peneirado. Foi encontrada uma grande quantidade de cerâmica, alguns ossos e contas. O solo é friável e embora perturbado pelas raízes não apresenta grande contaminação por material moderno. Imediatamente abaixo dessa camada de húmus começa o nível estratigráfico 1.
A segunda camada, escavada a 0,23 m, lote 2102, também apresentou uma grande quantidade de cerâmica. O grande número de fragmentos de rocha, grandes e pequenos, encontrado nessa camada, dificultou a manutenção de um nível equilibrado em toda a camada. Durante a retirada do material verificou-se que o solo era friável e as pedras não possuíam padrão ou alinhamento identificável.
Nessas duas primeiras camadas foram encontrados cacos de cerâmica vitrificada, pedaços de vasilhas de pedra, alguns cacos da cerâmica islâmica conhecida por *Sgraffiato Ware* e grande quantidade de cerâmica de textura grosseira.
Devido à grande quantidade de material cerâmico presente nos lotes, foi decidido que a cerâmica não seria lavada (devido à dificuldade e distância do poço d'água nessa propriedade), mas apenas seca (o terreno é muito úmido e a sombra dos coqueirais dificulta a secagem do material arqueológico), escovada; então somente será selecionada a chamada cerâmica de diagnóstico (bases, bordas, tampas etc.) do material de textura grosseira; toda a cerâmica vitrificada e esmaltada será coletada (chinesa, islâmica, africana).[73]

07.01.2005
Foram encontradas grandes quantidades de microcontas e fragmentos de braceletes. Por serem difíceis de localizar no processo de coleta manual, a terra dos lotes 2101 e 2102 foi novamente selecionada em uma peneira de malha fina. Esse procedimento evidenciou uma grande quantidade de contas — de pedra e vidro, assim como fragmentos de vidro e de braceletes de vidro. A partir de então esse procedimento foi adotado para todos os lotes subseqüentes escavados, o que tornou o trabalho bem mais demorado.
Mais um lote foi escavado, 2103, com profundidade de 0,29 cm. No entanto foi decidido que os lotes seriam escavados alternadamente nas metades oeste e leste do quadrante para facilitar o trabalho e ter mais controle sobre a localização do material arqueológico. A área escavada foi dividida em duas partes com 2,5 m X 1,25 m.
Há uma grande concentração de pedras neste lote 2103 e embora ainda exista presença de forte fitoturbação (raízes dos coqueiros e bételes), o depósito não parece ter sido muito

[73] O diretor da escavação, prof. Gogte, decidiu que não seria possível levar todo o material de volta ao departamento de arqueologia. Ficou decidido que não serão feitas análises estatísticas do material cerâmico coletado nessa etapa de campo Todo material cerâmico está sendo analisado Rukshana Nanji e é parte integrante de seu doutorado, que trabalha com os sítios de Sanjan e Chaul, ambos na costa oeste da Índia.

perturbado. A maior dificuldade para escavar foi ocasionada pela presença de grande quantidade de pedras de pequeno e médio porte (será que elas formam algum tipo de camada?). Toda a terra foi peneirada na malha fina para recuperar as microcontas e pequenos fragmentos de vidro mencionados acima. O material que permanece na peneira, ósseo e cerâmico, foi então coletado manualmente. Os ossos aparecem em baixa quantidade.
A grande quantidade de contas e material vítreo de descarte indicam que a área possivelmente foi uma área de manufatura de contas de vidro.

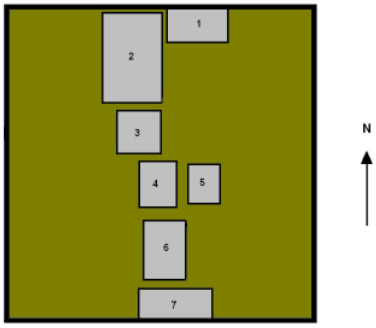
08.01.04
No início da manhã foi realizada a exploração de uma região do vilarejo no caminho dos conjuntos de grutas budistas; foram registrados dois templos hindus e locais com *pedras memoriais*.
No lote 2104, com 0,38 m de profundidade, um número maior de fragmentos de rocha (talvez parte de uma camada) foi encontrado. A maioria de formato achatado, algumas recobertas com uma camada de ocre. Foram identificados pedaços de tijolos e telhas de barro cozido. Cacos cerâmicos também aparecem em quantidade considerável. O processo de coleta continua sendo realizado com peneira fina e coleta manual, pois a área mostrou-se rica em material arqueológico, principalmente contas.
Muitas raízes estão visíveis no quadrante. Assim como o lote anterior, o seguinte, 2105 com profundidade de 0,45 m., também apresenta muitos fragmentos de rocha e tijolos associados a grande quantidade de cerâmica.
O lote 2106 foi escavado e peneirado. Uma bobina de pedra/anel de rede foi encontrado e apresenta marcas de uso; dois discos perfurados também foram coletados. Uma mancha de queima foi observada no centro da porção leste do quadrante; um grande pote cerâmico/concentração de cacos cerâmicos foi observado nas proximidades. Uma amostra de carvão foi recuperada nesse lote, próximo ao perfil norte. A alta umidade do solo tem dificultado os trabalhos.
Na próxima camada escavada alcançou-se a profundidade de 0,65 cm. Esse lote 2107 ainda apresenta grande quantidade de pedras. Uma quantidade maior de objetos de metal começou a surgir a partir dessa camada, que inclui ferro, cobre e prata.

09.01.2005
Levantamento dos conjuntos de grutas budistas associadas ao sítio arqueológico de Chaul.[74]
Exploração de alguns templos hindus e registro de pedras memoriais.

10.01.2005
No lote 2108, com 0,83 m de profundidade, foi encontrada grande quantidade de objetos de metal (cobre e ferro). Alguns desses instrumentos parecem ser agulhas, cinzéis, formões, espátulas, pontas secas, verrumas e cravos. Bobinas de arame de ferro também foram encontradas, assim como uma faca de ferro completa junto ao canto SW. Interessante notar que o número de contas parece estar diminuindo. Na metade leste do quadrante foram recuperados um fragmento de objeto de prata (fivela?) também foi encontrado; assim como uma moeda de cobre (corroída), fragmentos de braceletes de vidro e contas. Não foram mais encontradas microcontas de vidro.
A presença de pedras ainda é freqüente, mas se observa uma mudança de nível estratigráfico, passamos do nível 1 para o 2.

[74] Ver descrição anterior.

Dois grandes blocos de pedra apareceram na porção noroeste do quadrante. Após serem evidenciados foram medidos. Um dos blocos é retangular e o outro, que está fraturado, é um tanto irregular. Abaixo dessas pedras um grande jarro de cerâmica para armazenamento de víveres ou água parece estar esmagado (talvez seja possível reconstruí-lo a partir das partes recuperadas). Na porção sudeste e norte outras 4 pedras começaram a surgir (ver desenho abaixo).



Medidas dos blocos de pedra:

Bloco 1: 50 X 29 X 18 cm
Bloco 2: 93X25X15cm.
Bloco 3: 47X18X15cm.
Bloco 4: 25 X 19 X 12 cm.
Bloco 5: 33 X 19 X 14 cm.
Bloco 6: 53X30X19cm.
Bloco 7: 42X25X7cm. (junto ao perfil sul)

O lote 2109, com 0,93 m de profundidade apresentou uma certa quantidade de caramujos terrestres, cacos de cerâmica e um molde de terracota (TC) de uma moeda *gadhiya*. As pedras grandes e chatas parecem estar alinhadas.
No lote 2110, a 0,99 m, todos os blocos de pedra foram evidenciados e formam um total de sete pedras grandes: seis no quadrante e uma fixa no perfil sul. O alinhamento segue o eixo norte-sul. Uma tampa de porcelana pouco usual com desenho floral marrom em fundo branco; um objeto de cobre que se parece com um pião de xadrez; outras antiguidades foram encontradas. A quantidade de cerâmica é enorme. Também fragmentos de matéria-prima (branco e amarelo, granulado, aparentemente carbonato de cálcio) continuam a aparecer. A quantidade de contas encontrada nos últimos dois lotes está decrescendo. O número de vestígios arqueológicos também estão diminuindo consideravelmente.
Após evidenciar as estruturas de pedra e tijolos da quadra C, ou CHL-A (N 18º33'13.7", EO 72º56'18.6"), foi realizado o registro fotográfico.

11.01.2005
No lote 2111, a 1,09 m de profundidade, a camada de pedras foi registrada, fotografada e removida. Aparentemente as pedras pequenas removidas nos últimos lotes foram parte de uma camada ou fundação. Um grande número de cacos de telhas foram observados nas amostras cerâmicas. Mãos de pilão e um almofariz foram encontradas associadas ao alinhamento de pedras. O número de contas foi drasticamente reduzido. A freqüência de fragmentos de braceletes com contas voltou a aumentar.

Na quadra C foi encontrada uma estrutura de pedra e em seguida uma estrutura de tijolos de tamanho semelhante aos utilizados no período Sātavāhana (40 cm X 20 cm). Foi realizada documentação fotográfica das duas quadras.

12.01.2005

Na quadra B, junto à base dos blocos de pedra observou-se uma camada de solo de textura arenosa avermelhada. Após raspar e pincelar essa área, foi verificado que se tratava de uma mudança de nível estratigráfico.

O lote 2112, a 1,18 m de profundidade, encontra-se, portanto, no início do estrato 3. As pedras no perfil norte desmoronaram sobre um vaso cerâmico de grandes proporções — jarro para armazenagem. No canto SE do quadrante dois ossos articulados e grandes podem ser observados, eles se projetam a partir do perfil leste, ambos profundamente inseridos. Um deles, provavelmente uma tíbia, foi coletado, o outro, um fêmur, permaneceu no perfil.

O lote 2113 a 1,30 m é semelhante ao anterior, houve um decréscimo considerável de antiguidades, mas o material cerâmico é abundante.

13.01.2005

Pela manhã, fragmentos de um crânio humano foram encontrados durante a escavação do lote 2114 a 1,36 m. de profundidade.

Os trabalhos foram suspensos, a área foi limpa e pincelada para determinar a localização do esqueleto. Observou-se que o crânio, escápula, algumas costelas e ossos longos (possivelmente pertencentes aos braços) foram depostos num sepultamento junto ao canto SE do quadrante, próximo do perfil sul do quadrante. A disposição do enterramento seguiu a orientação norte-sul, o topo da cabeça no norte; em decúbito lateral direito; o rosto voltado para o oeste. Os membros inferiores provavelmente se encontram no quadrante que se estende a partir do perfil sul e por isso não puderam ser recuperados. Após o registro fotográfico foi iniciada a remoção e embalagem do esqueleto para ser levado ao laboratório do departamento.

Durante a escavação do esqueleto cujas dimensões somavam aproximadamente 18 cm X 35 cm, ficou evidenciada a cova do enterramento, de formato quase retangular e cujas dimensões aproximadas somam 46 cm de largura por 62 cm de altura. O solo da cova era friável e de tonalidade amarelada, foram encontrados alguns cacos cerâmicos associados. Essa cova encontra-se no nível estratigráfico 3 e termina junto ao estrato 2. A oeste do esqueleto foi observada uma mancha de queima; uma outra também apareceu no canto nordeste (NE) do quadrante. Não foram encontradas contas ou outras antiguidades associadas ao esqueleto.

O crânio do esqueleto foi coletado em fragmentos, mas a maior parte deles foi recuperada. Todos os 32 dentes estão presentes o que indica que se trata de um indivíduo adulto, a abrasão presente nos molares poderia ser decorrência da alimentação proveniente do mar. A umidade do solo dificultou enormemente a escavação dos ossos que se encontravam extremamente friáveis. Os metacarpos e falanges encontravam-se numa posição que indica que tenham estado curvados para dentro. A coluna vertebral estava curvada o que parecia indicar que se tratava de um sepultamento fletido e não estendido. A dificuldade maior foi que justamente parte dos ossos da bacia e os membros inferiores encontram-se no outro quadrante; existe ainda uma possibilidade bastante remota dos ossos grandes encontrados na camada correspondente ao lote 2112 pertencerem ao mesmo esqueleto.

No canto noroeste (NW) do quadrante foi observada uma feição composta por areia acinzentada, com nódulos concrecionados (conchas?) cujas dimensões atingem 64 cm (N-S) e 45 cm (L-O); no perfil oeste e norte aparece sobreposto por uma camada amarelada e ocre (argila queimada?).

Figura 33. Vestígios humanos encontrados na Quadra B.

Figuras 34 e 35. Detalhes dos vestígios humanos encontrados na Quadra B.

14.01.2005
Continuidade dos trabalhos de retirada dos vestígios humanos.

15.01.2005
No lote 2115, a 1,47 m, as antiguidades começaram a decrescer, foram encontrados um almofariz e um disco de terracota. A quantidade de cerâmica continua estável.
Início da seleção da cerâmica de diagnóstico, embalagem e registro até o lote 2114.

16.01.2005
Exploração da área do Forte português no vilarejo próximo a Revdanda. Registro fotográfico das edificações e inscrições portuguesas.

17.01.2005
Os lotes 2116 e 2117 foram escavados. O lote 2116, com profundidade de 1,53 m, apresentou evidência de queima no centro do quadrante. Nesse lote foi encontrado um fragmento (com dois centímetros de largura) de cerâmica islâmica conhecido como S*ilhouette Ware*, proveniente da região do Irã e Iraque, e datada do século XI e XII d.C., esse tipo de cerâmica vitrificada tem fundo azul turquesa e desenho linear em tinta preta. Ela é anterior à cerâmica vitrificada monocroma islâmica que também tem aparecido nos lotes escavados e data do século XIV. Associado a esse material, surgiram fragmentos de vasilhas de vidro, que incluem uma base e um pescoço com borda.
No lote 2117 a 1,60 m de profundidade a feição de textura arenosa mencionada acima, que apareceu junto ao canto noroeste (NW) parece ter continuidade.
Os fragmentos da borda de um pote cerâmico de grandes dimensões que estavam soterrados próximo do perfil norte foram coletados nesses dois lotes. Um solo de textura argilosa e amarelado começou a aparecer no canto sudeste abaixo da cova do enterramento. Uma grande quantidade de conchas e caramujos (*columella*) foi encontrada, mas nenhum artefato desses materiais.
O número de fragmentos de vidro aumentou, mas quase não há contas de vidro. Um pequeno número de contas de cristal entalhadas foi encontrado no lote 2117. Uma haste e base de um cálice e o pescoço e borda de uma garrafa de vidro foram encontrados.
Esse quadrante tem apresentado alto índice de perturbação que tem dificultado a interpretação dos níveis estratigráficos.

18.01.2005
A feição de textura arenosa foi pincelada e limpa, em seguida medida e fotografada. Uma camada fina (3 cm) foi escavada — lote 2118, com 1,63 m. Essa feição arenosa parece ter continuidade abaixo. O lote seguinte, 2119 alcançou 1,68 m. Um bloco de pedra chato e retangular apareceu disposto diagonalmente no canto sudoeste (SW), parece estar tombado.

19.01.2005
As partes do grande pote cerâmico foram limpas e expostas durante a escavação do lote 2119. Durante o processo foi descoberto que não se tratava de um vaso, como se pensara antes, mas na verdade de um *poço de anéis*, ou *ringwell*, nome pelo qual essa estrutura é conhecida na Índia[1]. A borda superior é achatada no topo e triangular no perfil. Existe uma camada esbranquiçada na superfície interna das partes do anel. A base inferior dos anéis é lisa e completa (sem quebra), o que determinou e esclareceu a função desses fragmentos.

[1] Ver descrição dessa estrutura mais à frente.

Um desses grandes pedaços do anel se projeta quase que verticalmente a partir do perfil norte, enquanto outros cinco fragmentos estão dispostos horizontalmente, tombados no quadrante. Nessa profundidade podem ser observadas algumas outras partes de anéis cerâmicos dispostas abaixo dos que já foram evidenciados.
O limite da cova em que foi construído o poço de anéis ainda não está claro. Uma camada de cacos cerâmicos e telhas de barro cozido orientados horizontalmente no perfil norte e dispostos logo acima da borda do fragmento horizontal já mencionado, poderia ser o nível estratigráfico em que o poço terminava. Esses elementos serão discutidos mais à frente.
A feição de textura arenosa, presente no canto noroeste (NW), foi pincelada e continua a essa profundidade (há mudança de coloração do solo: de marrom escuro para marrom bem claro). No perfil ele aparece sobre uma camada de textura arenosa escura (queimada?) e de granulometria fina.
No lote 2120 a 1,79 m de profundidade observou-se uma mudança para nível estratigráfico 4. Nesse lote houve uma modificação na coloração da terra que anteriormente era mais escura e agora, além da textura mais arenosa tornou-se, também, mais amarelada. Existe a possibilidade de se tratar de um depósito de aluvião, pois a textura do solo tem se tornado mais arenosa.
A quantidade de cerâmica diminuiu, as antiguidades também segue o mesmo padrão decrescente.

20.01.2005
Os lotes 2121 a 1,84 m e 2122 a 1,95 m não apresentaram mudança, apenas o aparecimento de alguns poucos objetos de cobre.
Hoje recebemos a visita do professor K. Paddayya, o diretor do DCPGRI — *Deccan College Post-Graduate Research Institute*. Também vieram ao sítio o professor M.S. Mate, especialista aposentado em sítios históricos e iconografia. Após observação detalhada da quadra B, eles nos forneceram informações e sugestões importantes.
O que acreditávamos ser uma telha ou um cano protuberante no perfil sul, na realidade era um *TC deepmaala* — uma lamparina cônica de terracota, deposta em uma pequena cova. Parte dessa cova estava visível no solo do quadrante e seu limite é claramente delimitado no perfil sul (solo mais escuro). Alguns ossos queimados e cacos cerâmicos com faixa vermelho escura e brilhante foram observados associados à lamparina.
Uma lente de textura arenosa surgiu de forma clara no solo do quadrante e próxima ao perfil leste.
De acordo com o professor Mate a lente de silte no perfil sul é um depósito natural. Ela não aparece nos perfis oeste nem norte provavelmente por causa da natureza ondulada da paisagem. Ele também sugeriu que se encontre a cronologia para lamparinas de terracota e considerou uma sorte, esse objeto se encontrar em uma cova secundária.
O Dr. Paddayya observou a feição em camadas de textura arenosa claras e escuras (queimadas?) no canto noroeste (NW) e sugeriu que durante as análises químicas do material deva se considerar que as conchas eram algumas vezes utilizadas como combustível em queimas. O professor Gogte sugeriu se tratar talvez de uma fundição de contas (pois foram encontradas mais de 2000 microcontas de vidro; no entanto elas estavam em níveis estratigráficos superiores), mas após longa discussão, o Dr. Mate sugeriu que possivelmente se trate de um depósito natural de camadas de areia (dunas), as faixas mais escuras seriam decorrentes da decomposição de material orgânico ou conchas queimadas. Não há dúvidas que a feição é anterior ao poço de anéis, pois foi secionado no perfil norte para construção do poço.

Os anéis tombados do poço foram expostos e uma tentativa foi feita para localizar e estabelecer o limite da cova.

21.01.2005

No lote 2123, a 2,08 m, a feição de textura arenosa retangular continua com coloração escura, uma mancha semelhante pode ser observada no lado nordeste.

Exploração da área junto à antiga borda do rio, que hoje foi transformada em planície de inundação decorrente do depósito de aluvião assoreado junto ao antigo leito do rio Kundalika. Séculos atrás, a margem direita desse rio chegava até o sítio arqueológico, mas atualmente há mais de 1 quilômetro de distância entre os antigos muros e o leito atual do rio.

22.01.2005

Funeral da Sra. Patil. Interrupção dos trabalhos.

24.01.2005

Retomada dos trabalhos.

Os lotes 2124 a 2,13 m; 2125 a 2,17 m; e 2126 a 2,29 m foram escavados, houve uma diminuição expressiva de vestígios arqueológicos.

A feição no canto noroeste (NO) foi evidenciada, limpa e pincelada para medição e registro:

1. A espessura total dessa feição — do topo da mancha alaranjada e queimada até a última faixa escura na porção inferior, é de aproximadamente 1,25 m.
2. A feição mede aproximadamente 90 cm X 53 cm na base do solo do quadrante. Mede 90 cm junto ao perfil oeste. Na secção norte, que mede 53 cm,, a feição foi secionada verticalmente pela cova do poço de anéis
3. A estratigrafia dessa feição arqueológica é a seguinte:
    1) a camada mais alta mede aproximadamente 19 cm de espessura e é composta por uma argila alaranjada queimada;
    2) uma camada fina de coloração mostarda com cerca de 4 cm de espessura aparece abaixo da camada de textura argilosa (ambas são compactas);
    3) em seguida, uma camada de textura arenosa e friável de coloração marrom, com c. 8 cm de espessura;
    4) uma camada de textura arenosa acinzentada e com conchas concrecionadas com espessura aproximada de 33 cm;
    5) uma faixa de textura arenosa fina e escura com 5 cm de espessura;
    6) uma faixa de textura arenosa fina e marrom concrecionada com 5 cm;
    7) uma faixa de textura arenosa fina e escura com 2 cm;
    8) uma faixa de textura arenosa fina e marrom concrecionada com 3 cm;
    9) uma faixa de textura arenosa fina e escura com 2 cm;
    10) uma camada de textura arenosa marrom com 13 cm;
    11) uma faixa de textura arenosa escura de 2 cm;
    12) uma camada de textura arenosa marrom e solta com 6 cm;
    13) um outra faixa de textura arenosa escura com 3 cm.
    14) uma camada de textura arenosa marrom concrecionada interposta com 8 cm;
    15) uma faixa esbranquiçada e compacta com 1cm de espessura;
    16) uma camada de textura arenosa marrom e concrecionada com 9,5 cm;
    17) uma faixa esbranquiçada e compacta com 3 cm;
    18) uma faixa de textura arenosa branca e marrom (cinzas/argila?) friável parece envolver todo esse elemento desde o topo da camada alaranjada até o final da camada inferior.

Figura 36. Deposito natural encontrado no perfil oeste da Quadra B.

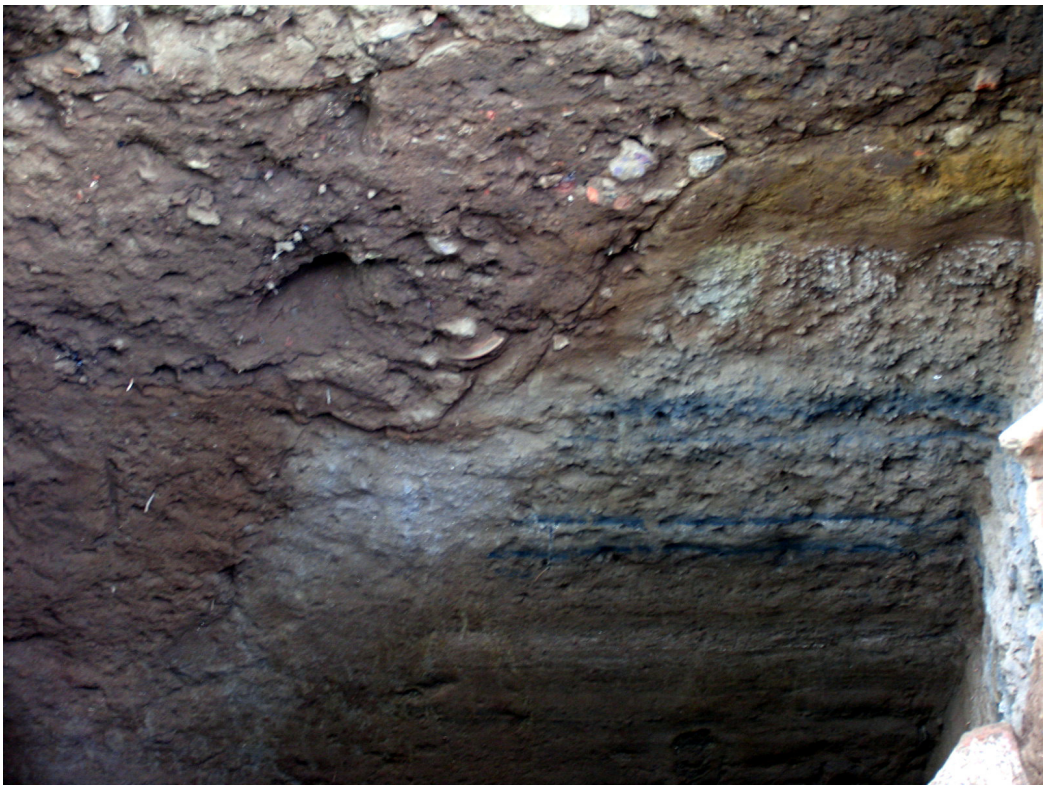


Figura 37. Detalhe do depósito natural encontrado no perfil oeste da Quadra B.

A aparência geral dessa feição (no perfil oeste) é piramidal. A argila que envolve a feição se alarga na base. Uma feição semelhante apareceu no perfil leste. As manchas escuras e marrons no solo do quadrante e adjacentes ao perfil leste, poderiam ter se estendido até a feição do canto noroeste, mas parece ter sido interrompido pela cova do poço de anéis. Eles não aparecem no perfil norte. A cova do poço de anéis é visível na área noroeste do quadrante, mas permanece indistinta na área nordeste.

25.01.2005

2127 a 2,41 cm.

O limite da cova do poço de anéis foi traçado no solo do quadrante a partir do canto noroeste, pois estava mais evidente desse lado do perfil norte. Ainda não está bem clara no lado nordeste. Mesmo assim uma tentativa foi feita e a demarcação seguiu até o canto nordeste logo abaixo da faixa de tijolos e barro cozido no perfil leste. A partir dessa profundidade (2,26 m), a área da cova do poço de anéis será escavada separadamente.

O quadrante passará a ser escavado alternadamente a fim de que se mantenha um controle sobre as camadas e o material arqueológico escavado: primeiro se escavará a área externa e em seguida a área da cova, procuraremos manter cerca de 0,20 m entre uma e outra. Isso permitirá que após cada remoção o solo seja limpo e pincelado para determinar o limite da cova em cada camada escavada (pois a tendência é que a linha que delimita a cova diminua conforme se alcança os níveis mais baixos). O número dos lotes será dado somente para as camadas escavadas na área externa da cova. As camadas retiradas da área da cova receberão apenas registro da profundidade, pois está claro que se trata de uma área perturbada por depósito secundário.

Aglomerados de caramujos terrestres aparecem em grande quantidade na área da cova, eles foram coletados para verificação em laboratório.

O solo na área sudoeste (SW) é mais compacto e a maior parte da cerâmica parece estar concentrada nessa região. O solo no restante do quadrante tem textura mais arenosa e friável.

26.01.2005

Dois lotes foram escavados, o 2128 com 2,49 m de profundidade e o 2129 que atingiu 2,60 m; esse último apresentou mudança para nível estratigráfico 5, cuja aparência é de uma camada de textura arenosa compacta de coloração marrom avermelhada. Os vestígios arqueológicos praticamente desapareceram e não se observa quase nenhuma cerâmica esmaltada na área externa da cova do poço de anéis. Contudo, a quantidade de conchas e caramujos permanece alta.

Começaram a surgir fragmentos de Cerâmica Preta e Vermelha (BRW – *Black and Red Ware*) e também Cerâmica Preta Polida (BPW – *Black Polished Ware*) entre o material presente na cova e em seguida foi encontrado entre o material do nível estratigráfico correspondente.[2]

Foi iniciada plotagem com GPS, após o levantamento, marcação dos pontos e registro fotográfico das principais estruturas arquitetônicas na área do sítio, foi decidido que também

[2] Tratam-se de duas tipologias cerâmicas muito freqüente na Índia antiga e diretamente associadas ao período da Dinastia Maurya (séculos III-II a.C.). O uso da cerâmica BPW parece ter sido iniciado por volta do ano 500 a.C. e descontinuado por volta do ano 200 a.C. O principal local de produção parece ter sido a planície gangética, possivelmente a região de Magadha; no entanto e encontrada em áreas distantes (como aqui) nas quais aparece junto da cerâmica BRW. A cerâmica BPW geralmente é encontrada em pouca quantidade, trata-se possivelmente de um item luxuoso e possivelmente importado da região do Ganges. Ver Huntington (1985, p. 33-34). Em relação à presente escavação trata-se de um elemento importante, pois demonstra o contato entre a região de origem dessa cerâmica e a costa oeste do subcontinente. A ocupação presente no nível estratigráfico 5 pode portanto ser datada do período Maurya.

serão marcados os pontos ao longo da antiga margem do rio, atualmente área de planície de inundação e da estrada que circunda o sítio.

27.01.2005
Durante a escavação do lote 2130, a 2,75 m de profundidade foi evidenciado um segundo poço de anéis cerâmicos no canto NE, tornando esse quadrante cada vez mais complexo. Os anéis desse novo poço possuem aparência diferenciada, as bordas mais finas e a coloração mais escura da cerâmica são bastante distintas das encontradas no primeiro poço. Uma substância ou solo esbranquiçado e pegajoso recobre a parte externa desse poço de anéis.
O limite da pequena cova pode ser observada ao redor desse poço no canto nordeste do quadrante. Alguns caramujos, fragmentos de *beach rock* — concreções, e barro cozido foram encontrados associados. Todavia, houve uma redução representativa na quantidade do número de caramujos.
Continuação da plotagem com GPS.

28.01.2005
Escavação do lote 2131 a 2,93 m de profundidade. Como esperado, a linha que delimita a cova do primeiro poço de anéis realmente está diminuindo conforme se atinge as camadas inferiores. Um anel cerâmico aparentemente completo começou a aparecer abaixo dos fragmentos cerâmicos, que vinham sendo mantidos *in situ*. Esse anel parece ter se deslocado e deslizado para baixo na direção sul. O padrão de quebra e de queda apresentado pelos fragmentos de anéis cerâmicos não parecem fornecer uma idéia da posição original desse poço ou do que possa ter causado esse tipo de desabamento.
A grande quantidade de telhas de barro cozido na camada logo acima do primeiro fragmento de anel evidenciado, poderia sugerir o desabamento de um telhado que teria causado a quebra e queda dos fragmentos dos anéis superiores.
O segundo poço, embora inserido no canto nordeste do quadrante, parece razoavelmente intacto e *in situ*, com exceção de um anel fraturado no topo e um outro acima, que só pode ser observado no perfil leste. Esses anéis fraturados sugerem que o poço talvez fosse mais alto do que originalmente pensado e, portanto, pertencesse a uma camada mais alta, i.e. talvez se trate de um poço mais tardio que o primeiro.

29.01.2005
O material da cova do primeiro poço de anéis foi escavado a partir de 2,63 m de profundidade até 2,80. A linha que delimita a cova do poço foi novamente demarcada e um novo lote, 2132, com 3,00 m de profundidade foi escavado na área externa da cova. Um novo lote foi escavado em seguida, 2133, atingindo 3,10 m. O anel logo abaixo do anel intacto do primeiro poço está fragmentado. Todos os perfis foram nivelados e pincelados para marcação dos níveis estratigráficos.

30.01.2005
A partir dessa camada, lote 2134 com 3,27 m, cessaram completamente os vestígios arqueológicos.
Plotagem com GPS ao longo do antigo leito do rio, atual planície de inundação.

31.01.2005
Um próximo lote 2135 com 3,55 m foi escavado.
A cova do segundo poço de anéis foi evidenciada e fotografada. A linha que delimita essa segunda cova se sobrepõe claramente (invade) à linha da cova do primeiro poço. O solo da

cova do segundo poço é mais escuro e compacto. Ficou claro que o segundo poço (2) era mais tardio que o primeiro poço (1) encontrado.

Figuras 38 e 39. Poço de Anéis Cerâmicos nos perfis norte e leste da Quadra B (lotes 2120 e 2135).

Figuras 40 e 41. Poço de Anéis Cerâmicos nos perfis norte e leste da Quadra B (lote 2139) e a 4,22m de profundidade.

01.02.2005
Após a escavação dos lotes 2136 com 3,74 m; 2137 com 3,89 m; e 2138 com 4,06 m houve uma mudança para nível estratigráfico 6. Atingimos o solo de textura arenosa e estéril.
Marcação dos níveis estratigráficos nos perfis sul e oeste.

02.02.2005
O lote 2139. com 4.15 m. apresentou uma camada de areia fina e compacta chamada na região de *karal* — que marca a chegada ao nível estéril.
Marcação dos níveis estratigráficos nos perfis leste e norte.
Registro fotográfico dos perfis. Desenho dos perfis.

03.02.2005
Escavação do último lote 2140, com 4.22 m de profundidade.
Foram encontrados cinco fragmentos de uma ânfora romana (1 alça; cerâmica bege-clara) no material escavado na cova do primeiro poço de anéis a 4,22 m. Embora o material da cova seja um depósito secundário, a presença desses fragmentos a essa profundidade é bastante significativa, pois mesmo que o material utilizado para o preenchimento da cova após a construção do poço não possa ser considerado para determinação da estratigrafia, devemos considerar que esse material de preenchimento certamente foi coletado na área circunvizinha ao poço e que, portanto, existem fortes indícios da presença de ânforas romanas na área próxima à quadra escavada.
Os anéis cerâmicos evidenciados dos dois poços continuam através dessa camada e se aprofundam até o leito d'água o que reitera a hipótese inicial de que se tratavam de poços d'água e não fossas. Caberia verificar a partir da análise cerâmica dos dois poços de anéis se houve uma mudança da tradição de produção desses anéis, se a tecnologia empregada teria melhorado ou decaído, etc. O último anel do Poço de anéis 1 encontra-se *in situ*; sua localização possibilitou observar que o padrão de queda e quebra dos anéis superiores ocorreu na área interna do poço, o que esclareceu certas dúvidas quanto a posição de alguns fragmentos.
Considerações sobre os poços de anéis na quadra CHL-V:
Em relação a uma possível interpretação do que teria ocorrido com os **Poços de anéis** 1 e 2, sabemos que: 1) o material intrusivo, pertencente ao nível estratigráfico 2, que se encontra dentro da área dos fragmentos do primeiro anel cerâmico do Poço 1, possivelmente, pertencente ao nível estratigráfico 3, contém uma quantidade elevada de telhas de barro cozido que podem ter formado originalmente um telhado sobre o Poço 1; 2) os blocos de pedra grandes que formavam uma camada no nível estratigráfico 2 (c. 1 m de profundidade) podem ter sido utilizados em alguma atividade associada ao poço (lavar, apoio, etc.); 3) o telhado provavelmente desabou e talvez tenha ocasionado a quebra dos anéis cerâmicos do poço 1; daí o padrão de queda apresentado pelas telhas, cujos cacos estão dispostos horizontalmente com exceção da área dentro do poço em que esse padrão aparece bastante perturbado; 4) o Poço 2, que sabe-se ser mais tardio, poderia ter sido construído poucos anos após a destruição do primeiro; a diferença de altura entre os dois poderia ser explicada por se tratar de uma área de leve declive, o que ocasionaria a sua construção num nível mais baixo que o Poço 1. 5) a feição de depósito natural (dunas de areia) é mais antigo que ambos; 6) embora tais poços sejam datados do período Sātavāhana em outros sítios arqueológicos e existam discordâncias quanto à sua cronologia, a altura em que se encontram parece ser mais tardia, o que indica uma interessante e até então desconhecida continuidade dessa tradição; além disso, o material associado (especialmente a cerâmica) presente nos níveis estratigráficos

associados (2 e 3), não parecem indicar tal período, mas provavelmente os séculos XIII ao XV d.C.

04.02.2005
Seleção, registro e embalagem da cerâmica de diagnóstico dos demais quadrantes (quadras C, D, E) escavados pelas outras equipes durante a etapa 2005. (Rukshana e Cibele)
Descrição dos níveis estratigráficos de todos os perfis do nosso quadrante sudoeste da quadra B.
Embalagem de todo o material arqueológico coletado para transporte para os laboratórios do Deccan College.
Finalização dos trabalhos.

05.02.2005
Viagem de volta ao Deccan College, Pune.

III.2.3.1.3. DESCRIÇÃO DOS NÍVEIS ESTRATIGRÁFICOS:

CHL-V 2005

QUADRA B, SUDOESTE

III. 2.3.1.3.1 PERFIL LESTE (de frente para o oeste)

Camada Húmica — corresponde à primeira camada da escavação, solo de textura argilosa marrom-acinzentado.

1 – Corresponde ao primeiro nível estratigráfico. Escuro com muita sedimentação e fitoturbação; camada bastante perturbada; fragmentos cerâmicos, raízes, pedras e seixos, telhas de barro. Ele se aprofunda na metade e depois afunila.

2 – Corresponde ao segundo nível estratigráfico. Marrom-acinzentado. Semelhante ao nível 1 porém com maior incidência de material de ocupação (habitação) especialmente telhas de barro cozido e fragmentos cerâmicos. Possui muitos blocos de pedra semitrabalhados (pelo menos um dos lados), um único deles pode ser observado no perfil. A queda diagonal do material visto no perfil indica uma grande perturbação desse nível estratigráfico. Ele é interrompido pelo nível um no centro do perfil.

3 – Corresponde ao terceiro nível estratigráfico. Solo de textura arenosa marrom-cinzento-amarelado. Mais largo na lateral nordeste, na qual aparece sobreposto à cova do Poço 2; se torna mais estreito no centro e se aprofunda (forma de cova) no nível 3A junto à lateral sudeste. Contém grande quantidade de depósito habitacional: fragmentos cerâmicos, fragmentos de tijolos, cerâmica vitrificada; ossos humanos (desarticulados) e presença de carvão no canto sudeste. Os fragmentos de tijolo e barro cozido inclinados se aprofundam e descansam sobre a cova do Poço de anéis 2.

3A – Corresponde ao mesmo nível estratigráfico 3, mas apresenta maior compactação. Solo de textura argilo-arenosa, compacto, marrom-amarelado. Poucos artefatos e cerâmica, possíveis intrusões. A cova do Poço de anéis 2 corta esse nível estratigráfico.

5A – Corresponde ao nível estratigráfico formado por depósito natural de textura arenosa, acima da quinta camada estratigráfica, típico de dunas de areia. Apresenta faixas escuras intercaladas a camada claras (areia branca), próximas à cova do Poço de anéis 2. Essa cova corta tais faixas verticalmente. Possui aglomerados de caramujos localizados.

5 – Corresponde ao quinto nível estratigráfico. Arenoso marrom-avermelhado. Depósito natural com intrusões de material cerâmico, ósseo, vítreo, etc.

6 – Corresponde ao sexto nível estratigráfico. Solo estéril, sedimentos de textura arenosa, esbranquiçado. Não há depósitos habitacionais. Recobre a areia fina e compacta (*hard sand* ou *karal*).

3A, 5A, 5, 6 – São cortados verticalmente pela cova do Poço de anéis 2.

III. 2.3.1.3.2 PERFIL NORTE (de frente para o sul)

Camada Húmica — corresponde à primeira camada da escavação, solo de textura argilosa marrom-acinzentado. Nesse perfil é bastante fino e irregular.

1 – Corresponde ao primeiro nível estratigráfico. Escuro com muita sedimentação e fitoturbação; camada bastante perturbada; fragmentos cerâmicos, raízes, telhas de barro. Ele se aprofunda na área nordeste, na qual a quantidade de fragmentos é maior.

2 – Corresponde ao segundo nível estratigráfico. Marrom-acinzentado. Semelhante ao nível 1, porém com maior incidência de material de ocupação (habitação) especialmente telhas de barro cozido e fragmentos cerâmicos. Grande quantidade de telhas orientadas horizontalmente. Ele é bastante largo na área central e alcança os primeiros fragmentos do Poço de anéis 1, nessa região podem ser observados os fragmentos de telhas e cerâmica que preenchem o anel cerâmico fragmentado. Mais compacto no lado nordeste.

3 – Corresponde ao terceiro nível estratigráfico. Solo de textura arenosa marrom-cinzento-amarelado. Aparece interrompido pelo nível 2 no centro do perfil; formado por duas lentes nas laterais do perfil, na altura dos primeiros fragmentos do Poço de anéis 1. A cova do poço pertence ao nível estratigráfico 3, porém o nível 2 desmoronou sobre e dentro do poço. Contém carvão no canto nordeste, sobre a cova do Poço de anéis 2.

5A – Corresponde ao nível estratigráfico formado por depósito natural de textura arenosa, acima da quinta camada estratigráfica, típico de dunas de areia. Possui aglomerados de caramujos localizados. Ver descrição das camadas realizada no dia 24.01.2005.

5 – Corresponde ao quinto nível estratigráfico. Solo de textura arenosa, marrom-avermelhado. Depósito natural com intrusões de material cerâmico, ósseo, vítreo, etc.

6 – Corresponde ao sexto nível estratigráfico. Solo estéril, sedimento de textura arenosa, esbranquiçado. Não há depósitos habitacionais. Recobre a areia fina e compacta (*hard sand* ou *karal*).

5A, 5, 6 – São cortados verticalmente pela cova do Poço de anéis 1.

As covas dos Poços de anéis 1 e 2 parecem a mesma no perfil, mas no solo a cova do Poço de anéis 2 se sobrepõe e invade a cova do Poço de anéis 1. Os anéis cerâmicos evidenciados dos Poços 1 e 2 se aprofundam até o leito d'água. O último anel do Poço de anéis 1 está *in situ*.

III. 2.3.1.3.3. PERFIL OESTE (de frente para o leste)

Camada Húmica – corresponde à primeira camada da escavação, solo de textura argilosa marrom-acinzentado.

1 – Corresponde ao primeiro nível estratigráfico. Escuro com muita sedimentação e fitoturbação; camada bastante perturbada e fina; fragmentos cerâmicos, raízes, pedras e seixos, telhas de barro. Maior quantidade de seixos na lateral sudoeste.

2 – Corresponde ao segundo nível estratigráfico. Marrom-acinzentado. Semelhante ao nível 1 porém com maior incidência de material de ocupação (habitação) especialmente telhas de barro cozido e fragmentos cerâmicos. A concentração desse material aparece na porção inferior da camada, a parte superior apresenta fragmentos e pedras menores.

3 – Corresponde ao terceiro nível estratigráfico. Solo de textura arenosa marrom-cinzento-amarelado. Bastante largo, eleva-se ligeiramente na lateral noroeste, na qual sobrepõe-se ao depósito natural 5A. Na lateral sudoeste aparece sobre o nível 4. Contém grande quantidade de depósito habitacional: fragmentos cerâmicos, fragmentos de tijolos, cerâmica vitrificada, etc.

4 – Corresponde ao quarto nível estratigráfico. Sedimento compacto, marrom-escuro. Apresenta três blocos de pedra achatados que se projetam junto à lateral sudoeste. Contém material cerâmico, ósseo e artefatos.

5A – Corresponde ao nível estratigráfico formado por depósito natural de textura arenosa, acima da quinta camada estratigráfica, típico de dunas de areia. Possui aglomerados de caramujos localizados. Ver descrição das camadas realizada no dia 24.01.2005.

5 – Corresponde ao quinto nível estratigráfico. Solo de textura arenosa marrom-avermelhado. Depósito natural com intrusões de material cerâmico, ósseo, vítreo, etc.

6 – Corresponde ao sexto nível estratigráfico. Solo estéril, sedimento de textura arenosa, esbranquiçado. Não há depósitos habitacionais. Recobre a areia fina e compacta (*hard sand* ou *karal*).

III. 2.3.1.3.4 PERFIL SUL (de frente para o norte)

Camada Húmica — corresponde à primeira camada da escavação, solo de textura argilosa marrom-acinzentado.

1 – Corresponde ao primeiro nível estratigráfico. Escuro com muita sedimentação e fitoturbação; camada bastante perturbada e fina; fragmentos cerâmicos, raízes, pedras e seixos, telhas de barro. Mais compacto que nos demais perfis.

2 – Corresponde ao segundo nível estratigráfico. Marrom-acinzentado. Semelhante ao nível 1 porém com maior incidência de material de ocupação (habitação) especialmente telhas de barro cozido e fragmentos cerâmicos e ossos. Grande perturbação. Ele sela a cova do enterramento presente no nível 3A. O material fragmentado está orientado horizontalmente.

3A – Corresponde ao mesmo nível estratigráfico 3, mas apresenta maior compactação. Solo de textura argilo-arenosa, compacto, marrom-amarelado. Poucos artefatos e cerâmica, possíveis intrusões.
Evidência de atividade de queima na porção central superior do perfil. Contém um enterramento na lateral sudeste. Cortado verticalmente pelo nível 3 no centro do perfil.

3 – Corresponde ao terceiro nível estratigráfico. Solo de textura arenosa marrom-cinzento-amarelado. Bastante largo, sobreposto ao nível 4, recobre a cova da lamparina de terracota cônica. Contém grande quantidade de depósito habitacional: fragmentos cerâmicos, fragmentos de tijolos, cerâmica vitrificada, etc.

4 – Corresponde ao quarto nível estratigráfico. Sedimento compacto, marrom-escuro. Na parte superior central apresenta uma cova em que foi encontrada uma lamparina de terracota cônica projetada no perfil. Nas laterais sudoeste e sudeste aparece interrompido por pequenas lentes do nível 5A. Contém material cerâmico, ósseo e artefatos.

5A – Corresponde ao nível estratigráfico formado por depósito natural de textura arenosa acima da quinta camada estratigráfica, típico de dunas de areia. Nesse perfil aparece do lado sudoeste e sudeste como duas lentes esbranquiçadas.

5 – Corresponde ao quinto nível estratigráfico. Solo de textura arenosa, marrom-avermelhado. Depósito natural com intrusões de material cerâmico, ósseo, vítreo, etc.

6 – Corresponde ao sexto nível estratigráfico. Solo estéril, sedimento de textura arenosa, esbranquiçado. Não há depósitos habitacionais. Recobre a areia fina e compacta (*hard sand* ou *karal*).

Figura 42. Perfil Norte da Quadra B.

Figura 43. Perfil Leste da Quadra B.

Figura 44. Perfil Sul da Quadra B.

Figura 45. Perfil Oeste da Quadra B.

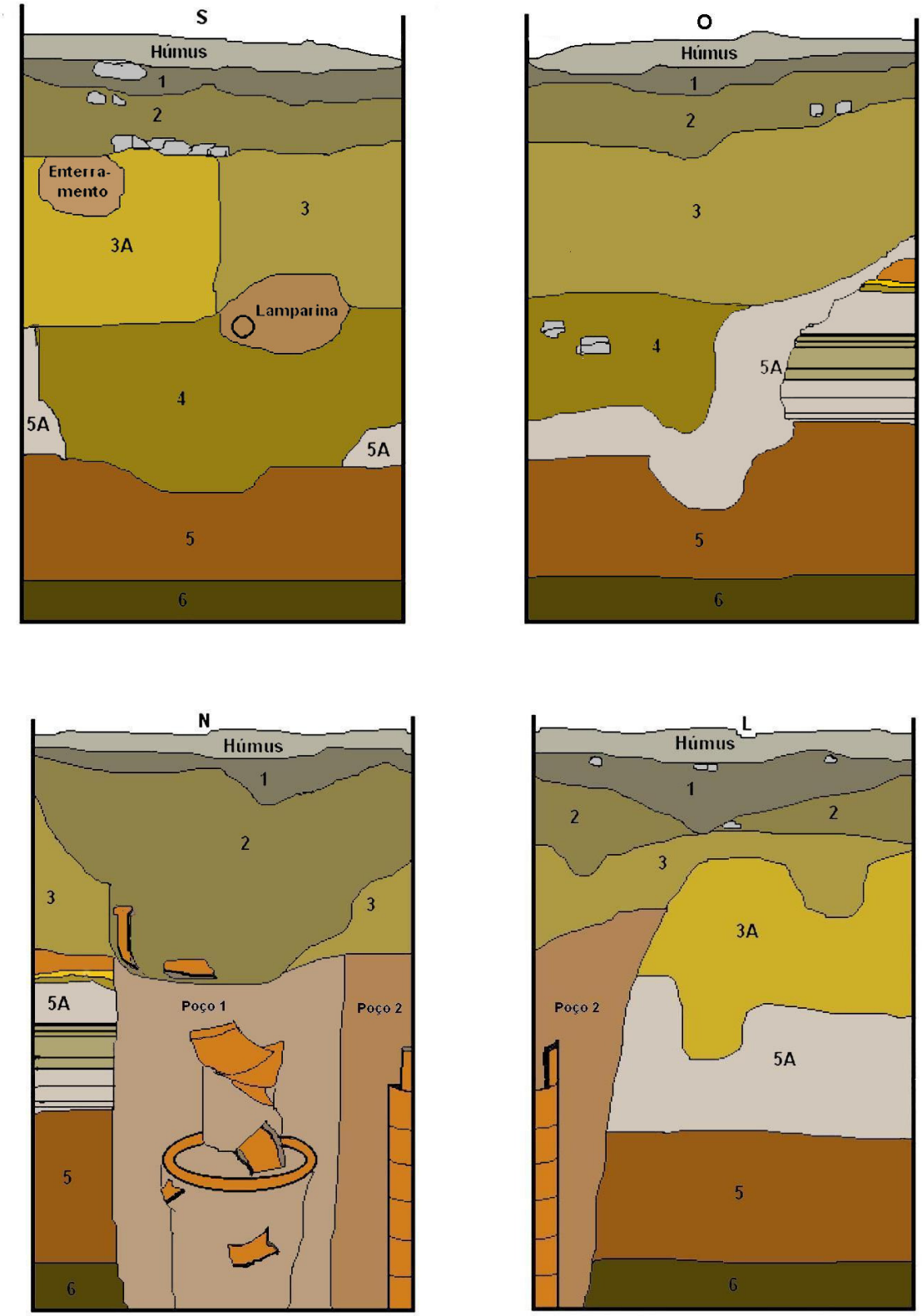


Figura 46. Esquema dos Perfis da Quadra B

2.3.1 **O Material Arqueológico Recuperado na Etapa de 2005**

1. A CERÂMICA

A quantidade e variedade de fragmentos cerâmicos recuperados em Chaul é composta por uma ampla gama de tipos cerâmicos. A cronologia do sítio aparece claramente refletida na estratigrafia cerâmica. Destacaremos, portanto, apenas as tipologias diretamente relacionadas à presente pesquisa e que auxiliam a compreensão da cronologia do sítio.

Embora ainda esteja sendo pesquisada[3], a cerâmica encontrada em Chaul pode ser classificada entre os tipos autóctones e os de origem estrangeira, que por sua vez, foram subdivididos entre aqueles que pertencem às regiões a oeste da Ásia e os chineses.

Entre as cerâmicas estrangeiras temos até agora identificadas: *Sassanian-Islamic Turquoise Glazed Ware; Glazed Pink Ware; Hatched Sgraffiato Ware; Glazed Buff Ware; Buff Ware; White Slipped Pink Ware; Eggshell Ware; White Glazed Ware; Red Slipped Pink Ware; Monochrome Ware*. Os tipos cerâmicos chineses incluem: Porcelana (lisa); Porcelana (azul e branca); Celadon; *Stoneware* (faiança); *Glazed Gray Ware*. Os tipos autóctones estão representados pelas: *Slipped Red Ware; Slipped Grey Ware; Chocolate Slipped Ware; Red Ware; Compact Red Ware; Red Polished Ware; Black and Red Ware; Mica Washed Red Ware; Slipped Black Ware; Black Polished Ware; Monochrome Glazed Ware*.

O nível estratigráfico inferior apresentou fragmentos da **Cerâmica Preta e Vermelha** (BRW – *Black and Red Ware*) e também da **Cerâmica Preta Polida** (BPW – *Black Polished Ware*), encontrados entre os vestígios correspondentes ao nível estratigráfico 5, anterior à camada de solo de textura arenosa e estéril 6.[4] Esses dois tipos cerâmicos são muito freqüentes na Índia antiga e diretamente associadas ao período da Dinastia Maurya (séculos III-II a.C.) e à planície do Ganges, na região de Magadha, na qual foram produzidos.

[3] O material vem sendo pesquisado por Rukshana Nanji, doutoranda do Deccan College.

[4] Fragmentos desses dois tipos cerâmicos foram encontrados na quadra CHL-B, junto à cova dos poços de anéis cerâmicos e, em seguida, entre o material do nível estratigráfico correspondente – (estrato 5).

O uso da cerâmica BPW teve início por volta do ano 500 a.C. e foi descontinuado por volta do ano 200 a.C. o que a torna um vestígio importante na datação de sítios arqueológicos da Índia antiga. A cerâmica BPW é geralmente encontrada em baixa quantidade, o que faz pensar que possivelmente se tratava de um item luxuoso e importado da região do Ganges[5]. Fragmentos desse tipo cerâmico foram encontrados com freqüência em escavações arqueológicas em áreas distantes da bacia gangética, nas quais aparece associado à cerâmica BRW. A existência desses vestígios em Chaul é de grande interesse, pois demonstra o contato entre a sua região de origem e a costa oeste do subcontinente indiano, uma indicação de trocas comerciais durante a Antiguidade. A ocupação habitacional presente no nível estratigráfico 5 de Chaul pôde, por isso, ser associada ao período Maurya.

No nível estratigráfico associado ao período Sātavāhana foram encontrados fragmentos de **Cerâmica de Engobo Vermelho** (*SRW – Slipped Red Ware*), cujo uso é atestado desde o período Maurya e a origem associada à planície gangética[6]. Tal gênero cerâmico pode ter sido trazido à costa oeste por mercadores ou pelos monges budistas que vieram do norte da Índia nos primeiros séculos antes da era Cristã e cuja presença está confirmada pelas grutas budistas próximas ao sítio arqueológico de Chaul, descritas anteriormente. Esse tipo cerâmico aparece associado à **Cerâmica Polida Vermelha** (RPW – *Red Polished Ware*). Embora esta tenha sido encontrada em vários sítios do Golfo Pérsico e do Oceano Índico e associada à cerâmica islâmica do início do Período Histórico e, em alguns casos, à cerâmica chinesa, a Cerâmica Vermelha Polida, encontrada em Chaul, aparece, na Índia, associada a níveis estratigráficos relativos ao século I d.C., ela é utilizada como marco cronológico para comprovar contatos comerciais entre essas regiões. Análises mineralógicas mostraram que esse tipo cerâmico, de textura uniforme, é composto de tempero idêntico à argila encontrada numa região da costa oeste indiana, identificada como Ariaque no *Périplo do Mar Eritreu*[7].

Outro tipo cerâmico bastante característico do período Sātavāhana é representado pelos vasos e bases de copos cônicos e com base estreita, cujas laterais apresentam marcas circulares corrugadas, tempero de argila vermelha com fábrica de textura grosseira. Em Chaul

[5] Ver Huntington (1985, p. 33-34).
[6] Gogte (1996; 2002) observou que esse tipo cerâmico foi durante longo tempo confundido com exemplares tardios provenientes da costa africana, mas análises químicas confirmaram que ele está associado mineralogicamente à cerâmica e à argila da Planície do Ganges, no norte da Índia.
[7] Ver Gogte (2002).

a cerâmica típica Sātavāhana pertence ao nível estratigráfico (4), associado aos séculos I-II d.C. e ainda está presente naquele relativo aos séculos V-VII d.C. Alguns desses copos foram encontrados em Chaul[8], associados a um crânio humano[9] e a fragmentos de ânforas romanas, que serão tratados mais a frente.

O horizonte cerâmico seguinte (3), em Chaul, começa a apresentar sugestões de cerâmica vitrificada de origem estrangeira e peças de faiança chinesa grosseira, indicando o possível início da fase de intensa atividade comercial com o leste asiático que se seguiu.[10] A **Porcelana** chinesa é o tipo cerâmico mais abundante em Chaul e pertence ao período da dinastia Ming, do século XIV d.C. O **Celadon** ou *qingzhi* é o segundo tipo de cerâmica chinesa mais recorrente no sítio de Chaul. Esse material começou a ser produzido durante o período Song, no século X d.C., e sua produção teve continuidade durante o período Yuan[11].

A tipologia da ***Cerâmica Vitrificada*** islâmica, recorrente a partir do século XIV, incluem vasos grandes para armazenamento de cereais, potes e vasilhas de tamanhos variados, pratos e copos. Esse tipo cerâmico apresenta diferentes cores, especialmente azul turquesa, verde, amarelo, marrom e tons arroxeados; a maior parte possui pintura monocroma, mas alguns fragmentos revelaram desenhos geométricos ou florais executados em traços livres, geralmente em com preta. O gênero cerâmico *Sgraffiato*[12], caracterizado por uma mescla de tons de verde, amarelo e vermelho com pseudo-escrita incisa, aparece com freqüência nos níveis estratigráficos superiores de Chaul e pertence ao período islâmico Mamluk — 1250-1516 d.C., sendo, portanto, contemporâneo da porcelana Ming. O gênero cerâmico S*ilhouette*, de origem islâmica e anterior às tipologias mencionadas acima, também foi encontrada. Sua

[8] Três tipos de copos foram encontrados em Chaul, são eles: 1) o primeiro com 18 cm de diâmetro na borda, 4,5 cm na base e 8 cm de altura; 2) o segundo com 12 cm de diâmetro na borda, 5,8 cm na base e 8 cm da altura; 3) o terceiro com 12 cm de diâmetro da borda, 4 cm na base e 4,5 cm de altura. O primeiro tipo de copo é recorrente em todos os sítios do período Sātavāhana no oeste da Índia.

[9] A análise realizada pelos professores S.R Walimbe e V. Mushrif, do laboratório do Deccan College aparece em Gogte (2003, p. 72-73).

[10] A faiança vitrificada, a porcelana azul e branca e o celadon chineses, associados aos níveis estratigráficos mais tardios, aparecem também em grandes quantidades espalhados pela superfície do sítio de Chaul, devido à fitoturbação ocasionada pelo cultivo intensivo da região. O cultivo do solo associado à natureza arenosa do mesmo causou, em alguns casos, a intrusão do material arqueológico nos níveis estratigráficos inferiores.

[11] A porcelana Ming é caracterizada pelas variações de pintura em tons de azul escuro sobre fundo branco ou branco-azulado; o tipo de formas mais recorrentes parecem ter sido pratos e tigelas; foram encontrados alguns fragmentos com ideogramas e selos de fabricação que confirmam a cronologia da época Ming; a variedade de temas nas pinturas inclui motivos decorativos geométricos, florais, animais, figuras humanas, arquitetura e paisagens. O celadon é caracterizado por peças monocromáticas, cuja massa cinzenta contém caulino e, sobretudo, pelo emprego de um verniz à base de óxido de cobre que ao ser aplicado na totalidade da peça, produz uma tonalidade entre verde-oliva, verde-pálido ou verde-mar (mais raramente amarela, branca ou preta); por vezes acompanhados de pintura decorativa em tons de verde mais escuro, ou incisões na massa a reproduzir temas florais, ou ainda um fino craquelado no verniz. Ver Joppert (1985); Baguena (1993).

[12] Ver Bienkowski (1996, p. 85).

importância reside no fato de possuir datação precisa e possibilitar estabelecer uma cronologia mais acurada. Essa cerâmica é proveniente da região do Irã e Iraque e datada dos séculos XI e XII d.C. Trata-se de um tipo de cerâmica vitrificada com fundo azul turquesa e desenho linear preto.

Fragmentos de uma cerâmica imitação da porcelana Ming, produzidos no período islâmico, também são encontrados na superfície e níveis estratigráficos superiores. O fragmento, feito de cerâmica de fábrica mais grosseira, recebia um acabamento externo vitrificado nas cores correspondentes à porcelana — azul e branco[13].

Figura 47. Fragmentos de cerâmica de engobo vermelho (*RSW*), do período Maurya

Figura 47. Cerâmica do período Sātavāhana.

[13] Rukshana Nanji nos informou, durante a etapa de campo, que os muçulmanos nunca foram capazes de produzir a porcelana e por isso recorriam a essa imitação. Jopert (1985) mencionou uma técnica semelhante, chamada Chamottage, na qual se acrescenta à terracota um tipo de cerâmica pulverizada como têmpera, dando-lhe aspecto vulgarmente envernizado.

Figuras 48 e 49. Fragmentos de cerâmica *sgrafiatto* do período islâmico

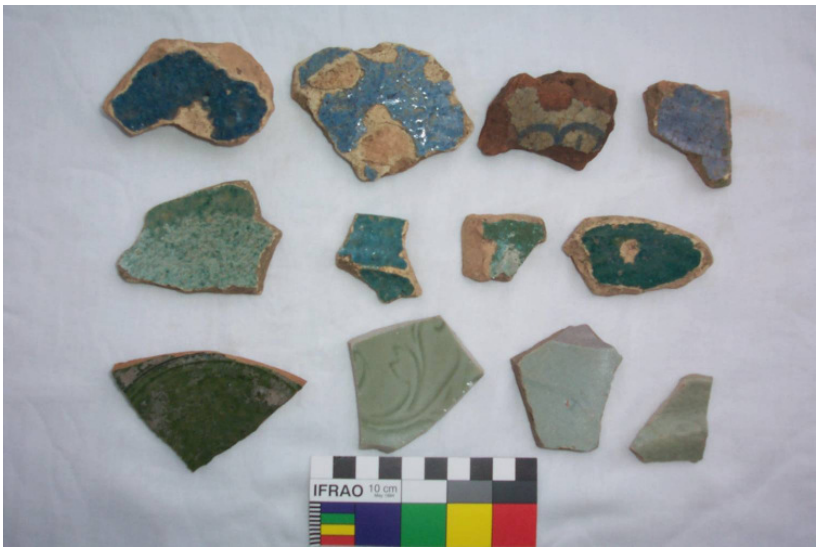


Figura 50. Fragmentos de cerâmica monocroma do período islâmico e de Celadon chinês.

Figuras 51 e 52. Fragmentos de porcelana Ming.

2. OS POÇOS DE ANÉIS CERÂMICOS

Uma grande quantidade de fragmentos de **poços de anéis cerâmicos** — *ringwells* —, foi encontrada em Chaul. Eles aparecem de modo recorrente durante a abertura de covas para construção de poços modernos. Os *ringwells* eram elaborados por meio da sobreposição e encaixe de grandes anéis cerâmicos, que partiam da base da cova escavada até a superfície do terreno. Há alguns anos acreditava-se que os *ringwells* fossem apenas fossas sépticas, mas a descoberta dessas estruturas em outros sítios arqueológicos do Deccan e Konkan, que alcançavam os lençóis freáticos, esclareceu e ampliou o conhecimento a seu respeito[14]. Sabe-se que eles começaram a ser construídos nessas regiões durante o período Sātavāhana tardio, por volta do século III d.C. Em Chaul, a quadra CHL-V apresentou dois desses poços[15] que atravessavam o *karal* e chegavam ao lençol freático. O nível estratigráfico em que se encontra o anel cerâmico superior do Poço 1, nesta quadra, permite inferir que a utilização desse tipo de estrutura se prolongou até os períodos mais tardios, no mínimo, até os séculos XIII e XIV d.C., e é compatível com a cerâmica *sgraffiatto* e porcelana *ming* associadas, o que indica uma continuidade, até então desconhecida, na produção e uso desse tipo de estrutura.

3. EDIFICAÇÕES

Durante a etapa de campo de 2005, foi encontrada, na quadra CHL-A, uma estrutura de pedra e, logo abaixo, uma base murada de tijolos com tamanho semelhante aos utilizados no período Sātavāhana, de dimensões uniformes (40 X 27 X 8 cm). A construção acompanhava a direção norte-sul e a altura da base de tijolos era de 85 cm, encontrava-se sobreposta a uma fundação sólida de pedras com 1 m de altura. O material associado incluiu cerâmica dos séculos VII ao XII d.C. Uma moeda Kṣtrapa, de chumbo, foi encontrada na fundação. Cerâmica Vermelha e Negra (BRW) foi encontrada no nível estratigráfico inferior, em uma cova calcificada aberta no solo de textura arenosa e estéril (6).

---

[14] Esses poços recorrem em sítios da costa leste como Nevasa, Bhon, Sanjan,ver Sankalia et al. (1960); Gupta et al. (2004), bem como em Taxila, Mathura, Hastinapur, Kausambi e Rajghat no norte da Índia, e Tamluk, Mangalkot, Itakhola e Pakhanna em Bengala (PANDE, 1964; JOSHI, 1990; DATTA, 2001). A origem mesopotâmia dos ringwells foi sugerida por Pande (1964), cuja existência data do quarto milênio a.C.; a tradição foi mantida durante o período Aquemênida (JOSHI, 1990) e teria sido trazida à Índia nessa época.

4.VIDRO

Uma grande quantidade de material vítreo foi recuperada durante as escavações, em especial contas e braceletes de vidro, assim como fragmentos de pequenas vasilhas ou garrafas de vidro e, em menor número, anéis simples de vidro.[16]

A escavação da quadra CHL-V permitiu constatar um centro medieval de produção de contas de vidro. O principal tipo de conta encontrado em Chaul são as miçangas coloridas, chamadas ***Indo-Pacific Glass Beads*** ou *Trade Wind Beads.* Tais contas são pequenas e arredondadas com diâmetro variado, entre 1,5 a 5 mm, e encontradas nas seguintes cores: preto, azul escuro, azul claro, azul-esverdeado, verde, amarelo e vermelho. Elas eram manufaturadas na Índia e exportadas desde o ano 200 a.C. até o século XVII d.C. Essa tipologia foi encontrada em sítios arqueológicos em toda a costa do Oceano Índico, no sul e leste da África, as contas eram transportadas por navios de comerciantes árabes, indianos e chineses. Há narrativas que mencionam o monopólio de Chaul na produção de contas de vidro que eram exportadas para África durante o período mais tardio de ocupação, entre os séculos XV a XVIII d.C.[17]

Outros tipos de contas de vidro também foram encontrados em Chaul, embora em menor quantidade. Dentre as mais expressivas estão as ***Melon beads***, caracterizadas pelo formato de melão e cor azul escura com incisões no comprimento. Esse tipo de conta é característico do período Sātavāhana e foi encontrado nos sítios de Kholapru, Chandravalli, Kondapur e Karad[18], bem como em Arikamedu[19]. Embora em menor número, existe uma quantidade considerável de contas lapidadas em pedras semipreciosas (cristal, calcedônia, cornalina, ametista e granada) e terracota.

---

[15] Os anéis possuem cerca de 30 a 50 cm de altura, 75 cm de diâmetro e 3 cm de espessura, com a borda superior mais larga com c. 6 cm. O poço 1 possuiu cerca 3,5 m de altura. Algumas considerações sobre os dois poços cerâmicos podem ser encontradas no relatório de campo, mais à frente.

[16] As quantidades encontradas em cada nível estratigráfico podem ser observadas na tabela anexa.

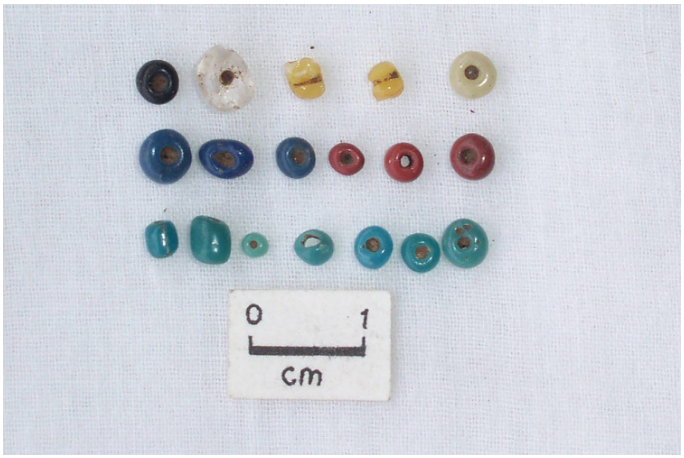
[17] Ver Dubin (1995, p. 184); e *Maharashtra State Gazetteer* (1964, p. 726). O material cerâmico encontrado em sítios da costa oeste indiana e leste africana confirma a existência de interação e o comércio marítimo desde o século VIII d.C. Durante as explorações em Chaul foram encontradas espécies arbóreas provenientes da costa leste da África, que reforçam a evidência de contatos comerciais (GOGTE, 2003). Entre elas, um *Bao Bab* (*Adasonia digital L.*), chamado em Mahārāṣṭra de *Ghorakh Chinch*, encontrado na base da montanha em que estão as grutas budistas e cujas dimensões sugerem uma idade superior a oitocentos anos. Outra árvore bastante comum na região de Chaul e típicamente africana é a árvore da fruta pão (*Artocarpus communis*). A análise química das contas de vidro foi realizada em 2005 pelo prof. Gogte e a publicação integral dos resultados está prevista para 2006.

[18] Ver Sankalia e Dikshit (1952,p. 102).

[19] Ver Wheeler et al. (1946: pr.XXXIII); Stern (1991, p. 119).

Os **braceletes** de vidro possuem tipologia variada. Dentre eles estão os azul escuros, semicirculares, encontrados em depósitos do início do período histórico em Nevasa[20]. Os braceletes chatos, com camadas amarelas e laranjas incisas e com contas ao redor; e outros translúcidos com camada superior esverdeada e inferior amarelada, pertencem ao período Medieval tardio e foram também encontradas em Kolhapur[21].

A maior parte dos fragmentos de vasilhas de vidro, encontrados em Chaul, possui cor, tratamento da superfície e formato variados; as cores variam do verde claro ao escuro, do azul claro ao escuro, transparente, amarelo e branco opaco. Muitos desses recipientes antigos possuem camadas sucessivas de pátina iridescente, que também variam de cor, textura e espessura, na maior parte com aspecto de madrepérola. Em grande parte desses fragmentos, a pátina encontra-se em estado extremamente friável; tal pátina é resultado de uma reação das camada externa do vidro em contato prolongado com o solo em que a peça ficou soterrada. Poucos fragmentos passíveis de diagnóstico foram encontrados, entre eles algumas bordas, pescoços e bases de garrafas. Também foram encontrados pequenos nódulos de escória e fragmentos de vidro fundido que aparentemente restaram da fabricação desses produtos.



Figuras 51 e 52. Contas de vidro.

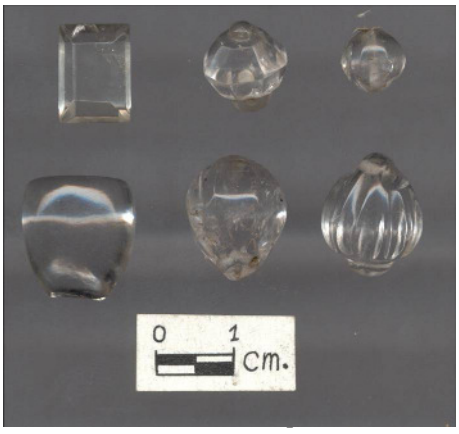
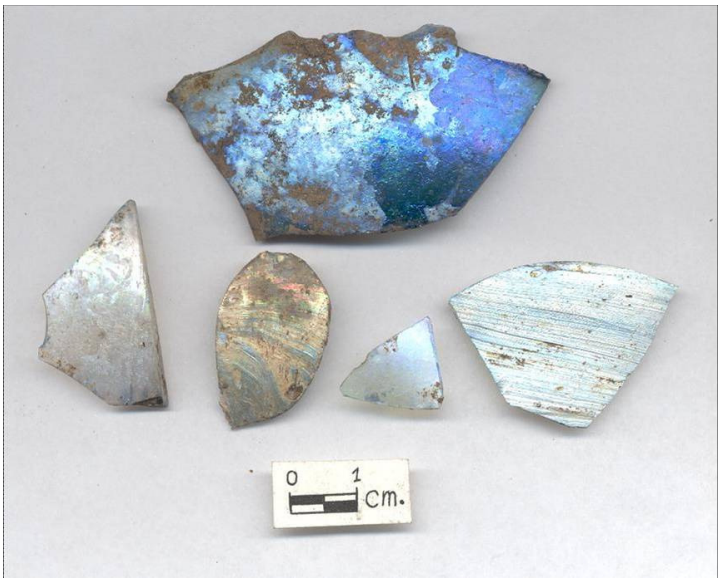


Figura 53. Contas de cristal.

BRACELETES MEDIEVAIS

Figuras 54 e 55. Braceletes de vidro e braceletes medievais.



Figuras 56 e 57. Fragmentos de garrafas de vidro.

5. METAIS

Os objetos em ferro encontrados em Chaul são principalmente cravos, espátulas, pinças, pontas-secas, ponta de seta, cinzéis, facas e lâminas, anéis e rolos de arame; alguns instrumentos, ferramentas e fragmentos não identificados[22]. Alguns pedaços de escória de ferro também são encontrados na superfície do sítio; um dos pedaços encontrados estava fundido à porcelana chinesa. Parece provável que os instrumentos em ferro estejam associados ao período Medieval tardio e, possivelmente, à manufatura de colares de contas de vidro. Também foram encontrados alguns objetos em cobre em menor quantidade, como tigelas oxidadas, um anel completo, pedaços de arame e fragmentos não-identificados.

As moedas encontradas no sítio pertencem aos períodos Sātavāhana, Mahārathī e Bahamani[23]. Durante a etapa 2005, foram encontradas cinco moedas, na quadra CHL-V, todas de cobre e oxidadas, o que impossibilitou uma identificação preliminar; a quadra CHL-A forneceu exemplares em melhor estado de conservação[24].

6. MATERIAL LÍTICO

Na etapa de campo de 2003 foram escavados dois almofarizes-pedestais — *saddle quern*, com quatro pernas de pedra, um maior associado ao período Sātavāhana (48 X 18,5 X 20,5cm) e um menor do início do período Medieval (42 X 11, 5 X 16,5 cm), ambos de basalto; exemplos semelhantes foram encontrados em Kolhapur[25]. Um terceiro exemplar, sem pernas e com uma plataforma quadrada como base foi encontrado próximo da superfície provavelmente datado do período Medieval tardio; um almofariz similar foi encontrado em Paturda, mas associado ao século VIII d.C.[26].

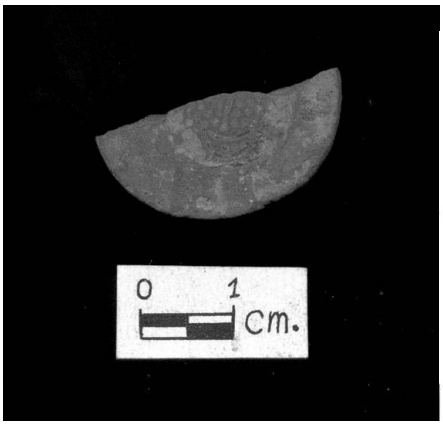
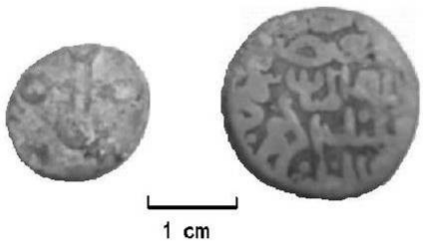
Alguns fragmentos de vasilhas de pedra foram encontrados durante a exploração de superfície e nos níveis estratigráficos superiores da quadra CHL-D. O material lítico encontrado na quadra CHL-V inclui: um pedestal de pedra, quatro mãos-de-pilão, três almofarizes e uma bobina de pedra.

---

[22] A maior parte deles foi encontrada na quadra CHL-B, cujas quantidades podem ser verificadas na tabela anexa.
[23] Ver tabela em Gogte (2003, p. 71).
[24] As moedas encontradas durante essa etapa de campo vem sendo analisadas pelo prof. Abhijit Dandekar, especialista em numismática e paleografia do *Deccan College*. Sobre as alianças políticas entre os Mahārathī e os Sātavāhana, ver Ray (2003, p. 145-146).
[25] Ver Sankalia e Dikshit (1952, p. 130).
[26] Gogte (2003, p. 72).

Figuras 58 e 59. Fragmentos de artefatos de ferro.

Figuras 60 e 61. Fragmentos de artefatos de cobre e de escória de ferro.

Figuras 62 e 63. Fragmentos de um cunho e moedas dos períodos Sātavāhana e Bahamani.

Figuras 64 e 65. Fragmentos de artefatos líticos.

Figuras 66 e 67. Fragmentos de artefatos de marfim e conchífero.

Figuras 68. Fragmentos de mica

7. TERRACOTA

Entre os objetos de terracota encontrados na quadra CHL-V estão onze discos de terracota, um molde de moeda (cunho), uma lamparina (*deepmaala*), um objeto cilíndrico e algumas contas. Tais artefatos não são numerosos e além deles existem outros materiais que, embora pouco expressivos, apresentam potencial de datação como as pedras preciosas; o entalhe em cristal; o molde cerâmico com desenho floral;e os fragmentos de mica com desenho de estrela.

8. VESTÍGIOS HUMANOS

O crânio humano encontrado em boas condições de preservação e associado ao nível estratigráfico do período Sātavāhana pertenceu a um indivíduo adulto do sexo masculino, com aproximadamente 35 anos de idade[27]. Um sepultamento humano foi encontrado na etapa de campo 2005, durante a escavação da quadra CHL-V a 1,36 m de profundidade, junto ao canto SE do quadrante e próximo do perfil sul deste mesmo. A disposição do enterramento seguia orientação norte-sul, o corpo fletido em decúbito lateral direito; o topo da cabeça ao norte; o rosto voltado para oeste[28]. O enterramento difere dos padrões normalmente encontrados que seriam: a cremação entre os hindus; e a inumação, em posição estirada frontal, entre os muçulmanos. A área adjacente à quadra CHL-V possui um cemitério islâmico, no qual se encontra o *dargah*, mencionado anteriormente, do período Medieval Tardio, em que se encontra uma grande quantidade de lápides de pedra, espalhadas por toda parte, mas com maior recorrência na porção sul junto à quadra CHL-V. É possível que o sepultamento tenha sido realizado por tribais, mas é necessária uma análise mais aprofundada das formas de deposição praticadas entre os tribais da região, que acrescida dos dados provenientes das análises osteológicas permitirão uma interpretação mais precisa.

---

[27] A análise foi realizada pelos professores S. R Walimbe e V. Mushrif, do laboratório do *Deccan College* a partir dos padrões estabelecidos em Buikstra-Uberlaker (1994), resultados publicados por Gogte (2003, p. 72-73).

[28] Os membros inferiores se encontravam no quadrante que se estendia a partir do perfil sul e por isso não puderam ser recuperados. Durante a escavação do esqueleto, cujas dimensões somavam aproximadamente 18 cm X 35 cm, ficou evidenciada a cova do enterramento, de formato quase retangular e cujas dimensões aproximadas somam 46 X 62cm. O solo da cova era friável e de tonalidade amarelada, foram encontrados apenas alguns cacos cerâmicos associados aos restos humanos. Essa cova encontra-se no nível estratigráfico 3 e termina junto ao estrato 2. Todos os 32 dentes estavam presentes o que indica que se trata de um indivíduo adulto, a abrasão presente nos molares poderia ser decorrência da alimentação proveniente do mar. Os metacarpos e falanges encontravam-se em posição que indica que tenham estado curvados para dentro.

9. AS ÂNFORAS ROMANAS

Entre os fragmentos de ânforas romanas escavados em Chaul, três foram identificados com os tipos Dressel 2-4 ou Will 12:

- Uma alça dupla, tempero de textura arenosa avermelhado, com inclusões negras, pequenos fragmentos de mica e superfície creme. A alça é idêntica àquela encontrada em Nevasa (n.4420 A, nível 4). Também é semelhante à categoria 'b' de ânforas Dressel 2-4 encontradas em Qana no Yemen[29].
- Uma base, tempero de textura arenosa creme avermelhado, inclusões negras, pequenos fragmentos de mica e superfície creme. As características conferem com a ânfora de alças duplas encontrada em Nevasa (no. 4426, nível 4). Também se assemelha em parte com as categorias 'a' e b' de ânforas Dressel 2-4 encontradas em Qana.
- Fragmento do corpo da ânfora, tempero coloração rosada sem inclusões, mas com um pouco de mica. Superfície com camada creme esbranquiçada. Características semelhantes a um fragmento de alça dupla encontrado em Nevasa (no.439, nível 4) e um fragmento de ânfora romana encontrado em Junnar, Mahārāṣṭra. Confere com a categoria 'a' das ânforas Dressel 2-4 de Qana.

Os fragmentos de ânfora Dressel 2-4, encontrados em Chaul, são bem semelhantes àqueles escavados em Nevasa, o que permite supor que a chegada desses recipientes até esta cidade tenha se dado pelo porto de Chaul via Junnar e Kārlī, por meio do estreito Borghat.[30] A localização do sítio portuário de Chaul numa área intermediária das rotas marítimas entre o ocidente e oriente colocou-o numa posição comercial estratégica. Qana estava a uma distância menor de Chaul que dos demais portos da costa oeste da Índia. O *Périplo do Mar Eritreu* menciona que os navios que chegavam à Índia, primeiro ancoravam em Barugaza, em seguida passavam por Soppara e Kalliena, até chegar a Chaul. Durante o início do século I d.C., as disputas entre o Ksatrapas de oeste, que governavam o Gujarate e partes de Mahārāṣṭra, e os Sātavāhana, que dominavam Mahārāṣṭra e Andhra Pradesh, provavelmente trouxe instabilidade política à região da costa do Gujarate. Assim, é possível que nesse período os navios ocidentais tenham evitado os portos mais ao norte e rumado diretamente para Chaul.

Durante a etapa 2005, foram encontrados novos fragmentos de uma ânfora romana na quadra CHL-V. Entre eles está uma alça e partes do corpo do vaso que estão sendo

[29] Sedov (1998) datou tais tipos de ânfora entre os séculos I e III d.C. e Will (1992) datou ânforas semelhantes entre os séculos I a.C. e I d.C. O sítio de Qana, no saída do Mar Vermelho, poderia ser uma importante escala durante essa época, para as embarcações que seguiam até Chaul e os demais portos da costa oeste da Índia.

analisados para verificação de procedência e datação. A presença de fragmentos de ânforas no sítio de Chaul puderam comprovar uma intensa atividade comercial entre Roma e Índia a partir do século I a.C., época de florescimento do império Sātavāhana na região oeste indiana.

Figuras 69 e 70. Fragmentos de ânforas romanas.

2.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora se tratem de resultados parciais, as evidências coletadas durante as etapas de campo de 2003 a 2005 confirmaram a teoria de uma ocupação contínua do sítio de Chaul por mais de 2000 anos: desde o período Maurya — século III-II a.C., até o final do século XVII d.C., pois, com exceção do nível estratigráfico (6) estéril, todos os demais apresentaram uma quantidade expressiva e ininterrupta de vestígios arqueológicos.

A dinâmica das trocas comerciais com o Império Romano, Pérsia, China e costa leste da África mencionadas nas fontes textuais foram comprovadas pelas evidências arqueológicas coletadas durante as etapas de campo. Chaul também possui grande potencial para compreensão das relações comerciais existentes entre o antigo porto e os sítios do planalto, como Paithan, Nevasa, Junnar e Nasik em Mahārāṣṭra, bem como com os sítios costeiros do Gujarate e Malabar (Kerala).

A análise do material arqueológico presente nos níveis estratigráficos associados aos períodos Sātavāhana e Medieval Inicial, ou pós-Sātavāhana — entre os séculos III e X d.C., dos quais não existe muita informação histórica, certamente trará novos e importantes resultados. A presença de grutas budistas associadas ao sítio de Chaul — datadas dos séculos I

[30] Nevasa foi um dos maiores sítios históricos do período Sātavāhana escavados pelo *Deccan College* (Sankalia et al. 1960), cujos contatos comerciais com o mundo romano e o Golfo Pérsico foram confirmados pelos vestígios cerâmicos.

a.C. ao II d.C. insere, por sua vez, essa paisagem sagrada na dinâmica das trocas comerciais da região do Konkan e Deccan, durante o período Sātavāhana. A existência de grutas budistas, ao longo das antigas rotas comercias, e a relação entre monges budistas e mercadores é reconhecida há mais de um século, pois, como vimos, em troca de abrigo para as caravanas, os comerciantes faziam donativos para construção das grutas, comprovados pelas inscrições recorrentes encontradas nos conjuntos monásticos. Nesse sentido, as grutas budistas podem ser utilizadas como marcos para traçar as antigas rotas comerciais que ligavam Chaul no litoral do Konkan ao planalto do Deccan[31].

Uma análise preliminar a respeito do declínio do sítio portuário de Chaul indica que este esteve possivelmente associado a dois fatores principais: um geomorfológico, a mudança gradual do curso do leito do rio Kundalika, atualmente com cerca de 1 quilômetro de depósito de aluvião, o assoreamento progressivo inviabilizou com o passar do tempo a chegada de navios de grande porte até o porto de Chaul; e um segundo político, ocorrido a partir do período em que os britânicos firmaram seu monopólio do comércio marítimo e escolheram Bombaim (Mumbai) como principal porto para suas transações internacionais, o desenvolvimento intenso dessa região portuária contribuiu diretamente para o declínio gradual dos demais portos comerciais da costa oeste, entre eles, Chaul.

A pesquisa e a análise aprofundada do material arqueológico ainda se encontra em desenvolvimento. Novas etapas de campo estão previstas para 2006, o que certamente trará resultados novos e importantes para a compreensão das principais questões políticas, econômicas e religiosas que permearam a história do sítio arqueológico de Chaul, na Índia antiga.

[31] Ver as rotas recentemente propostas por Marathe (1999-2000).

CHAUL 2005 -

CHL-V , Quadra B, Quadrante Sudoeste

Data	Nível Estratigráfico	Lote	Profundidade no quadrante	Profundidade na cova do Poço 1
06.01.2005	1	2101	0,14 m.	
06.01.2005	1	2102	0,23 m.	
07.01.2005	1	2103	0,29 m.	
08.01.2005	1	2104	0,38 m.	
08.01.2005	1	2105	0,45 m.	
08.01.2005	1	2106	0,53 m.	
08.01.2005	1	2107	0,65 m.	
10.01.2005	2	2108	0,83 m.	
10.01.2005	2	2109	0,93 m.	
10.01.2005	2	2110	0,99 m.	
11.01.2005	2	2111	1,09 m.	
12.01.2005	3	2112	1,18 m.	
12.01.2005	3	2113	1,30 m.	
13.01.2005	3	2114	1,36 m.	
15.01.2005	3	2115	1,47 m.	
17.01.2005	3	2116	1,53 m.	
17.01.2005	3	2117	1,60 m.	
18.01.2005	3	2118	1,63 m.	
18.01.2005	3	2119	1,68 m.	
19.01.2005	4	2120	1,79 m.	
20.01.2005	4	2121	1,84 m.	
20.01.2005	4	2122	1,95 m.	
21.01.2005	4	2123	2,08 m.	
24.01.2005	4	2124	2,13 m.	
24.01.2005	4	2125	2,17 m.	
24.01.2005	4	2126	2,29 m.	
25.01.2005	4	2127	2,41 m.	2,26 m.
26.01.2005	4	2128	2,49 m.	
26.01.2005	5	2129	2,60 m.	
27.01.2005	5	2130	2,75 m.	2,48 m.
28.01.2005	5	2131	2,93 m.	
29.01.2005	5	2132	3,00 m.	2,63 m.
29.01.2005	5	2133	3,10 m.	2,80 m.
30.01.2005	5	2134	3,27 m.	3,10 m.
31.01.2005	5	2135	3,55 m.	3,27 m.
01.02.2005	5	2136	3,74 m.	3,42 m
01.02.2005	5	2137	3,89 m.	3,77 m.
01.02.2005	6	2138	4,06 m.	
02.02.2005	6	2139	4,15 m.	
03.02.2005	6	2140	4,22 m.	4,22 m.

CHAUL 2005
Plotagem Grutas Budistas

GRUTAS BUDISTAS	hdddºmm'ss.s"	UTM/UPS	Observações:
Kuda	N 18º17'10.4" EO 73º04'21.1" (epe 8m)	43Q 0296251 UTM 2022936	Grutas voltadas para sul e sudoeste
Mahad	N 18º05'13.2" EO 73º24'15.2" (epe 7m)	43Q 0331131 UTM 2000549	Grutas voltadas para leste
Gomasi	N 18º27'57.6" EO 73º17'53.4" (epe 3m)	43Q 0320296 UTM 2042597	1 única gruta com imagem do Buda e 1 cisterna, voltada para oeste
Bhājā	N 18º43'46.2" EO 73º28'52.5" (epe 4m)	43Q 0339879 UTM 2071588	*Caitya* hall voltado para o sul
Kārlī	N 18º47'00.5" EO 73º28'13.4" (epe 5m)	43Q 0338787 UTM 2077570	*Caitya* hall voltado para sudoeste, grutas para oeste
Kānheri	N 19º12'30.1" EO 72º54'18.2" (epe 4m)	43Q 0279743 UTM 2125215	109 grutas budistas; *caitya* hall voltado para oeste
Kondivite (Mahākali)	N 19º09'27.2" EO 72º53'28.2" (epe 5m)	43Q 0278214 UTM 2119610	Antigas grutas budistas, voltadas para sul
Ajaṇṭā	N 20º33'05.9" EO 75º41'56.4" (epe 2m)	43Q 0572862 UTM 2272693	28 grutas budistas voltadas para sul e sudeste
Ellora	N 20º01'11.5" EO 75º10'42.1" (epe 5m)	43Q 0518655 UTM 2213697	Grutas hindus, budistas e jainistas. Voltadas oeste
Chaul I	N 18º34'05.8" EO 72º56'49.2" (epe 4m)	43Q 0283333 UTM 2054305	6 grutas. Voltadas para oeste.
Chaul II	N 18º34'06.2" EO 72º56'53.1" (epe 7m)	43Q 0283448 UTM 2054316	Duas grutas e um banco. Para o sudeste.
Chaul III	N 18º33'53.8" EO 72º57'10.3" (epe 3m)	43Q 0283947 UTM 2053928	Uma gruta com um estupa. Para o sul.

CHAUL 2005
Plotagem da escavação e principais ruínas arquitetônicas

Descrição	hdddºmm'ss.s"	UTM/UPS	Observações:
Chaul – Gruta budista 1	N 18º34'05.8" EO 72º56'49.2" (epe 4m)	43Q 0283333 UTM 2054305	Grutas, duas cisternas e um estupa em alto-relevo
Chaul 1 - Quadra B	N 18º33'19.5" EO 72º56'23.2" (epe 7m)	43Q 0282554 UTM 2052889	Primeira quadra aberta nessa etapa (2005)
Chaul 2 - Quadra C Terreno de Appa Patil	N 18º33'13.7" EO 72º56'18.6" (epe 8m)	43Q 0282417 UTM 2052712	Segunda quadra aberta nessa etapa (2005)
Chaul 3 – Gruta budista 2	N 18º34'06.2" EO 72º56'53.1" (epe 7m)	43Q 0283448 UTM 2054316	duas grutas (vihara) e um banco
Chaul 4 – Quadra D	N 18º33'12.4" EO 72º56'26.6" (epe 8m)	43Q 0282652 UTM 2052670	Terceira quadra aberta nessa etapa (2005)
Chaul 5 – dois arcos junto ao mangue	N 18º33'11.4"	43Q 0282691	próximos da quadra D

	EO 72º56'28.0" (epe 9m)	UTM 2052638	
Chaul 6 – Estrutura islâmica	N 18º33'13.4" EO 72º56'25.4" (epe 8m)	43Q 0282616 UTM 2052700	Próxima da quadra D (moradia?)
Chaul 7 – Poço	N 18º33'14.1" EO 72º56'16.4" (epe 8m)	43Q 0282352 UTM 2052723	Local em que foi feita a primeira estratigrafia (crânio)
Chaul 8 – Estrutura arquit. desmoronada	N 18º33'19.7" EO 72º56'15.4" (epe 5m)	43Q 0282325 UTM 2052898	Próxima da casa do Pansare
Chaul 9 – Ponte e antigo dique	N 18º33'23.1" EO 72º56'13.0" (epe 5m)	43Q 0282257 UTM 2053003	Estrutura
Chau 10 – Estrutura islâmica	N 18º33'15.5" EO 72º56'23.3" (epe 5m)	43Q 0282556 UTM 2052766	Talvez uma pequena mesquita
Chau 11 – Portão desmoronado	N 18º33'15.6" EO 72º56'22.1" (epe 8m)	43Q 0282520 UTM 2052770	Em arco, na esquina que leva à casa do Ashish
Chau 12 – Dargah, Túmulo muçulmano	N 18º33'20.2" EO 72º56'20.0" (epe 5m)	43Q 0282460 UTM 2052912	em cemitério islâmico
Chau 13 – Haman Khana Estrutura islâmica	N 18º33'18.7" EO 72º56'23.2" (epe 7m)	43Q 0282553 UTM 2052865	Grandes Banhos, na rua dos Patil
Chau 14 – Estrutura islâmica	N 18º33'19.7" EO 72º56'27.2" (epe 6m)	43Q 0282671 UTM 2052894	Grande estrutura (Palácio ?) na rua dos Patil
Chau 15 – Quadra A	N 18º33'18.5" EO 72º56'25.2" (epe 5m)	43Q 0282612 UTM 2052856	(etapa 2004) no terreno dos Patil
Chau 16 – Poço antigo	N 18º33'14.5" EO 72º56'26.9" (epe 6m)	43Q 0282661 UTM 2052735	Próximo à quadra D
Chau 17 – Bastilhão 1	N 18º33'13.9" EO 72º56'33.5" (epe 8m)	43Q 0282854 UTM 2052714	Forte, próximo ao templo das Saptamatrika
Chau 18 – Templo das Saptamatrika	N 18º33'14.3" EO 72º56'36.8" (epe 7m)	43Q 0282951 UTM 2052724	Na frente do forte
Chau 19 – Poço antigo	N 18º33'12.9" EO 72º56'37.0" (epe 8m)	43Q 0282957 UTM 2052680	Na frente do templo, dentro do forte
Chau 20 – Estrutura dentro do forte	N 18º33'12.6" EO 72º56'36.9" (epe 6m)	43Q 0282952 UTM 2052671	Ruína de uma parede com duas janelas, perto do poço
Chau 21 – Grande edifício	N 18º33'11.1" EO 72º56'35.9" (epe 7m)	43Q 0282924 UTM 2052625	Dentro do forte, junto à antiga margem do rio
Chau 22 – Bastilhão 3	N 18º33'11.2" EO 72º56'38.4" (epe 5m)	43Q 0282997 UTM 2052628	No final do forte, lateral esquerda
Chau 23 – Bastilhão 2	N 18º33'11.9" EO 72º56'33.5" (epe 2m)	43Q 0282855 UTM 2052652	Na frente do bastilhão 1, junto à antiga margem do rio
Chau 24 – Estrutura pequena	N 18º33'13.3" EO 72º56'34.4" (epe 7m)	43Q 0282881 UTM 2052695	Dentro do forte
Chau 25 – Quadra E	N 18º33'15.9" EO 72º56'27.5" (epe 6m)	43Q 0282680 UTM 2052777	Segunda quadra aberta nessa etapa (2005)
Chau 26 – Masjid	N 18º33'09.5" EO 72º56'19.0" (epe 5m)	43Q 0282427 UTM 2052582	Mesquita junto à antiga margem do rio
Chau 27 – Estrutura junto à antiga margem do rio	N 18º33'10.1" EO 72º56'22.7" (epe 8m)	43Q 0282535 UTM 2052598	Muro antigo muito extenso descoberto durante a plotagem
Chau 28 - Gruta budista 3	N 18º33'53.8" EO 72º57'10.3" (epe 3m)	43Q 0283947 UTM 2053928	Uma gruta com um estupa

Plotagem da margem do antigo leito do rio Kundalika

Descrição	hdddºmm'ss.s"	UTM/UPS	Observações:
Wall 1	N 18º33'17.4" EO 72º56'14.2" (epe 3m)	43Q 0282289 UTM 2052826	Junto à árvore baniyan próxima à casa do Pansare
Wall 2	N 18º33'17.2" EO 72º56'13.8" (epe 4m)	43Q 0282276 UTM 2052820	Margem (11 passos)
Wall 3	N 18º33'16.9" EO 72º56'14.4" (epe 4m)	43Q 0282296 UTM 2052811	Margem (20 passos)
Wall 4	N 18º33'16.3" EO 72º56'14.8" (epe 8m)	43Q 0282308 UTM 2052793	Margem (20 passos)
Wall 5	N 18º33'15.1" EO 72º56'15.8" (epe 6m)	43Q 0282336 UTM 2052755	Esquina das duas ruas (Amith X Masjid) (45passos)
Wall 6	N 18º33'14.2" EO 72º56'15.1" (epe 3m)	43Q 0282316 UTM 2052729	Lateral do pequeno templo, na rua que vai para o Masjid, casa nº1203 (50 passos)
Wall 7	N 18º33'12.8" EO 72º56'14.6" (epe 7m)	43Q 0282301 UTM 2052685	A rua faz uma curva para esquerda (50 passos)
Wall 8	N 18º33'12.5" EO 72º56'16.7" (epe 4m)	43Q 0282362 UTM 2052675	A rua termina numa propriedade, existem terrenos entre ela e a margem, c.50m (40 passos)
Wall 9	N 18º33'10.1" EO 72º56'16.6" (epe 5m)	43Q 0282357 UTM 2052602	Margem do antigo leito do rio dentro da plantação de cocos (100 passos)
Wall 10	N 18º33'10.2" EO 72º56'17.2" (epe 4m)	43Q 0282375 UTM 2052606	Margem do antigo leito do rio (30 passos)
Wall 11	N 18º33'10.0" EO 72º56'18.2" (epe 3m)	43Q 0282404 UTM 2052599	Margem do antigo leito do rio (40 passos)
Wall 12	N 18º33'09.6" EO 72º56'18.8" (epe 7m)	43Q 0282422 UTM 2052586	Ligeira curvatura para direita, chega à área do Masjid (40 passos)
Wall 13	N 18º33'08.9" EO 72º56'18.7" (epe 5m)	43Q 0282418 UTM 2052563	Canto do antigo leito do rio, lado direito do Masjid (30 passos)
Wall 14	N 18º33'08.7" EO 72º56'19.3" (epe 3m)	43Q 0282435 UTM 2052557	Árvore baniyan grande na margem do antigo leito do rio na frente do Masjid (40 passos)
Wall 15	N 18º33'08.1" EO 72º56'20.3" (epe 8m)	43Q 0282466 UTM 2052539	Canto do antigo leito do rio, lado esquerdo do Masjid (20 passos)
Wall 16	N 18º33'10.2" EO 72º56'21.0" (epe 5m)	43Q 0282487 UTM 2052603	Final da área do Masjid (84 passos)
Wall 17	N 18º33'10.3" EO 72º56'21.7" (epe 4m)	43Q 0282507 UTM 2052606	Ao longo da margem do antigo leito do rio (curvado) (40 passos)
Wall 18	N 18º33'09.6" EO 72º56'22.3" (epe 3m)	43Q 0282526 UTM 2052584	Final da curva / estrada sobre o mangue (20 passos)
Wall 19	N 18º33'10.2" EO 72º56'23.8" (epe 7m)	43Q 0282569 UTM 2052602	Canto esquerdo da área (45 passos)
Wall 20	N 18º33'10.6" EO 72º56'23.2" (epe 5m)	43Q 0282550 UTM 2052615	Final da área / continua (curva à esquerda) (15 passos)
Wall 21	N 18º33'10.5" EO 72º56'24.5" (epe 4m)	43Q 0282588 UTM 2052612	Linha reta na margem do antigo leito do rio (18 passos)
Wall 22	N 18º33'10.9" EO 72º56'25.1" (epe 3m)	43Q 0282607 UTM 2052625	Junto à uma estrutura antiga e blocos de pedra retangulares (30 passos)

Wall 23	N 18º33'11.0" EO 72º56'26.0" (epe 5m)	43Q 0282632 UTM 2052626	Parte do muro de pedras junto à margem do antigo leito do rio (45 passos)
Wall 24	N 18º33'11.3" EO 72º56'27.1" (epe 3m)	43Q 0282665 UTM 2052634	Muro de pedras junto ao *jetty* (quebra-mar) (40 passos)
Wall 25	N 18º33'11.6" EO 72º56'27.9" (epe 5m)	43Q 0282688 UTM 2052645	Canto do muro de pedras (que inicia a 10 passos dos arcos) (25+8+10 passos)
Wall 26	N 18º33'12.1" EO 72º56'28.6" (epe 4m)	43Q 0282710 UTM 2052659	Canto do muro de pedras (vira para esquerda/ dentro) (40 passos)
Wall 27	N 18º33'12.6" EO 72º56'28.6" (epe 3m)	43Q 0282712 UTM 2052675	Final do muro de pedras / inicio da curva para direita (40 passos)
Wall 28	N 18º33'13.4" EO 72º56'29.8" (epe 5m)	43Q 0282747 UTM 2052699	Parte do muro de pedras e estrutura antiga desmoronada (1 arco/1domo) (50 passos)
Wall 29	N 18º33'13.6" EO 72º56'31.5" (epe 3m)	43Q 0282795 UTM 2052703	Linha contínua (levemente curva) (50 passos)
Wall 30	N 18º33'14.3" EO 72º56'32.9" (epe 4m)	43Q 0282837 UTM 2052727	Curva para dentro e chega-se ao canto do antigo muro que vai direto ao Bastilhão 1 do forte (50 passos)

Plotagem da estrada que circunda o sítio (Chitala Devi Road)

Descrição	hdddºmm'ss.s"	UTM/UPS	Observações:
Ponte com dique antigo (Chaul 9)	N 18º33'23.1" EO 72º56'13.0" (epe 7m)	43Q 0282257 UTM 2053003	Início da plotagem
Road 1	N 18º33'23.6" EO 72º56'18.9" (epe 8m)	43Q 0282431 UTM 2053016	Primeira esquina da estrada que leva ao sítio Há uma estrutura em ruínas (mesquita?) nesse local (à direita)
Road 2	N 18º33'24.7" EO 72º56'22.2" (epe 7m)	43Q 0282525 UTM 2053048	Segunda esquina à esquerda (Templo Golba Devi)
Road 3	N 18º33'26.2" EO 72º56'26.8" (epe 5m)	43Q 0282663 UTM 2053092	Na frente do Sri Rama Krishna Janata Hotel
Road 4	N 18º33'26.7" EO 72º56'29.9" (epe 3m)	43Q 0282753 UTM 2053108	Curva para direita, estrada se divide
Road 5	N 18º33'18.4" EO 72º56'35.0" (epe 5m)	43Q 0282901 UTM 2052852	Curva para esquerda, Templo de Chitala Devi
Chau 18 – Templos das Saptamatrika	N 18º33'14.3" EO 72º56'36.8" (epe 8m)	43Q 0282951 UTM 2052724	Templo das Saptamatrika